Brasil Econômico

www.brasileconomico.com.br
mobile.brasileconomico.com.br

SEXTA-FEIRA, 16, E FIM DE SEMANA, 17 E 18 DE JULHO, 2010 | ANO 2 | Nº 225 | DIRETOR **RICARDO GALUPPO** | DIRETOR ADJUNTO **COSTÁBILE NICOLETTA** R$ 3,00

Arrecadação Economia em alta faz receita com tributos bater recorde novamente em junho. P14

Inovação Sistema criado na Unicamp reconhece legumes e frutas, facilitando as compras. P18

Futebol Palmeiras ganha dois patrocinadores que garantem a contratação de **Felipão**. P28

Rafael Neddermeyer

No Outlook, o cineasta Domingos Oliveira fala de velhice, cinema e sexo

Espírito Santo terá polo gás-químico da Petrobras

Novo complexo foi anunciado por Lula no início da operação comercial do pré-sal capixaba

A estatal informou ontem que construirá um polo gás-químico no Espírito Santo para utilizar a produção de gás natural da região. A previsão é de que o projeto seja instalado no município de Linhares. A divulgação foi feita durante evento que marcou o início da produção contínua de petróleo da camada pré-sal no Campo de Baleia Franca (ES), no qual o presidente Lula ainda anunciou a criação de um fundo para reinvestimento dos recursos a serem adquiridos com o pré-sal. P34

Ricardo Stuckert/PR

Presidente Lula, José Sergio Gabrielli *(à dir.)* e o governador Paulo Hartung *(à esq.)* comemoram o início da produção do petróleo do pré-sal

INDICADORES 15.7.2010

TAXAS DE CÂMBIO	COMPRA	VENDA
▲ Dólar Ptax (R$/US$)	1,7682	1,7690
▲ Dólar comercial (R$/US$)	1,7700	1,7720
▲ Euro (R$/€)	2,2826	2,2838
▲ Euro (US$/€)	1,2909	1,2910
▲ Peso argentino (R$/$)	0,4488	0,4497
JUROS	**META**	**EFETIVA**
■ Selic (a.a.)	10,25%	10,16%
BOLSAS	**VAR. %**	**ÍNDICES**
▲ Bovespa - São Paulo	0,02	63.489,37
▼ Dow Jones - Nova York	-0,07	10.359,31
▼ Nasdaq - Nova York	-0,03	2.249,08
▲ S&P 500 - Nova York	0,12	1.096,48
▼ FTSE 100 - Londres	-0,80	5.211,29
▼ Hang Seng - Hong Kong	-1,48	20.255,62

Corretora do Banrisul corre atrás de clientes institucionais

A instituição obteve, no mês passado, acesso pleno na BM&FBovespa. Trata, agora, de melhorar sua posição no ranking de corretoras para disputar a prestação de serviço para investidores, como gestoras e fundos de pensão. A Banrisul Corretora ocupava a 63ª colocação em junho. P42

Parcerias Público-Privadas se reinventam na área de serviços

As PPPs, com início tímido em obras de infraestrutura, passaram a ser adotadas em serviços prestados pelo Estado, como presídios, hospital público e Poupatempo. Também há contratos para centro de dados e hotel. P4

Indústria apreensiva com o fim de subsídios

O Programa de Sustentação do Investimento, do BNDES, completa um ano este mês, respondendo por desembolsos de R$ 46,5 bilhões. A indústria de máquinas prevê demissões caso seja extinto, mas a decisão final ficará para o próximo governo. P12

Mercado de bônus continua aquecido

A emissão de bônus de empresas brasileiras no mercado internacional deve continuar aquecida, pelo menos, até 2012. Segundo Ian Fuchsloch, vice-presidente do Bank of New York Mellon, há cerca de US$ 37 bilhões em bônus para vencer até 2013. P40

NESTA EDIÇÃO

Em alta

Marcela Beltrão

Rede Energia se conecta ao entorno de Belo Monte

O Pará, onde o grupo atua através da Celpa, receberá investimentos da ordem de R$ 3,5 bilhões até 2014, divididos em cinco projetos, entre eles o Calha Norte, no qual serão apicados R$ 700 milhões para conectar o Pará à região de Parintins, no Amazonas. Com isso, serão desativadas dez termoelétricas, movidas a óleo. **Carmem Campos Pereira**, presidente da Rede Energia, lembra que o grupo atua em localidades que crescem acima do PIB, o que resulta em recursos e atenção redobrada. "Ligamos a média de 250 mil clientes por ano. Equivale a adquirir uma empresa por ano", diz. P22

Arrecadação no semestre chega a R$ 382,9 bilhões

O aumento real, deflacionado pelo IPCA, é de 12,48% na comparação com igual período de 2009. "Não teremos recuo, principalmente, pelo efeito estatístico e a base deprimida do ano passado, mas sim percentuais menores de alta nos próximos meses", alerta Fernando Rezende, da FGV. A receita com o Imposto de Renda somou R$ 102,18 bilhões no semestre, equivalente a 26,69% do total. Cofins e PIS/Pasep somaram R$ 83,76 bilhões, correspondendo a 21,87% do volume arrecadado. No mês de junho, houve alta de 8,65%, com desaceleração em relação aos 14,50% e e 15,07% de aumento da arrecadação em abril e maio. P14

Rafael Neddermeyer

Felipão, Banif e Parmalat, os novos reforços do Palmeiras

Luiz Felipe Scolari foi apresentado, ontem, oficialmente, como o novo técnico do time do Parque Antarctica, juntamente com os novos patrocinadores, cujos contratos vão garantir um salário em torno de R$ 700 mil para Filipão. O banco português Banif e a Parmalat — os novos reforços no time de patrocínios — se juntam à Fiat (que substitui a Samsung), Unimed Seguros, Heineken Brasil, Adidas, GE, Visa e Gatorade. Rogério Dezembro, diretor de marketing do Palmeiras, anuncia para os próximos dias um novo contrato de patrocínio da manga da camisa do time. "Há mais oportunidades a serem exploradas", explica Dezembro. P28

Henrique Manreza

Romi desiste da oferta pela Hardinge

"Vamos dar prioridade, agora, a projetos que vínhamos analisando em paralelo", afirma **Livaldo Aguiar dos Santos**, presidente da fabricante de máquinas ferramentas. P24

Indústria apreensiva com o fim do PSI

Programa de Sustentação do Investimento, do BNDES, contratou operações no valor R$ 69 bilhões até o último dia 5, mas deverá ser desativado no fim do ano. P12

Justiça Eleitoral avalia impugnações

Expectativa do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é de que entre 10% e 15% dos candidatos sejam excluídos do pleito de outubro, com base na lei da Ficha Limpa. P16

Henrique Manreza

Um identificador de frutas e legumes

Equipamento, de grande utilidade principalmente em caixas de supermercados, foi desenvolvido pelo professor Anderson de Rezende Rocha, da Unicamp. P18

Cai exportação de carne industrializada

Veto americano, em maio, provoca queda de 34% no volume exportado em junho em relação a um ano antes. A receita caiu 32%, para US$ 38,8 milhões. P17

Salário carioca se aproxima do paulista

Mudança é motivada pelo aquecimento da economia, constata a 2GE, consultoria de recrutamento de executivos de alta gerência. Cariocas recebiam até 30% menos. P20

KK tenta reerguer vendas da Komatsu

A representante da empresa japonesa, entre outras medidas, irá importar diretamente peças de reposição para reduzir o custo de manutenção para os usuários. P25

HP lança a rede sobre clientes da Cisco

Estratégia está sendo desenvolvida com a aquisição da 3Com, em novembro de 2009, cuja marca foi extinta, passando a se chamar HP Networking. P26

Ricardo Stuckert/PR

Espírito Santo terá polo gás-químico

O anúncio foi feito na cerimônia que marcou o início da produção do óleo do pré-sal no Campo de Baleia Franca, com a presença do presidente **Luiz Inácio Lula da Silva**. P34

Cartada política em defesa do Morumbi

O governador Alberto Goldman e o prefeito Gilberto Kassab tentarão convencer Ricardo Teixeira, presidente da CBF, a abrir a Copa de 2014 no estádio do São Paulo F. C. P29

Hotéis para fanáticos por tecnologia

Serviços de internet sem fio, televisão de plasma, e iPhone como chave do apartamento estão entre os atrativos para hóspedes que dão prioridade ao critério inovação. P32

Mercado de emissão de bônus em alta

Ian Fuchsloch, vice-presidente do Bank of New York Mellon, acredita que a boa fase perdura, pelo menos, até 2012. CSN, Gol, e BM&FBovespa estão entre as emissões recentes. P40

PIB cresce 10,3% no segundo trimestre

Embora se mantenha acima dos dois dígitos, a expansão da economia chinesa, ficou abaixo da estimativa de 10,5% dos economistas, e dos 11,9% do primeiro trimestre. P46

A FRASE

"A criação de empregos é uma alta prioridade da política monetária"

Janet Yellen, nomeada pelo presidente Barack Obama para a vice-presidência da Federal Reserve (Fed), em sabatina no Senado. "Quando chegar o momento, devemos retirar as medidas monetárias extraordinárias em vigor, de uma maneira prudente e determinada", acrescentou.

Andrew Harrer/Bloomberg

Marcela Beltrão

TICO SAHYOUN, PROPRIETÁRIO DA GRIFE LOS DOS

"É preciso saber a hora exata de agir", diz Tico Sahyoun, dono da Los Dos que inaugura a quarta loja em dois anos de operação e foi convidado a levar a marca para os Estados Unidos. Larissa Riquelme, a paraguaia musa da Copa de 2010, estrela uma de suas campanhas. ➥ P30

EDITORIAL

Governo e empresas unidos nos serviços

A instituição das Parcerias Público-Privadas (PPP), que entraram em vigor no final de 2004, foi celebrada na época como uma nova fase para a infraestrutura nacional. Pré-Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), acreditava-se que a iniciativa privada conseguiria preencher o lugar do governo e financiar grandes obras.

Não foi o que aconteceu. Até hoje, há menos de 20 projetos na área, grande parte deles referentes a construções. No total, os investimentos somam cerca de R$ 4 bilhões. Se divididos pelos últimos três anos — prazo em que as obras realmente começaram a ser erguidas — os investimentos são de R$ 1,2 bilhão, ou somente 1% do total alocado em infraestrutura no país como um todo.

> Empresas podem livrar o governo de lidar com serviços para os quais não tem mostrado competência

As PPPs, no entanto, parecem estar ganhando uma sobrevida ou, como escreve a repórter Juliana Elias no amplo levantamento que fez sobre a questão, "uma espécie de segunda geração de contratos". Dessa vez, as parcerias são direcionadas para os serviços. São obras como hospitais, centros de dados, presídios e até mesmo hotéis. Seria possível acreditar que colocar a iniciativa privada para gerir centros públicos de atendimento a doentes ou o governo a gerenciar hotéis fosse, no mínimo, contrário à vocação de cada um deles.

Não é, porém, como os analistas e especialistas vêm as parcerias. Para eles, a mão empresarial pode ultrapassar problemas, como as burocracias da administração pública, ao mesmo tempo que livra o governo de lidar com serviços para os quais não tem mostrado competência — como no caso explícito das penitenciárias. Com um controle efetivo do Estado, espera-se que a iniciativa privada acrescente a esses benefícios a qualidade do serviço.

Para voltar ao caso das penitenciárias, as empresas que vão gerenciar os complexos que estão sendo construídos em Minas Gerais e em Pernambuco precisam seguir estritamente um cardápio que sumiu das prisões governamentais, apesar de previsto pela legislação brasileira. Presos terão direito a acompanhamento médico, psicológico, odontológico e jurídico, além de acessórios de higiene e uniformes. ■

Brasil Econômico

redacao@brasileconomico.com.br

Brasil Econômico é uma publicação da Empresa Jornalística Econômico S.A.

Presidente do Conselho de Administração Maria Alexandra Mascarenhas Vasconcellos

Diretor-Presidente José Mascarenhas
Diretor-Vice-Presidente Ronaldo Carneiro

Diretores Executivos Alexandre Freeland e Ricardo Galuppo

Redação, Administração e Publicidade Avenida das Nações Unidas, 11.633 - 8º andar, CEP 04578-901, Brooklin, São Paulo (SP), Tel. (11) 3320-2000. Fax (11) 3320-2158

Diretor de Redação Ricardo Galuppo
Diretor Adjunto Costábile Nicoletta

Editores Executivos Arnaldo Comin, Fred Melo Paiva, Gabriel de Sales, Jiane Carvalho, Thaís Costa **Produção Editorial** Clara Ywata **Editores** Fabiana Parajara e Rita Karam *(Empresas)*, Carla Jimenez *(Brasil)*, Cristina Ramalho *(Outlook e FS)*, Laura Knapp *(Destaque)*, Marcel Salim *(On-line)*, Márcia Pinheiro *(Finanças)* **Subeditores** Claudia Bozzo *(Brasil)*, Estela Silva, Isabelle Moreira Lima *(Empresas)*, Luciano Feltrin *(Finanças)*, Maeli Prado *(Projetos Especiais)*, Phydia de Athayde *(Outlook e FS)* **Repórteres** Amanda Vidigal, Ana Paula Machado, Ana Paula Ribeiro, Bárbara Ladeia, Carlos Eduardo Valim, Carolina Alves, Carolina Pereira, Cintia Esteves, Claudia Bredarioli, Conrado Mazzoni, Daniela Paiva, Denise Barra, Domingos Zaparolli, Dubes Sônego, Elaine Cotta, Fabiana Monte, Fábio Suzuki, Felipe Peroni, Françoise Terzian, Gabriel Penna, João Paulo Freitas, Juliana Elias, Karen Busic, Luiz Henrique Ligabue, Luiz Silveira, Lurdete Ertel, Marcelo Cabral, Maria Luiza Filgueiras, Mariana Celle, Mariana Segala, Marina Gomara, Martha S. J. França, Michele Loureiro, Micheli Rueda, Natália Flach, Natália Mazzoni, Nivaldo Souza, Paulo Justus, Pedro Venceslau, Priscila Machado, Regiane de Oliveira, Ruy Barata Neto, Thais Folego, Vanessa Correia **Brasília** Simone Cavalcanti, Sílvio Ribas **Rio de Janeiro** Daniel Haidar, Ricardo Rego Monteiro

Arte Pena Placeres *(Diretor)*, Betto Vaz *(Editor)*, Cassiano de O. Araujo, Evandro Moura, Letícia Alves, Maicon Silva, Paulo Argento, Renata Rodrigues, Renato B. Gaspar, Tania Aquino, *(Paginadores)* **Infografia** Alex Silva *(Chefe)*, Anderson Cattai, Monica Sobral **Fotografia** Antonio Milena *(Editor)*, Marcela Beltrão (Subeditora), Henrique Manreza, Murillo Constantino *(Fotógrafos)*, Angélica Bueno, Fabiana Nogueira, Thais Moreira *(Pesquisa)* **Webdesigner** Rodrigo Alves **Tratamento de imagem** Henrique Peixoto, Luiz Carlos Costa **Secretaria/Produção** Shizuka Matsuno

Jornalista Responsável Ricardo Galuppo

Departamento Comercial Heitor Pontes *(Diretor Executivo)*, Solange Santos *(Assistente Executiva)*

Publicidade Comercial Gian Marco La Barbera *(Diretor)*, Juliana Farias, Renato Frioli, Valquiria Resende, Wilson Haddad *(Gerentes Executivos)*, Márcia Abreu *(Gerente)*, Alisson Castro, Bárbara de Sá, Celeste Viveiros, Edson Ramão, Vinícius Rabello *(Executivos de Negócios)*, Andreia Luiz *(Assistente)*

Publicidade Legal Marco Panza *(Diretor Comercial)*, Ana Alves, Carlos Flores, Marco Aleixo *(Executivos de Negócios)*, Andreia Luiz *(Assistente)*

Departamento de Marketing Evanise Santos *(Diretora)*, Samara Ramos *(Coordenadora)*

Operações Cristiane Perin *(Diretora)*

Departamento de Mercado Leitor Flávio Cordeiro *(Diretor)*, Nancy Socegan Geraldi *(Assistente Diretoria)*, Carlos Madio *(Gerente Negócios)*, Rodrigo Louro *(Gerente MktD e Internet)*, Giselle Leme *(Coordenadora MktD e Internet)*, Silvana Chiaradia *(Coordenadora Tmkt ativo)*, Alexandre Rodrigues *(Gerente de Processos)*, Denes Miranda *(Coordenador de Planejamento)*

Central de atendimento e venda de assinaturas 4007 1127 (capitais) 0800 600 1127 (demais localidades). De segunda a sexta-feira, das 7h às 20h. atendimento@brasileconomico.com.br

TABELA DE PREÇOS

Assinatura Nacional

Trimestral	Semestral	Anual
R$ 147,50	R$ 288,00	R$ 548,00

Condições especiais para pacotes e projetos corporativos
(circulação de segunda a sexta, exceto nos feriados nacionais)

Impressão:
Editora O Dia S.A. (RJ)
Oceano Ind. Gráfica e Editora Ltda. (SP/MG/PR/RJ)
FCâmara Gráfica e Editora Ltda. (DF/GO)
RBS - Zero Hora Editora Jornalística S.A. (RS/SC)

DESTAQUE PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA

Depois de infraestrutura, PPP

Várias iniciativas de Parcerias Público-Privadas estão sendo licitadas ou aplicadas para a construção de

Juliana Elias
jelias@brasileconomico.com.br

Quando a lei que instituiu as Parcerias Público-Privadas (PPPs) no país foi promulgada, no final de 2004, alardeou-se a nova modalidade como uma panaceia para o déficit crônico do governo em investir em infraestrutura. Passados quase seis anos, o modelo mal emplacou nas grandes obras, mas já começa a apontar para uma espécie de segunda geração de contratos: a de parcerias firmadas na área de serviços.

São empreendimentos que vão desde centro de dados até utilidades a princípio impensáveis em um modelo privado, como presídios e hospitais, e outras, por outro lado, conceitualmente incompatíveis com a participação pública, como hotéis.

Trata-se de um rumo inusitado para uma alternativa pensada a princípio como uma forma de viabilizar projetos que exigem investimentos pesados e não conseguem ser arcados pelo Estado sozinho. É o caso de rodovias, hidrelétricas, aeroportos, ferrovias e outros, os primeiros a serem explorados por PPPs logo depois da lei.

> Trata-se de um rumo inusitado para uma alternativa para viabilizar projetos que exigem investimentos pesados e não conseguem ser arcados pelo Estado sozinho

Investimento social

"No caso dos serviços, o principal custo está na administração, não na obra", define o sócio de PPP da KPMG no Brasil, Maurício Endo. "A necessidade de erguer uma obra é trocada pelo objetivo de prestar um serviço de forma eficiente, com qualidade", explica. É o que em países como Inglaterra, Espanha e Portugal, pioneiros na legislação de PPPs, convencionou-se chamar de "infraestrutura social". Nestas regiões, já há diversas instalações públicas abastecidas pela iniciativa privada, como hospitais, presídios, tribunais, escolas e outros – todos devidamente gratuitos.

Hoje, no Brasil, não há nenhum empreendimento em funcionamento, mas os projetos inaugurais foram leiloados recentemente ou estão em processo de licitação. Pioneiros, dois grandes complexos prisionais foram contratados em junho do ano passado, um pelo governo de Minas Gerais e outro pelo de Pernambuco, que devem ficar prontos em 2011.

LEIA MAIS

A iniciativa privada pode ajudar a resolver uma das piores questões da administração pública: os presídios. Espera-se que a falta de vagas e de direitos humanos acabe.

Complexidade da lei, limitação de recursos e falta de familiaridade fazem com que governos prefiram abrir licitação a fazer projetos por PPP, dizem especialistas.

Há menos de 20 PPPs em infraestrutura, com investimento anual de R$ 1,2 bilhão em três anos. Corresponde a apenas 1% dos investimentos totais na área.

Fernando Vivas/Ag. A Tarde

Hospital do Subúrbio, em Salvador, é a primeira PPP em saúde do país, e deve começar a funcionar em até 90 dias

chega aos serviços

presídio, pronto-socorro, universidade e até hotel

Em fevereiro, a Bahia realizou o primeiro leilão na área de saúde: o Hospital do Subúrbio, um pronto-socorro que atenderá a periferia de Salvador, teve a construção concluída esta semana e tem três meses para começar a funcionar, sob a batuta do consórcio vencedor.

Atendimento

Em maio, foi a vez de o governo federal, por meio do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, contratar uma empresa para instalar e gerir um novo centro de dados para os bancos.

Ainda em Minas, está marcado para segunda-feira o leilão para a administração de uma Unidade de Atendimento Integrada (UAI) – espaço que reúne em um só lugar os principais serviços de atendimento do Estado, no modelo criado pelos Poupatempos paulistas.

Há duas semanas foi aberto o edital para a exploração de um hotel de luxo em um prédio desativado do governo, no centro de Belo Horizonte. Já está pronto também o estudo para a construção e manutenção de um novo campus para a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), adiado, no entanto, para o próximo ano por conta das eleições.

Interesse privado

"O grande benefício é que a administração do ativo passa para o setor privado, e ele, por sua vez, tem a oportunidade de gerar receita com isso", pontua Luiz Antônio Athayde, responsável pela unidade de PPPs da Secretaria de Desenvolvimento de Minas Gerais. "Há tanto investimento para se fazer, e, se há potencial para despertar o interesse da iniciativa privada, não tem porque não ser feito." ■

RECURSOS

Remuneração é feita pelo governo, como na terceirização

A receita das empresas contratadas, em uma PPP, vem de uma remuneração fixa paga pelo governo – é quase como um processo de terceirização, coisa já feita amplamente na manutenção de órgãos públicos, mas com um arcabouço de seguranças jurídicas e exigências contratuais muito maior.

No caso do hospital de Salvador, por exemplo, a Promédica & Dalkia, sociedade que fez o menor lance e venceu o leilão, orçou em R$ 103 milhões o custo anual a ser coberto pelo governo.

A remuneração, no entanto, será condicionada a uma série de metas e exigências postas no edital, que vão desde cumprir o mínimo de atendimentos estimados por ano até fazer renovação dos equipamentos em cinco anos e realizar auditorias regulares.

Desdobramentos contratuais à parte, o Hospital do Subúrbio, na prática, não deixará de funcionar como um hospital público comum: voltado para a população de baixa renda do entorno, que fará atendimento apenas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Preço público com qualidade de privado

Sem burocracias da administração pública, projetos tendem a ser mais benfeitos e gerenciados

A grande expectativa acerca da entrada da iniciativa privada em serviços elementarmente públicos — saúde, segurança, educação etc. — é que ela consiga o que o Estado brasileiro nem sempre conseguiu: qualidade. Isso, no entanto, sem perder a gratuidade do atendimento.

No complexo presidiário que está sendo feito em Pernambuco, por exemplo, a empresa responsável será cobrada por dar amparo médico e legal devido aos internos e por não exceder a capacidade máxima de detentos – coisa que, de longe, não acontece em nenhum estabelecimento penitenciário do Brasil. No Hospital do Subúrbio, em Salvador, a qualidade do atendimento e a renovação constante dos equipamentos são condicionantes para a remuneração pelo governo e o não rompimento do contrato.

"Deixa de ser uma questão só de custo, se sairá mais barato para aquele governo fazer uma PPP ou administrar por conta", avalia o sócio de PPP da KPMG, Maurício Endo. "O ganho é na qualidade, para o cidadão."

"Uma PPP, ou uma concessão, a princípio sai mais barata para o governo, mas nestes casos não é uma conta financeira", avalia o advogado Daniel Szyfman, especialista do escritório Machado Meyer. "Há um valor não monetário incluso. A cidade, o estado, acabam tendo outras instalações desafogadas, o atendimento é mais eficiente, as construções mais velozes. Não dá para avaliar só o custo."

> "Deixa de ser uma questão só de custo, se sairá mais barato para aquele governo. O ganho é na qualidade, para o cidadão
>
> **Maurício Endo,** sócio da KPMG

Fim das licitações

Szyfman lembra ainda que a qualidade é uma expectativa não só porque a iniciativa privada tende a ser mais especializada e eficiente que o Estado, mas também porque, a partir do momento em que se fecha uma PPP, o sistema fica livre de uma série de burocracias que envolvem a administração pública.

O advogado cita o caso que acompanhou de um hospital público que estava com um equipamento de ressonância magnética parado apenas pela falta de uma pequena peça quebrada. "Era só trocar essa peça, mas por ser órgão público, precisou ser feita uma licitação. A a licitação teve alguns problemas técnicos, acabou se arrastando por mais de seis meses", conta. "Muitas vezes não é só por ineficiência e falta de aptidão que o poder público faz um mal serviço; mas o sistema privado funciona naturalmente melhor." ■ **J.E.**

ENTENDA

Os tipos de contratos com a iniciativa privada previstos na legislação brasileira

CONCESSÃO COMUM

Existe no Brasil desde 1995, pela Lei 8.987. É usada para os projetos mais rentáveis. Por ela, a receita da empresa é gerada integralmente pelo próprio empreendimento, e não há custo nenhum para o governo.
Exemplo: rodovias. A cobrança dos pedágios garante a receita das concessionárias

PPP

Foi instituída em 2004, pela Lei 11.079, e existe em duas modalidades:

1 CONCESSÃO MISTA

As tarifas cobradas compõem apenas parte da receita da empresa, que é complementada por uma contrapartida do governo.
Exemplo: Linha Amarela do Metrô/SP. A receita é composta em parte pela arrecadação com os bilhetes, e complementada por um subsídio do governo

2 CONCESSÃO ADMINISTRATIVA

O serviço prestado não possui cobrança e, portanto, receita própria. Neste caso, a receita da empresa é coberta integralmente por uma remuneração paga pelo governo.
Exemplo: ainda inédito no Brasil, é o modelo adotado para hospitais, presídios, escolas e outros

Presença de empresa promete ampliar direitos nos presídios

Minas Gerais e Pernambuco estão construindo as primeiras cadeias por PPP; Bahia e Rio Grande do Sul estudam o modelo

Juliana Elias
jelias@brasileconomico.com.br

Uma coisa é fato: a possibilidade de um presídio gerenciado por uma empresa privada, no Brasil, ser pior do que aqueles que a administração pública oferece é bem difícil. No país, foram licitados no ano passado os dois que serão os primeiros complexos carcerários "privados" do Brasil, em Minas Gerais e em Pernambuco, e a expectativa é que seus serviços sejam muito melhores do que as condições encontradas nas delegacias, prisões e presídios nacionais – inclusive porque a qualidade das instalações é um dos requisitos de contrato.

Por isso, entende-se não um serviço de luxo ao prisioneiro, mas o cumprimento de direitos mínimos previstos pela legislação penal brasileira e que, na prática, quase não são encontrados. Vão desde acompanhamento médico, psicológico, odontológico e jurídico dentro das prisões, até disponibilidade de kits com artigos básicos, como escova de dente, sabonete e os uniformes dos presos.

Entre as regras para as empresas que assumirão as penitenciárias está quebrar uma tradição antiga do sistema penitenciário brasileiro: a superlotação. Não poderão extrapolar os limites de vaga de sua capacidade. "A carência de vagas é hoje um dos maiores problemas no Brasil", aponta Maurício Endo, sócio da KPMG, que auxiliou o governo de Pernambuco a elaborar o projeto penitenciário. "Hoje são cerca de 250 mil vagas construídas, mas há mais de 400 mil pessoas presas e mais outros 400 mil casos de condenados não presos justamente por falta de onde colocá-los."

Muito desse descompasso, lembra Endo, não é só pela lentidão na construção de presídios, mas também pela ineficiência nas execuções: há centenas de detentos que já estão com a pena cumprida, mas tiveram os processos abandonados e continuam presos. "Por isso a necessidade de haver advogados para os internos, exigida pela lei", o que, complementa, não acontece.

"É uma série de fatores que vai na contramão do que deveria ser a função das cadeias: a ressocialização", diz Endo. Nesse ponto, o fracasso é quase total. Cerca de 80% dos presidiários que cumprem sua pena acabam reincidindo no crime e retornando à prisão. "A entrada da iniciativa privada nos presídios pode ser uma quebra de paradigmas para a infraestrutura e para o sistema penitenciário brasileiro."

> A construção de penitenciárias com a iniciativa privada pode ser uma alternativa para acelerar a cobertura do déficit gigante de vagas para presos

Ampliação de vagas

A possibilidade de construir penitenciárias com a iniciativa privada pode ser uma alternativa para acelerar a cobertura do déficit gigante de vagas. O complexo mineiro e o pernambucano serão os maiores do país e, em suas regiões, já servirão para desafogar diversas delegacias e cadeias menores, hoje apinhadas de condenados à espera de uma transferência.

A penitenciária mineira, que está sendo construída no município de Ribeirão das Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte, será composta por cinco pavilhões, e poderá comportar até 3.040 prisioneiros. A pernambucana, na cidade de Itaquitinga, comportará 3.126 pessoas em sete pavilhões. Ambas ficam prontas em meados de 2011. O complexo penitenciário paulista do Carandiru, que até ser desativado, em 2002, era o maior da América Latina, tinha capacidade para 3.250 detentos. Chegou, no entanto, a reunir mais de 8 mil – número que abrigava quando, em 1992, uma rebelião culminou no massacre que marcou a história da casa de detenção. ■

A superlotação é um dos principais problemas do sistema penitenciário. Hoje são 250 mil vagas, mas há 400 mil presos

CUSTO ATUAL
O valor médio mensal gasto por preso no país é de

R$ 1,4 mil

DÉFICIT
O Brasil têm 250 mil vagas em prisões, mas devia ter

800 mil

REINCIDÊNCIA
Do total de detentos que são soltos, voltam a ser presos

80%

Cumprimento

Manutenção mensal dos presos será maior, mas as condições de encarceramento, muito melhores

"Elas cumprirão 100% das exigências feitas pela legislação penal". Foi com esta frase que o sócio da KPMG para PPPs, Maurício Endo, definiu a diferença básica e a vantagem principal de uma penitenciária com administração privada em relação ao sistema comum.

No complexo prisional de Itaquitinga, na Zona da Mata pernambucana, o custo que o consórcio vencedor terá com cada prisioneiro, previsto em contrato, será quase o dobro do que a média do estado, e do país. "O valor médio gasto no país, para cada presidiário, gira em torno dos R$ 1,4 mil por mês. Se todos os direitos exigidos pela Lei Penal fossem cumpridos, ultrapassaria os R$ 2,1 mil", dimensiona o secretário de Ressocialização de Pernambuco, Humberto Vianna. O Reintegra Brasil, consórcio que venceu o leilão para administração da penitenciária de Itaquitinga, irá gastar mais do que isso: R$ 2,4 mil por detento ao mês.

Além disso, o complexo e suas 3.126 vagas darão um salto gigante no combate ao déficit prisional do estado. A cada ano, o sistema penitenciário de Pernambuco li-

Marco Aurélio Martins/AE

da lei, fato inédito nas penitenciárias

Condições estabelecidas mas não cumpridas nas prisões, ou o evento de fugas e rebeliões, serão descontados automaticamente do valor pago pelo governo

bera por volta de 1000 detentos, mas recebe até 1.800 novos. "Ou seja", explica o secretário de Ressocialização, "há a necessidade de abrigar entre 600 e 800 pessoas a mais por ano, e a criação de vagas não acompanha." A construção da penitenciária, encargo do consórcio, foi orçada em R$ 287 milhões, dos quais R$ 230 milhões estão sendo financiados pelo Banco do Nordeste do Brasil.

Atividades culturais

No Complexo Penitenciário de Ribeirão das Neves (MG), orçado em R$ 190 milhões, estão previstas até atividades educativas, artísticas e culturais na agenda que o Consórcio Gestores Prisionais Associados (GPA), vencedor da licitação, terá que proporcionar para cada interno. "O não-cumprimento das condições estabelecidas, ou a ocorrência de fugas e rebeliões, por exemplo, implicará em desconto automático no valor a ser pago pelo Estado", segundo documentos do governo mineiro.

O custo mensal por detento será de R$ 2,2 mil. O número de internos não poderá ultrapassar o máximo de seis pessoas por cela, no regime semiaberto, e quatro no caso dos pavilhões de regime fechado. ■ **J.E.**

OS 100 MAIS

Itaquitinga entre os maiores projetos do mundo

O complexo penitenciário de Itaquitinga, em Pernambuco, está listado entre os 100 maiores e mais inovadores projetos de infraestrutura em andamento atualmente no mundo.
O levantamento foi feito pela KPMG e inclui ainda outros cinco projetos brasileiros: o Rodoanel, anel viário de São Paulo; os terminais de regaseificação de gás liquefeito da Petrobras; a Cidade Administrativa de Minas Gerais, na zona metropolitana de Belo Horizonte; o complexo hidrelétrico do Rio Madeira e o Trem de Alta Velocidade entre Rio de Janeiro e São Paulo. "O estudo levou em consideração a escala dos projetos, sua complexidade, o que trazem de inovação e os impactos e benefícios que dão à sociedade", explica Maurício Endo, sócio da KPMG no Brasil.

DESTAQUE PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA

Participação nos investimentos ainda é pequena

Projetos respondem por R$ 1,2 bilhão em cada um dos últimos três anos, apenas 1% dos recursos totais da infraestrutura

Juliana Elias
jelias@brasileconomico.com.br

A Lei das PPPs (11.079) foi sancionada no dia 30 de dezembro de 2004 e celebrada por governo e empresários como a alternativa que, em um período pré-Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), poderia fazer deslanchar de vez os investimentos na defasada infraestrutura brasileira. O texto, discutido e aprofundado exaustivamente em diversas sessões no Congresso Nacional, trazia a complementação que faltava para regulamentar, e balancear, a entrada da iniciativa privada nos investimentos brasileiros, rota iniciada nos anos 1990 com a Lei das Concessões Públicas (8.987/95), ao lado dos processos de privatizações.

Passados quase seis anos desde a lei das PPPs, no entanto, a constatação é de que não só elas não deslancharam até agora, como talvez nem seja seu papel conquistar um espaço maior do que o que têm hoje. "Chegou a se pensar que as PPPs seriam a grande ferramenta para a infraestrutura, mas o que se viu é que ela é apenas mais uma em meio a uma série de outras opções", diz o presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e da Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy.

Hoje não chega a 20 o número de projetos de PPPs país afora, boa parte ainda em construção, que somam cerca de US$ 2,3 bilhões (R$ 4 bilhões) em investimentos, na estimativa da Abdib. É uma média de R$ 1,2 bilhão para cada um dos três últimos anos, desde que a primeira delas começou a ser feita. "Isso representa só 1% do total investido em infraestrutura hoje no Brasil, que gira em torno dos R$ 120 bilhões ao ano", dimensiona o presidente da Abdib. "Os governo estão se acostumando com as PPPs agora e há muita coisa para acontecer, mas chuto que a sua participação nos negócios não deva mesmo ultrapassar essa proporção, em torno de 1% a 2%."

> "Um dos principais entraves está na complexidade dos contratos. Sem familiaridade nem condições, os governos acabam optando pelo caminho mais simples, que é lançar a licitação para a obra e usar a verba do orçamento
>
> **Ricardo Levy,** sócio do escritório Pinheiro Neto

Dificuldades

Complexidade da legislação, falta de familiaridade, um receio ainda existente por parte da iniciativa privada e restrições de receita do lado dos governos são algumas das dificuldades que ainda emperram um uso maior das PPPs no país.

"Um dos principais entraves está na complexidade dos contratos", sublinha Ricardo Levy, sócio do escritório Pinheiro Neto, especialista em licitações públicas. Trata-se, explica o advogado, de uma modalidade extremamente refinada que exige uma série de seguranças, contrapartidas e pré-requisitos que devem estar calculados de antemão nos editais. "Como não têm familiaridade, e, em alguns casos, nem condições, os governos acabam optando pelo caminho mais simples, que é lançar a licitação para a obra e usar a verba do orçamento."

Em outros casos, o processo se encerra em um critério ainda mais rudimentar: a escassez financeira dos estados. Pela lei, o orçamento de um projeto de PPP não pode ultrapassar o equivalente a 1% da receita corrente do governo concedente. Isso já tira da lista uma série de estados brasileiros e explica em boa parte porque as poucas PPPs existentes hoje estão concentradas em apenas cinco locais: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. No Sul já há projetos futuros em estudo, mas, afora esse grupo, nenhuma dos outros 19 estados da União emplacou uma PPP até agora. ■

NOS TRILHOS

LENTIDÃO

Governo federal demorou cinco anos para emplacar primeiro projeto

Não são apenas os estados que andaram devagar até aqui no sentido de se apropriar das Parcerias Público-Privadas como alternativa para seus investimentos. A própria União, que tanto se empenhou na elaboração da lei, seis anos atrás, só há pouco menos de dois meses conseguiu realizar o leilão de sua primeira PPP. Trata-se de um centro de dados, orçado em R$ 880 milhões, para o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal. Também está com a licitação aberta para um projeto de irrigação a partir do Rio São Francisco em áreas de cultivo da cidade de Petrolina (PE).

A paralisia nos primeiros anos logo depois de uma nova legislação, no entanto, é reconhecida como natural pelos especialistas. "Na Inglaterra também foi assim", lembra o sócio da KPMG, Maurício Endo. Pioneira no uso de PPPs – legislação existente desde 1990 –, a Inglaterra só assinou as primeiras parcerias em 1994, "e só deslanchou mesmo dez anos depois, quando teve um pico de mais de 100 contratos assinados em um ano", conta Endo.

PRINCIPAIS FATOS

1990 – Pioneira

A Inglaterra se torna o primeiro país do mundo a adotar uma legislação instituindo parcerias público-privadas como modelo de investimento de Estado. Os primeiros negócios, no entanto, só começaram a ser fechados em 1994, e apenas a partir de 2000 ultrapassaram os 100 contratos fechados por ano.

1995 – Lei das Concessões

É publicada no *Diário Oficial* da União, em fevereiro, a Lei 8.987, instituindo a concessão de obras públicas à iniciativa privada no Brasil. Em junho daquele mesmo ano foi feita uma das primeiras: a concessão da Ponte Rio-Niterói, vencida pela CCR. Com prazo de 20 anos, o contrato se encerrará em 2015.

2004 – Lei das PPPs

No penúltimo dia do ano, 30 de dezembro, passa a vigorar a Lei 11.079, criando e regulamentando os mecanismos para os contratos de Parceria Público-Privada no país, após meses de discussão no Congresso e em audiências públicas. À época, o mecanismo foi festejado como a grande solução para a infraestrutura brasileira.

2007 – Primeiro contrato

Apenas no terceiro ano de vida da lei das PPPs foi assinado o primeiro contrato do gênero no país: um convênio entre o governo de Minas Gerais e a empresa Nascentes das Gerais, para a duplicação e restauração da rodovia MG 050. O contrato, assinado em junho de 2007, foi firmado pelo prazo de 25 anos.

2009 – Serviços

Ambos assinados em junho, os complexos presidiários de Minas Gerais e de Pernambuco foram os primeiros contratos de PPP para a área chamada de "infraestrutura social". A partir dali, começaram a surgir, aos poucos, outros negócios para implantação de hospitais, centros de atendimento e centrais de TI.

Rodrigo Coca/Folhapress

A quarta linha de metrô da cidade de São Paulo, que teve seu primeiro trecho inaugurado em maio, é o maior projeto feito até agora por uma Parceria Público-Privada no país. Com 12,8 quilômetros a serem inteiramente entregues até 2012, a obra foi orçada em US$ 460 milhões, e, ao longo dos 30 anos de concessão, os investimentos do consórcio privado irão somar US$ 2 bilhões, entre manutenção e renovações constantes. A arrecadação com as passagens — que terão o mesmo valor do resto da rede paulista, de R$ 2,65 — comporá parte da receita da consórcio ViaQuatro, empresa vinculada ao Grupo CCR, responsável pela obra. O restante será complementado por uma contrapartida anual do governo do estado de São Paulo.

OPINIÃO

Roberto Freire
Presidente do PPS

Um papel clássico

A fortíssima apreciação cambial de nossa moeda tem gerado um debate intenso sobre os caminhos e descaminhos de nossa industrialização. Além da forte apreciação do real, outra questão importante é a qualidade das exportações brasileiras. De fato, tendo em vista o mesmo período do ano, primeiro semestre, e comparativamente ao ano 2000, nossas exportações de commodities saltaram de 22% para incríveis 43,4% - basicamente minério de ferro e soja.

Processo alavancado pelo pesado fluxo de exportações para a China, responsável por cerca de um quarto do volume total. Nossas atuais relações não apenas com a China, mas com o resto do mundo, produto a produto, tendem a manter o mesmo padrão constante dos últimos 500 anos: trocamos matéria prima básica por produtos de maior valor agregado.

No caso das commodities elas acabam nos beneficiando pela apreciação do real, já que nem mesmo sua forte valorização foi capaz de interromper o fluxo. O Brasil dispõe daquilo que o mundo precisa para poder crescer. O problema é que estamos nos tornando beneficiários em segunda instância do processo, repetindo um papel clássico de nosso passado, a antiga concepção de centro/periferia.

O Brasil perdeu o posto de 9º maior parque industrial do mundo. Dados da Organização das Nações Unidas apontam que a Índia superou o Brasil em 2009 e o país caiu para a décima posição. No topo do ranking, a China supera o Japão para se tornar o segundo maior produtor de bens manufaturados.

Como ser competitivos financiados com base na taxa de juros que se paga em nosso país? Como ser competitivos com o custo-Brasil?

Bom esclarecer que, se chegamos até aqui, repetindo nossa indesejada história passada, é porque estamos por conta de um modelo de desenvolvimento que se mostra totalmente insuficiente para enfrentar os dilemas do mundo de hoje. Se nosso câmbio está tão apreciado é graças ao intenso fluxo de capitais. Fluxo do qual precisamos para financiar nosso crescimento, já que não existe preocupação em formar uma real mentalidade de poupança pública, mas apenas do gasto e seu uso como poder. Muito menos em estimular as famílias para este caminho. Ao contrário, se escolheu o crescimento do mercado interno pelo atalho da expansão de crédito, e não da renda gerada pelo trabalho qualificado. Apenas as empresas poupam, mas não é suficiente. Sem poupança interna não há investimento, que para acontecer passa a necessitar do investimento externo.

Nossos produtos industriais também precisam estar mais competitivos. Mas como ser competitivos com todo o custo-Brasil? Como ser competitivos sem uma forte política de investimentos em inovações? Principalmente, como ser competitivos financiados com base na absurda taxa de juros que se paga em nosso país?

Precisamos urgentemente de outro modelo de desenvolvimento antes que a espada caia de fato sobre nossas cabeças e recuemos ao século XIX. As próximas eleições são a oportunidade de mudar e transformar efetivamente nossa realidade. ■

Júlio Gomes de Almeida
Consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi)

Desindustrialização

A questão é muito delicada porque enquanto o crescimento econômico doméstico continuar elevado, a indústria cresce bem e os críticos da tese de desindustrialização sempre poderão dizer que os dados não a confirmam. No entanto, não reside no maior ou no menor crescimento industrial de curto prazo a linha definidora da "desindustrialização". Seria mais adequado que a análise tomasse um período de tempo longo. Além do horizonte de tempo maior do que a referência à conjuntura, duas outras dimensões deveriam merecer atenção. Primeira: a queda do valor agregado pela indústria caracteriza, em nosso ponto de vista, uma "desindustrialização absoluta". Isso ocorreu em alguns países emergentes, em geral, como decorrência da aplicação de políticas radicais de liberalização.

Segunda: uma redução da participação de longo prazo do valor adicionado industrial no valor adicionado total da economia de um país é indicativa de uma "desindustrialização relativa". Essa queda nos casos de economias que atingiram níveis elevados de renda é quase uma regra e reflete estágios mais maduros de crescimento. Já em economias emergentes a mais elevada participação industrial, indicando a ocorrência de uma maior industrialização desses países, é instrumento para acelerar a velocidade do crescimento econômico e abreviar a obtenção de padrões de desenvolvimento.

No caso brasileiro a indústria de transformação do país de fato perdeu um percentual nada desprezível de participação na economia a longo prazo e, nesse sentido, houve uma "desindustrialização relativa". Segundo informações da ONU, nos 27 anos que vão de 1980 a 2007, a participação do setor no valor adicionado total da economia recuou 6,2 pontos percentuais (passou de 29,9% para 23,7%). Outros países emergentes trilharam o caminho oposto. Coreia e China são os casos mais emblemáticos, onde a participação da indústria aumentou 17,3 e 17,1 pontos percentuais, passando, a representar em 2007, respectivamente, 37,3% e 52,9% do total. Tailândia, Indonésia, Malásia e Índia também assistiram ao aumento da expressão de seus setores industriais.

O que custou ao Brasil essa relativa desindustrialização? Custou crescimento econômico e, associado a isso, custou empregos

O que custou ao Brasil essa relativa desindustrialização ante a industrialização potencializada que outros emergentes promoveram em suas economias? Custou crescimento econômico e, associado a isso, empregos. Ambíguas políticas industriais e de exportação e políticas inadequadas nas áreas fiscal, tributária, monetária e cambial levaram, nesse largo período, ao crescimento de apenas 2,4% ao ano no Brasil. Por outro lado, políticas favorecedoras do desenvolvimento industrial, do investimento e das exportações e francamente incentivadoras da educação e da inovação fizeram da indústria dos demais países citados o motor do seu crescimento, que na média desse mesmo período chegou a 9,9% no caso da China, em torno a 6,5% na Coreia e Malásia e entre 5% e 6% na Índia, Tailândia e Indonésia. ■

Carlos de Faro Passos
Consultor empresarial da OCDE, Unido e professor da FGV-SP. Trabalhou na IFC/Banco Mundial e foi diretor do Metrô-SP

Copa e Olimpíada

Muitos duvidam dos ganhos econômicos advindos de mega eventos, como a Copa do Mundo e a Olimpíada, por exemplo. Sua realização acarreta consideráveis custos, trazendo, aparentemente, poucos benefícios tangíveis, conclui recente estudo do Fundo Monetário Internacional (FMI). Esses eventos podem custar muito mais do que o proposto no orçamento inicial. O Pan-Americano do Rio, em 2007, custou dez vezes mais do que o previsto, segundo o Tribunal de Contas da União. A imprensa acredita mesmo que pode ter ficado 18 vezes mais caro!

Essa dúvida é dificilmente partilhada por muitos "políticos" e por parte da população, entusiastas da organização de eventos. Somos favoráveis aos jogos, é evidente, mas desde que acompanhados pela expansão da infraestrutura doméstica e da melhoria da qualidade de vida da população — sem desperdícios, nem a construção de "elefantes brancos". Grandes eventos podem ser uma boa oportunidade para investir em projetos sociais, tais como transporte público, rodovias, hospitais, saneamento básico e segurança, além da urgente ampliação e melhoria dos portos e aeroportos brasileiros.

Quais motivos estimularam os nossos governantes a atrair a Copa e a Olimpíada? Razões eleitorais, desenvolvimentistas ou ambas?

Historicamente, os países organizadores dos eventos procuram sinalizar ao mundo que pretendem aproveitar a ocasião para liberalizar o comércio e ampliar sua inserção na comunidade internacional. Quais motivos estimularam os nossos governantes a atrair para o Brasil a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016? Razões estratégicas desenvolvimentistas, somente eleitorais populistas, ou ambas? Está o país preparado para realizar dois gigantescos eventos em tão curto espaço de tempo, quando no exterior as nações esperam que transcorram pelo menos doze anos entre eventos?

No Brasil, já vemos as dificuldades para a reforma e construção de arenas, localizadas no número excessivo de 12 cidades. Nem mesmo as parcerias publico-privadas parecem funcionar para a construção, operação e manutenção das arenas.O vencedor da licitação da PPP da Arena Cidade da Copa, na região metropolitana do Recife, reluta em iniciar o projeto. Após a Copa, como levar com regularidade 46 mil pessoas ao estádio, se os três maiores clubes pernambucanos possuem campos próprios na capital, alguns deficitários? Para os novos investimentos em infra-estrutura destinados à Copa 2014, as dificuldades poderão ser ainda maiores, caso não existam projetos viáveis para implantação pelo governo e iniciativa privada.

Para atrair o privado, é preciso que os governos locais tenham competência técnica para estruturar concessões e parcerias capazes de atrair os empreendedores, o que não se tem observado na maioria dos estados brasileiros, e no governo federal. Devemos começar imediatamente a capacitar todos os governos que pretendam realizar os jogos da Copa, em seus respectivos estados, no prazo previsto, desenvolvendo também bons projetos sociais que sobrevivam ao evento esportivo. ■

Reprodução

Aliança nerd

Como conquistar de vez um noivo apaixonado por tecnologia? A mulher de Ray Arifianto, engenheiro de desenvolvimento de softwares da Microsoft Game Studios, resolveu encomendar a aliança de casamento ideal para o seu amado (veja a imagem ao lado). A joia foi esculpida sob medida, de forma a simular, no topo, uma entrada USB (Universal Serial Bus), um tipo de conexão que permite a ligação entre dois dispositivos sem a necessidade de desligar o computador.

Antonio Milena

DÉBITO OU CRÉDITO?

O jogo tem idade de vovô, mas continua inovando. O Super Banco Imobiliário, lançado há 66 anos, agora tem uma nova versão em que sai o o papel-moeda e entra o cartão de crédito e débito. Lançado ontem, o novo brinquedo vem como uma máquina parecida com a de verdade para fazer as transações de compra e venda de propriedades e até ações de empresas, como Vivo, TAM e Itaú. Também é possível comprar ações até de empresas que não têm capital aberto, como Nivea, Fiat e Ipiranga. Os cartões têm até bandeira: Mastercard. São, na verdade, todas empresas parceiras da Estrela (leia entrevista abaixo) na nova versão do Banco. Desde 1944, foram vendidas 30 milhões de unidades do jogo. Só neste ano, a expectativa é vender 120 mil da nova versão.

ENTREVISTA CARLOS TILKIAN Presidente da Brinquedos Estrela

Jogos são 25% do faturamento da Estrela

Uma das empresas de brinquedos mais tradicionais do Brasil aposta em reedições e inovação para enfrentar chineses

Thais Folego
tfolego@brasileconomico.com.br

Os chineses respondem por cerca de 80% da produção no mercado mundial de brinquedos, diz Carlos Tilkian, presidente da Brinquedos Estrela. A seguir, ele fala sobre como a empresa tenta driblar a pesada concorrência.

Como fazer frente à concorrência chinesa?

A indústria de brinquedos brasileira tem perdido competitividade na produção para exportação nos últimos anos por conta do câmbio. Anos atrás, a exportação respondia por 15% do faturamento da Estrela. Há dois anos ela não chega a 2%. Também perdemos competitividade de custos por conta da política tributária, da taxa de juros e da inflexibilidade das leis trabalhistas. Mas isso são questões da política econômica do país, que foge ao nosso alcance. Apostamos na inovação, como o Banco Imobiliário com cartão e em brinquedos com plástico verde, que vamos intensificar a partir do ano que vem, já que a fábrica da Braskem que produz esse plástico fica pronta no final deste ano. Para exportação, procuramos desenvolver produtos em que o preço não seja o fator de decisão de compra.

Divulgação

"O Ferrorama voltará por causa do pedido de uma comunidade do Orkut"

Quais são as expectativas de 2010?

Este ano esperamos ampliar em 15% o faturamento, que no ano passado foi de R$ 118 milhões. Vamos lançar 280 produtos este ano, dos quais 10 são relançamentos, como as bonecas Chuquinha, e o Ferrorama, que voltará por causa do pedido de uma comunidade no Orkut. A linha de jogos é importante, pois representa 25% do nosso faturamento. As novas versões do Banco Imobiliário devem deve puxar as vendas, pela novidade e pelo diferencial. ■

BRASIL

Subsídio para máquinas está com os dias contados

Parte da política anticíclica, PSI do BNDES pode ser desativado no fim do ano e continuidade depende do novo governo

Ricardo Rego Monteiro, do Rio
rmonteiro@brasileconomico.com.br

Sucesso de público e crítica, o Programa de Sustentação do Investimento (PSI), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), completa um ano este mês com os dias contados. Embora tenha alcançado um total de R$ 69 bilhões em operações contratadas até o último dia 5 de julho, o programa será mesmo desativado pelo governo em 31 de dezembro deste ano. Parte do esforço da política anticíclica contra a crise, adotada em 2009, o fim do PSI já é lamentado por empresários, que advertem para o risco de expansão do déficit em conta corrente como consequência da medida.

O Brasil Econômico apurou que a decisão do fim do programa já está tomada pelo governo federal, devido não só à necessidade de desaquecer a economia, mas também às incertezas do processo eleitoral. Caberá ao futuro presidente, de acordo com fonte do governo, decidir se reativa ou não as medidas de estímulo no próximo ano. O problema, admite essa mesma fonte, é que as restrições orçamentárias do banco, com as dificuldades de funding para o próximo ano, representam obstáculo adicional para a extensão do programa.

Criado em julho do ano passado, no auge da crise mundial, o PSI prevê o financiamento da compra de ônibus e caminhões, além de máquinas e equipamentos tanto para o mercado interno como para exportação. Alteradas no mês passado, já como parte do esforço de desaquecimento da economia, as taxas do programa continuam mais baratas que as praticadas no mercado. Para ônibus e caminhões, no âmbito do Finame, saem a 8% ao ano. Já para máquinas e equipamentos, na modalidade pré-embarque, são de 5,5% ao ano. As taxas para as linhas de inovação variam, por sua vez, de 3,5% a 4% ao ano.

> A decisão de encerrar o Programa de Sustentação do Investimento, do BNDES, está tomada devido não só à necessidade de desaquecer a economia, mas também às incertezas do processo eleitoral

De acordo com balanço do BNDES, do total contratado, já foram desembolsados R$ 46,5 bilhões entre julho do ano passado e julho de 2010. Maior contemplado pelo programa, o segmento de infraestrutura respondeu por cerca de 40% do total liberado, com quase R$ 19 bilhões. A maior parte dessa parcela teve o transporte rodoviário como destino, com quase R$ 10 bilhões.

Para fazer frente à demanda por crédito, incluindo o PSI, o Tesouro Nacional teve que reforçar o caixa do BNDES, com uma programação de empréstimos que alcançou R$ 180 bilhões entre 2009 e 2010. Tais recursos, confirma a fonte, são suficientes para bancar a demanda projetada para o banco até o fim deste ano, mas não para 2011. Se mantida no atual ritmo de crescimento, justifica, a instituição terá que recorrer a novo aporte do Tesouro ou a alguma alternativa de funding.

Diante das pressões de setores do governo favoráveis à manutenção dos estímulos do ano passado, chegou-se a cogitar novo reajuste das taxas do programa só para os grandes tomadores de empréstimos. As pressões sobre a dívida bruta (excluída as receitas do Tesouro com os empréstimos ao BNDES) levaram a equipe econômica, no entanto, a optar pela extinção do programa.

Apesar da preocupação da indústria com o fim do programa, o economista Aloisio Campello, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV), não vê maiores problemas para o setor com o fim do PSI. Para Campello, o programa foi criado como medida emergencial para minimizar os efeitos da crise mundial sobre o país. Logo, justifica o economista, já era de se esperar a extinção das medidas. ■

Marcos Arcoverde/AE

Pela primeira, vez o segmento das indústrias de máquinas usufruem de taxas competitivas, diz Luiz Aubert Neto

Antonio Milena

Diminui a exploração ilegal de madeira

As medidas adotadas para diminuir a retirada ilegal de madeira das florestas tropicais estão surtindo efeito. Relatório da grupo britânico Chatham House mostrou que a exploração ilegal caiu em quase 25% desde 2002. Houve uma queda dramática em três países, um deles o Brasil: redução entre 50% e 75% no corte ilegal de madeira na Amazônia, 50% em Camarões e 75% na Indonésia. O relatório adverte, porém, que a situação ainda é preocupante.

Henrique Manreza

Maior contemplado pelo programa, o segmento de infraestrutura respondeu por cerca de 40% do total liberado, com quase R$ 19 bilhões

Empresários temem avanço chinês

Outro efeito da retirada do incentivo é a ameaça de demissões na indústria

A perspectiva de extinção do PSI, já sinalizada pelo governo, tira o sono da indústria brasileira de máquinas e equipamentos que, às voltas com a agressiva concorrência chinesa, teme perder espaço, no mercado interno, para as importações de países como Alemanha e Estados Unidos. Presidente da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto adverte que o fim do programa que tanto ajudou o setor nos últimos 12 meses amplia o risco já presente entre os empresários de demissões em massa em dezembro deste ano.

"O surgimento do PSI no ano passado salvou a pátria da indústria brasileira. Neste ano, se o fim do programa se confirmar, a indústria vai ter que demitir", alerta o dirigente. "Não fosse esse tipo de estímulo, o empresário brasileiro teria suado sangue com a crise no ano passado. O fim é extremamente negativo para um setor que contribui para evitar que o país se torne um mero exportador de commodities. Se isso se confirmar, o país realmente vai se consolidar como um importador de bens de capital e exportador de produtos com menor valor agregado."

> "Se o fim do programa se confirmar, o país realmente vai se consolidar como um importador de bens de capital
>
> **Luiz Aubert Neto,** presidente da Abimaq

Nos últimos meses, revela Aubert Neto, as taxas favoráveis do programa do BNDES contribuíram para estimular um processo de renovação do parque industrial, cuja idade média, segundo a Abimaq, é de 17 anos. Pela primeira vez, diz o executivo, o setor usufruiu taxas competitivas. Até o início de julho, o programa previa empréstimos de 4,5% ao ano – hoje são, em média, de 5,5%. Próximas, portanto, dos 3% praticados nos EUA, 2,5% na Alemanha e 1,75% no Japão. Embora maiores que as de outros países, mantinham-se viáveis se levados em consideração outros fatores favoráveis à indústria, como frete e mão de obra.

Hoje, revela o dirigente, a participação das máquinas e equipamentos no déficit comercial chega a US$ 13 bilhões. Sem projetar um valor, o presidente da Abimaq prevê crescimento exponencial desse resultado sem o PSI. Além da extinção do programa, Aubert Neto enumera a indústria chinesa como a grande vilã do setor nos próximos anos, se nada for feito para conter a enxurrada de produtos asiáticos. "Com o recente acordo firmado pela Argentina com a China, para aquisição de equipamentos ferroviários, o setor vai sentir o golpe no Brasil", adverte o empresário, ao prever a perda do mercado argentino. ■ **R.R.M.**

BRASIL

INFLAÇÃO

Alimentos puxam queda de preços nos supermercados, aponta Fecomercio

Os supermercados em São Paulo registraram queda de 0,71% nos preços em junho, segundo o Índice de Preços no Varejo (IPV) da Fecomercio. "A maior parte dos produtos in natura voltaram aos patamares normais de preços após as instabilidades climáticas", diz Guilherme Dietze, da Fecomercio. Algumas das maiores quedas foram vistas em Tubérculos (-9,22%), Legumes (-6,71%), Leites (-4,28%) e Aves (-2,56%).

Raul Zito

ESTADOS PRODUTORES

Governador do Espírito Santo acredita que Lula vetará emenda dos royalties do pré-sal

O governador do Espírito Santo, **Paulo Hartung**, disse ontem que está confiante no veto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à emenda que redistribui os royalties do petróleo, mas que esse não será o fim da luta dos Estados produtores. Segundo ele, o próximo passo é a busca por algum benefício na nova distribuição dos royalties também do pré-sal, que deve voltar à pauta após o veto presidencial à chamada emenda Simon.

Arrecadação sobe, mas sem brechas para gastos

Recolhimento de tributos federais sobe 12,48% no semestre, um novo recorde

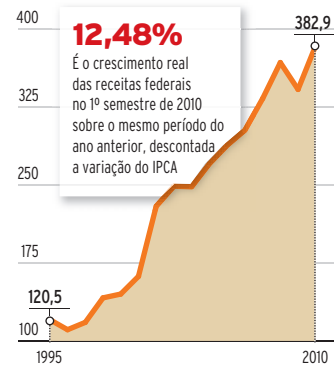
Simone Cavalcanti, de Brasília
scavalcanti@brasileconomico.com.br

A retomada da atividade econômica no primeiro semestre do ano segue contribuindo fortemente para rechear os cofres públicos. A arrecadação de impostos e contribuições federais entre janeiro e junho somou R$ 382,9 bilhões, aumento real (deflacionado pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo) de 12,48% frente a igual período de 2009 e novo recorde.

Expansões nessa proporção tradicionalmente dão brecha para a pressão por mais gastos. No entanto, o espaço fiscal para novas despesas ainda está bem limitado, segundo o professor Fernando Rezende, da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (Ebape) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). De fato, o governo federal tem de economizar para o pagamento de juros da dívida pública o equivalente a 2,15% do Produto Interno Bruto (PIB) até dezembro próximo e, até maio (último dado disponível), poupou 1,73% do produto .

Mesmo com uma perspectiva positiva para o restante do ano, há em curso uma onda de acomodação econômica e, por consequência, da arrecadação. "Não teremos recuo, principalmente pelo efeito estatístico e a base deprimida do ano passado, mas percentuais menores de alta nos próximos meses", projeta Rezende. E alerta: o perigo está em 2011, quando as despesas seguirão altas e o Produto Interno Bruto (PIB) não se expandirá tanto quanto os 7% projetados para 2010. "Há despesas, como a de salários, que não podem ser facilmente comprimidas no curto prazo."

CRESCIMENTO CONTÍNUO

Expansão da atividade econômica garante recorde de arrecadação, em R$ bilhões*

*No 1º semestre. Valores corrigidos pelo IPCA
Fontes: RFB, IBGE e Brasil Econômico

MAIS ALTO

R$ 61,5 bi

foi o maior recolhimento de tributos para os meses de junho. No acumulado do ano, receita chega a R$ 382,9 bilhões, mais um recorde do Fisco.

PARCELA

21,8%

foi a participação da Cofins e do PIS/Pasep no total da arrecadação federal no semestre. Juntos, contribuíram com R$ 83,7 bilhões.

Marcela Beltrao

EMPREGO FORMAL

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registrou a criação de 212,9 mil empregos com carteira assinada em junho, segundo melhor resultado da série histórica. No primeiro semestre, foram criados 1,47 milhão de postos de trabalho. O governo espera um saldo de 2,5 milhões de novos empregos neste ano.

O coordenador-geral de Estudos, Previsão e Análise do Fisco, Victor Augusto Lampert, destacou que a aderência das receitas à atividade econômica neste ano está bem maior e que as entradas extraordinárias de recursos serão bem inferiores, diferentemente do que ocorreu no ano passado. "Não temos grandes fatos fora da economia influenciando a arrecadação".

Dois tributos que refletem em grande medida esse aquecimento do consumo são a Cofins e o PIS/Pasep, com alta de 19,34% e 13,92%, respectivamente, na arrecadação do ano até junho. No período, a receita dos dois foi de R$ 83,76 bilhões, o que correspondeu a 21,87% do total coletado no semestre. As receitas com o Imposto sobre a Renda, de uma forma geral, chegaram a R$ 102,18 bilhões e equivaleram a 26,69% da totalidade. No que se refere ao lucro das empresas houve recuo que, segundo o Fisco, é explicado pelo fato de que o pagamento do ajuste em março ainda reflete o desempenho da economia do ano passado. O recolhimento com o Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) chegou a R$ 43,62 bilhões e com a Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL), R$ 23,18 bilhões.

No mês

No mês de junho, especificamente, houve desaceleração (8,54% de alta) em relação ao ritmo de crescimento que vinha sendo imprimido pelo menos entre abril e maio, quando a expansão foi em torno de 14,50%. No entanto, Lampert se negou a fazer quaisquer avaliações, dizendo apenas que houve peculiaridades em relação a 2009.

A entrevista coletiva do representante da Receita Federal foi marcada por bate-bocas e duas tentativas de abandono da sala antes do término. Diante da insistência dos jornalistas para que o coordenador avaliasse se havia ou não influência do arrefecimento econômico na arrecadação, Lamert disse: "Vocês não estão satisfeitos com a pauta que está imposta. Não fui eu que decidi. É uma pauta que me foi colocada pelo secretário para essa entrevista coletiva. Não posso falar sobre determinadas coisas e vocês continuam perguntando e acaba se estabelecendo um confronto". "Não vou usar a arrecadação como indicador da atividade econômica". ■

VICE-PRESIDENTE

José Alencar recebe alta, depois de internação de oito dias

O vice-presidente da República, José Alencar, recebeu alta ontem, após passar oito dias hospitalizado e ser submetido a um procedimento cirúrgico para a desobstrução de uma artéria, informou o hospital Sírio-Libanês. Alencar, de 78 anos, deu entrada no hospital no dia 7 deste mês para seguir o tratamento de um câncer, contra o qual luta desde 1997, mas com obstrução grave em uma das artérias, teve colocando um "stent".

Henrique Manreza

ENDIVIDAMENTO

Inadimplência é maior entre consumidores que ganham mais de 4 salários mínimos

Entre os meses de maio e junho houve maior concentração de inadimplência (63,96%) entre os consumidores com renda superior a 4 salários mínimos (R$ 2.041). É o que indica a última pesquisa bimestral "Perfil do Inadimplente", realizada pela empresa TeleCheque. A alta do desemprego foi apontada como motivo da inadimplência: crescimento de 199,45% em relação ao mesmo bimestre do ano anterior.

Crise não impede negociações entre Europa e Mercosul, afirma Barroso

Para presidente da Comissão Europeia, verdadeira barreira é a retomada das discussões da Rodada de Doha

Daniel Haidar, do Rio de Janeiro
dhaidar@brasileconomico.com.br

Fernando Souza/O Dia

O presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão Barroso, disse ontem no Rio de Janeiro que a crise econômica que atinge a Europa não impede a retomada de negociações por um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia. Barroso não colocou prazos para as negociações, mas disse que os europeus esperam um "resultado equilibrado" e que a crise pode até facilitar um acordo.

"Precisamos hoje de novos competidores, novas fontes para o crescimento. Enquanto a despesa pública coloca no contribuinte um fardo, o comércio é uma forma de, sem constrangimento fiscal, sem pressão orçamentária, conseguir mais fontes de crescimento", disse o líder europeu. Barroso veio ao Brasil para participar da IV Cúpula Brasil-União Europeia.

Para Durão Barroso, que já foi primeiro-ministro de Portugal, o principal obstáculo para o andamento das negociações é a conclusão da rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) de liberalização do comércio mundial entre países desenvolvidos e emergentes. As conversas se arrastam desde 2001. "Começamos a ter como objetivo principal concluir a rodada de Doha. Se dependesse só da União Europeia e do Brasil, já teríamos concluído", avalia o português.

Durão Barroso defendeu que as medidas de estabilidade econômica estão sendo adotadas pelos países integrantes da União Europeia, como reforma trabalhista e da previdência, e outras ações de contenção de gastos públicos. "Há uma determinação absoluta da União Europeia para a estabilidade do euro. Isso não é apenas retórica política. Os líderes europeus colocaram dinheiro na mesa", disse, em referência ao pacote de resgate de países europeus em crise de € 785 bilhões, financiado pela União Europeia e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

A falta de conclusão da Rodada de Doha é um obstáculo maior para a aproximação com o bloco sul-americano do que o ajuste fiscal dos países europeus

Telefonia

Sem se referir diretamente à tentativa de compra da participação da Portugal Telecom na Vivo pela Telefónica, Durão Barroso disse que o conjunto de decisões judiciais e preceitos legais da União Europeia garantem o direito de livre circulação de capitais, o que garante a conclusão da operação em termos jurídicos.

Em sua última proposta, a operadora de telefonia celular espanhola Telefónica ofereceu € 7,1 bilhões pela compra das ações da Portugal Telecom na Vivo, mas o conselho de administração da companhia portuguesa ainda não se manifestou sobre a oferta.

Antes disso, a Telefónica tinha oferecido € 5,7 bilhões pelos 30% de participação da Portugal Telecom, mas o governo de Portugal utilizou o golden share (poder de veto em negociações estratégicas) para impedir a venda. A empresa espanhola recorreu ao Tribunal de Justiça da União Europeia, que declarou o veto português ilegal.

Indagado por jornalistas sobre os limites que cada integrante do bloco tem para decidir sobre os próprios interesses, Durão Barroso destacou que o bloco econômico foi fundado sob princípios de direito comunitário e que governos são punidos quando abusam do direito de mercado. ■

BRASIL

PROJETO

Novo marco regulatório para ferrovias de carga já está na Casa Civil

O presidente da Valec, José Francisco das Neves, disse que já está na Casa Civil o novo marco regulatório para as concessões de ferrovias de carga no País. "Estão fazendo os últimos ajustes", disse o presidente da estatal. As nova regras do governo preveem que para as futuras concessões de ferrovias, o controle e administração da estrutura fixa, como os trilhos, permanecerão com o Estado, representado pela Valec.

Henrique Manreza

EXPANSÃO

Senado autoriza metrô de São Paulo a contratar financiamentos externos

O Senado autorizou a contratação de financiamentos externos para obras das linhas Lilás e Amarela do Metrô de São Paulo. Para o trecho Largo Treze-Chácara Klabin, foi autorizada a contratação de US$ 650,4 milhões junto ao Banco Mundial e US$ 480,9 milhões junto ao BID. Para a Linha Amarela, US$ 130 milhões do Banco Mundial e mais US$ 130 milhões com o consórcio liderado pelo Sumitomo Mitsui Banking Corporation.

Justiça Eleitoral prevê bloqueio de até 15% das candidaturas

Ficha Limpa e outros problemas podem resultar na impugnação de cerca de 3 mil candidatos às eleições

Silvio Ribas, de Brasília
sribas@brasileconomico.com.br

A Justiça Eleitoral tem até 19 de agosto para decidir o futuro de pelo menos 3 mil candidaturas que foram alvo de pedidos de impugnação, incluindo os casos motivados pelas regras de inelegibilidade criadas pela recém-editada Lei da Ficha Limpa. Esgotados todos os recursos, os candidatos que terminarem barrados por ter "ficha suja" ainda podem recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF), alegando inconstitucionalidade da nova legislação. Passa de 20 mil o total dos que desejam disputar as eleições, conforme total pedidos de registro encaminhados até 5 de julho. A expectativa do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é que 10% a 15% desses registros sejam excluídos do pleito de outubro.

Procuradores eleitorais, partidos, coligações e outros candidatos apresentaram 2,77 mil ações até quarta-feira passada, último dia para a Justiça Eleitoral receber solicitação de inelegibilidade dos políticos com ficha suja e outras irregularidades. Ainda falta acrescentar os dados a serem fornecidos pelo TRE de São Paulo, maior colégio eleitoral do país, que está atrasado. Outros dados regionais também poderão ser atualizados. Até agora, Minas Gerais foi o estado com maior número de pedidos de impugnações (614), seguido por Alagoas (383) e Rondônia (319).

Nelson Jr./ASICS/TSE

Sede do TSE: expectativa é que percentual de impugnações fique entre 10% e 15% do total

> Mais de 2,7 mil ações já foram apresentadas ao TSE, mas número ainda deve aumentar conforme os órgãos estaduais atualizarem seus registros

As ações questionam descumprimentos do prazo de desincompatibilização, da idade mínima, e da apresentação de certidões negativas na Justiça. Nesses casos, que são maioria, a palavra final será mesmo da Justiça Eleitoral. A Ficha Limpa, por sua vez, só será consagrada quando tiver a aplicação autorizada pelo STF.

Apesar do volume histórico de ações, o presidente do TSE, Ricardo Lewandowski, garantiu ontem que todos os pedidos de impugnação recebidos pelos Tribunais Regionais Eleitorais (TRE) serão analisados conforme o calendário das eleições. "Vamos aguardar os TREs julgarem as impugnações até 5 de agosto e acredito que daremos conta porque, no momento em que o TSE e o STF definirem as teses, os julgamentos serão bastante acelerados", avisou. A partir da notificação da impugnação, os candidatos devem apresentar recurso em até sete dias. As secretarias dos tribunais já funcionam em regime de plantão, inclusive sábados e domingos.

A Ficha Limpa barra, basicamente, políticos condenados por órgão colegiado ou que renunciaram ao mandato para escapar de cassação. Esse é o caso do candidato a governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PSC), que renunciou em 2007 à sua cadeira no Senado. Ele também não pagou multa por propaganda fora de época, outra vedação a candidaturas "ficha suja".

Em Alagoas, o TRE impugnou registros dos cinco candidatos ao governo, entre os quais o governador Teotônio Vilela Filho (PSDB), o senador Fernando Collor de Mello (PTB) e o ex-governador Ronaldo Lessa (PDT). Oito dos 10 candidatos ao Senado também tiveram registro negado, entre eles a ex-senadora Heloísa Helena (PSol) e o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros.

O deputado federal Osmar Ribeiro (PCdoB-PI) entrou quarta-feira com recurso, pedindo que o STF reconsidere a decisão do ministro Gilmar Mendes que suspendeu efeitos da Ficha Limpa para o senador Heráclito Fortes (DEM-PI). ■ **Com agências**

ERRATA

Diferentemente da tabela publicada ontem na matéria "Risco eleitoral pode trazer volatilidade", os indicadores corretos de 2010 estão listados abaixo

INDICADOR		2002 – LULA X SERRA ÍNDICE	PERÍODO	2006 – LULA X ALCKMIN ÍNDICE	PERÍODO	2010 – SERRA X DILMA ÍNDICE	PERÍODO
Risco Brasil	(pontos)	2.394,00	Fim de setembro	233,00	Fim de setembro	236,61	Fim de junho
Câmbio	(R$/US$)	3,99	(máx. do ano 10/out)	2,40	(máx. do ano 24/mai)	1,89	(máx. do ano 5/fev)
Dív. pública	(% do PIB)	51,35%	Média no ano	45,10%	Média no ano	42,20%	Média no ano até maio
Div. externa	(US$ bilhões)	165,00	Saldo no fim do ano	74,80	Saldo no fim do ano	-48,60	Saldo em maio
Reservas	(US$ bilhões)	36,72	Média no ano	66,79	Média no ano	245,70	Média no ano até lulho
Inflação	(em 12 meses)	12,53%	2002	3,14%	2006	5,22%	12 meses até maio
Bovespa	(no ano)	-17,00%	Var. % no ano	32,93%	Var. % no ano	-7,74%	Var. % até jul
C. corrente	(Saldo - % do PIB)	-1,51%	Saldo no fim do ano	1,27%	Saldo no fim do ano	-1,94%	Saldo em maio
Exportações	(US$ bilhões)	60,40	12 meses até dez	137,80	12 meses até dez	172,20	12 meses até junho
Importações	(US$ bilhões)	47,20	12 meses até dez	91,40	12 meses até dez	153,00	12 meses até junho
Saldo comercial	(US$ bilhões)	13,20	12 meses até dez	46,40	12 meses até dez	19,20	12 meses até junho
Desemprego	(% da PEA)	16,68%	Média no ano	9,99%	Média no ano	7,40%	Média em até maio

Fontes: JPMorgan, Banco Central, IBGE, Secex e Brasil Econômico.

COMÉRCIO EXTERIOR

Exportações do Brasil para países árabes têm alta de 16,12% no primeiro semestre

As vendas do Brasil para os países árabes fecharam o primeiro semestre em alta de 16,12%, com receita de US$ 5 bilhões, ante US$ 4,3 bilhões exportados em igual período de 2009. De acordo com os dados divulgados ontem pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, os destaques continuam sendo o açúcar e as carnes, que representam 84% das vendas externas do agronegócio brasileiro para os países árabes.

Ciete Silvério

TRANSPORTE

Alberto Goldman libera lançamento de edital para concessão do Rodoanel

O governador de São Paulo, Alberto Goldman (PSDB), autorizou ontem o lançamento do edital da concessão dos trechos Sul e Leste do Rodoanel ainda para este mês.. O período da concessão dos dois trechos será de 35 anos. A tarifa básica quilométrica de referência estipulada pelo governo é de R$ 6 para o Trecho Sul e de R$ 4,50 para o Trecho Leste. Ganhará a licitação quem oferecer o maior desconto sobre essa tarifa.

Andre Penner

Exportação de carne industrializada recua com veto dos EUA

As remessas tiveram queda de 34% na comparação com junho de 2009 e foram suspensas por iniciativa do governo brasileiro, ao ser detectado uso excessivo de vermífugo

A influência do veto sobre a arroba do boi será pequena, segundo analista. No total de exportações de carne bovina, que inclui o produto in natura, a queda limitou-se a 2%

Uma nova missão do governo brasileiro vai aos EUA em 15 ou 20 dias para solucionar o caso

Felipe Peroni
fperoni@brasileconomico.com.br

O volume de carne industrializada exportado em junho, com o veto sanitário imposto em maio pelo governo americano à carne brasileira, caiu 34% na comparação com junho de 2009, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). As exportações desse tipo de carne (corned beef, embutidos, e outros) atingiram 23,8 mil toneladas, gerando receita de US$ 38,8 milhões, cifra 32% menor que o alcançado no mesmo mês de 2009.

No total de exportações de carne bovina, que inclui o produto in natura, a queda chegou a 2%. Os EUA são o maior importador de carne industrializada do Brasil. Em 2010, as exportações de carne industrializada representaram 18,5% do total de carne exportada.

Em maio, os EUA haviam importado 3,4 mil toneladas de carne brasileira. No mês de junho, o ranking de importação de carne industrializada foi liderado pelo Reino Unido, com 7,2 mil toneladas. No acumulado de janeiro a junho, os EUA continuam sendo os maiores importadores, com uma receita de US$ 76,3 milhões, mesmo sem registrar nenhuma importação no último mês.

> "Quando ocorreu a suspensão, não houve grandes efeitos, e quando voltarem as exportações também não haverá uma explosão nos preços. Comparado com o abate total, a exportação de industrializados tem um valor pequeno, e se limita à carne de segunda
>
> **José Vicente Ferraz,** diretor técnico da Agra FNP

As exportações foram barradas por iniciativa do próprio governo brasileiro, quando foi detectado excesso do vermífugo Ivermectina em amostras de carne do frigorífico JBS. Nos dias 8 e 9, o governo levou um plano de ação às autoridades americanas, tentando solucionar o caso, mas o veto continua. Foi a terceira missão do governo aos EUA para tentar desbloquear as exportações.

Segundo o ministério, a próxima viagem deve ocorrer daquia 15 ou 20 dias. Apesar da rejeição, o ministério afirmou que há disposição dos americanos em avançar com as negociações.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), o impacto foi sentido pelos exportadores, que tiveram que diminuir a produção de carne industrializada. Algumas indústrias buscam soluções alternativas. É o caso da Marfrig, que passou a atender o mercado americano a partir das unidades na Argentina e Uruguai. As exportações do frigorífico para os EUA representavam 0,7% das receitas da empresa no Brasil, com envio mensal, em média, de 120 toneladas.

Segundo José Vicente Ferraz, diretor técnico da consultoria Agra FNP, a influência desse veto sobre a arroba do boi será pequena. "Quando ocorreu a suspensão, não houve grandes efeitos, e quando voltarem as exportações também não haverá uma explosão nos preços", afirma Ferraz. "Comparado com o abate total, a exportação é um valor pequeno, e se limita à carne de segunda", explica.

A arroba do boi, que iniciou sua alta em maio deste ano, não deve atingir preços muito maiores em julho ou nos meses seguintes, de acordo com investidores e consultores. Os mercados futuros, que haviam atingido um pico este ano com os contratos de setembro e outubro ficando em torno de R$ 89 a arroba, já não apostam em uma alta muito explosiva, oscilando em torno dos R$ 84.

A entressafra, iniciada em maio, elevou os preços, que começaram a semana em torno de R$ 83 por arroba, segundo o indicador do Centro de Pesquisa Econômica Aplicada da Esalq-USP (Cepea). "Quem fechou contrato em abril obteve um preço vantajoso", afirma Rafael Ribeiro, zootecnista e consultor da Scot Consultoria.A recente alta, afirma, se deve a fatores da entressafra. Com o tempo mais seco próprio dessa época do ano, as pastagens secam e aumentam os custos de produção. ■

Preço deve se manter com taxa de reposição

Mesmo sem esperar grandes altas, o preço não deve recuar com a atual taxa de reposição. Ainda que o preço da arroba do boi tenha sofrido alta, o produtor ainda encontra dificuldade para comprar novos bois. A taxa de reposição, relação entre a quantidade de bezerros que pode ser comprados com o preço de um boi, iniciou a semana em torno de dois bezerros por boi, taxa considerada baixa pelos produtores. De acordo com Ribeiro, a baixa taxa de reposição faz os preços continuarem elevados, compensando a baixa do milho. O milho, importante insumo para o confinamento de bois, está em torno de R$ 18 a saca, valor relativamente baixo para esta época. "O custo da reposição está alto durante o ano todo", afirma o consultor. "O boi gordo subiu, o preço continua firme, mas em uma proporção menor, e não impediu a queda da relação de troca". Segundo José Vicente Ferraz, a alta é causada pelo aumento do preço do bezerro. "Estamos em uma fase de recomposição do rebanho." **F.P.**

Sistema reconhece legumes e frutas

Identificador, desenvolvido na Unicamp, utiliza técnicas de inteligência artificial

João Paulo Freitas
jpfreitas@brasileconomico.com.br

O uso de código de barra tornou a vida dos consumidores mais simples, principalmente nos supermercados. Porém, frutas, legumes e verduras, geralmente vendidos sem embalagem específica, não costumam ter esse tipo de identificação. Muitas vezes precisam ser reconhecidos na boca do caixa, gerando lentidão nas filas. O professor de ciência da computação Anderson de Rezende Rocha, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desenvolveu uma solução para o problema: um sistema que identifica esses produtos por imagem. Basta uma câmera de vídeo acoplada ao caixa.

Rocha teve a ideia de criar o sistema ao enfrentar uma fila excessivamente demorada. Foi então que o pesquisador começou a pensar em uma forma de automatizar a identificação de frutas, legumes e verduras. Ele faz parte do Laboratório de Inferência para Dados Complexos da universidade, onde são estudados problemas relacionados a aprendizado de máquinas e análise de padrões, duas técnicas de inteligência artificial.

Segundo o pesquisador, há sistemas similares fora do país. Um é o VeggieVision, desenvolvido pela IBM. Porém, Rocha afirma que a solução criada na Unicamp é mais precisa. Nos testes , ela obteve 99% de acertos. “Desenvolvemos algoritmos que levavam em conta várias características como cor, textura e forma. A inovação foi estabelecer um jeito novo de combinar tais propriedades”, afirma.

Testes realizados demonstraram que a invenção brasileira obteve 99% de acertos, superando produto similar desenvolvido nos Estados Unidos

Aprendizado

O pesquisador explica que o sistema é capaz de distinguir produtos diferentes, como uma laranja de uma banana. Mas ainda não é tão preciso ao classificar diferentes tipos de um mesmo item, como espécies distintas de maçã. Por isso, são apresentados os resultados mais prováveis, cabendo ao operador confirmar o adequado. O passo seguinte a ser feito é levar o sistema a aprender a reconhecer novos produtos diretamente no supermercado, durante a operação.

Atualmente, é preciso promover um treinamento antes de colocar o sistema em funcionamento. “No futuro, será possível optar ou não por salvar as imagens capturadas durante o uso para uma referência futura, melhorando assim o grau de aprendizagem”, afirma Rocha. “Queremos que a cada confirmação o sistema se retroalimente.”

O identificador foi desenvolvido como parte do doutorado de Rocha, que recebeu bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para realizar o estudo. O trabalho contou com a colaboração dos pesquisadores Daniel Hauagge, Jacques Wainer e Siome Goldenstein, todos da Unicamp.

Patente

O sistema originou um depósito internacional de patente no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). No momento, o pesquisador negocia a continuidade do projeto com uma multinacional americana. Como as conversas ainda estão em curso, Rocha não revela o nome da empresa interessada. ■

Leandro Ferreira

AUTONOMIA

“Queremos agora que o sistema salve imagens para melhorar seu grau de aprendizagem com o uso”

Anderson de Rezende Rocha, *professor da Unicamp*

PALAVRA-CHAVE

Algoritmo

Conceito central para a ciência da computação, algoritmo é um conjunto de passos que o computador deve executar para realizar determinada tarefa. Ele pode ser mais bem entendido se comparado a uma espécie de receita de bolo, pois determina o que o computador deve fazer, como e em que ordem até chegar ao final de determinado processo. Como geralmente existem vários algoritmos capazes de resolver um mesmo problema, cabe ao especialista desenvolver um que seja adequado ao objetivo visado.

Murillo Constantino

Sem código de barras, produtos tornam filas do supermercados mais lentas

Infografia: Anderson Cattai

OLHO ELETRÔNICO

Sistema utiliza técnicas de inteligência artificial para automatizar a identificação de produtos

Fonte: Pesquisador da Unicamp

RICARDO SANTOS
Coordenador de Núcleo de Estudos de Marketing e Tecnologia da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Uma encruzilhada no caminho do Brasil

À medida que se prevê que nosso país poderá chegar a ser a quinta maior economia do mundo, vemos também o Brasil se aproximar de uma encruzilhada: ou investe maciçamente em ciência e tecnologia para aumentar a competitividade de sua economia ou se verá forçado a sobreviver como montador ou replicador de inovações desenvolvidas por outros povos.

Um importante indicador de competitividade internacional é o saldo da balança comercial. Esse índice recuou 67% no primeiro quadrimestre do ano. Vários analistas já indicam déficit progressivo entre exportações e importações até o final do ano. Em um cenário pessimista — essa tendência se mantendo no longo prazo —, isso significa que várias indústrias e empresas de serviço brasileiras poderão fechar as portas ou começar a trocar a produção própria por importados.

Para não ter que apelar a medidas protecionistas ou à manipulação do câmbio, o Brasil necessita agregar valor aos seus produtos. Só assim aumentaremos a competitividade das nossas indústrias e dos nossos serviços.

Mas como concorrer com uma China e Índia, países que investem bilhões de dólares em tecnologia e educação? No curto e médio prazos isso pode ser feito por meio de políticas públicas e programas de incentivo à inovação tecnológica.

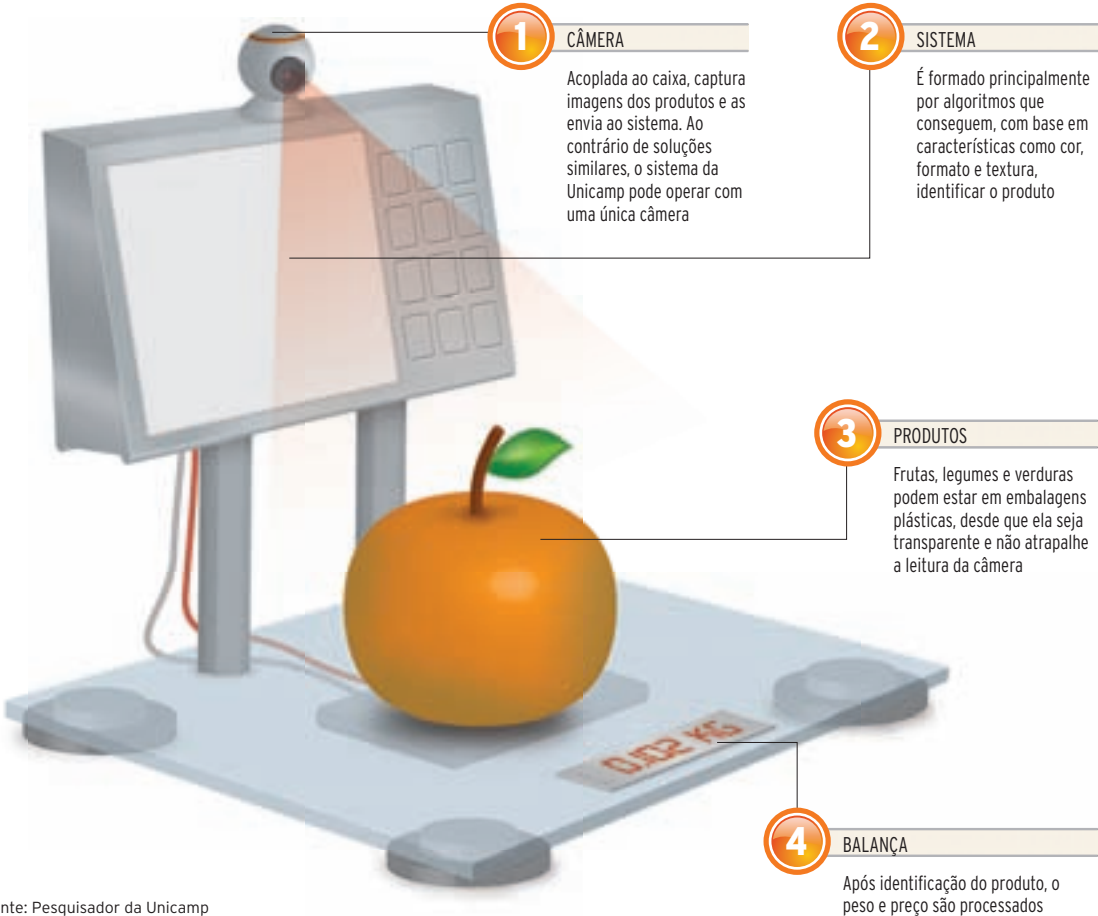
> Só 1% das empresas inovadoras no Brasil avalia como altamente importante as relações de cooperação com universidades e institutos de pesquisa

No longo prazo, o que fará diferença e ajudará o país a dar um salto de qualidade são investimentos públicos e privados tanto em educação quanto em ciência e tecnologia. Só assim o Brasil ganhará peso internacional no que diz respeito à inovação tecnológica.

Segundo dados recentes, o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) tem como sua responsabilidade aplicar em programas de ciência e tecnologia para o país, com vistas à inovação, recursos da ordem de R$ 41 bilhões até o final de 2010. Entretanto, o pulo do gato pode estar na sistematização de um ensino voltado à inovação e à integração entre empresa e escola, e não apenas na quantidade de recursos aplicados. Essa é a questão.

Segundo pesquisa publicada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), apenas 1% das empresas inovadoras no Brasil avaliam como altamente importante as relações de cooperação com universidades e institutos de pesquisa. Isso é muito pouco se comparado a outras sociedades no mundo que já equacionaram melhor as seguintes questões-chaves da educação como base para inovação: qual é o papel do ensino no atual contexto de competição entre as nações? Para onde vamos nesta era da informação e da sociedade do conhecimento? Quais são as profissões do futuro?

Talvez o ponto principal para reflexão seja: será que o nosso sistema educacional está preparado para formar com qualidade a quantidade necessária de médicos que possam atuar com telemedicina, engenheiros para biotecnologia ou nanotecnologia e programadores de software para inteligência artificial?

É possível que estejamos, hoje, formando jovens para profissões que talvez não existam mais quando eles obtiverem seus diplomas. Porém, o conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça do futuro. E isso significa que o desenvolvimento de um país está atrelado à qualidade de sua educação. ■

ENCONTRO DE CONTAS

LURDETE ERTEL

Menos desigual

Aumentou a busca por mulheres na linha de frente das empresas brasileiras, identificou a 2GET, consultoria de recrutamento de altos executivos. Foi o caso de duas posições recém-fechadas: Luciana Marsicano, primeira diretora do grupo Mundial em 114 anos; e Claudia Pagnano, nova vice-presidente de mercado da Gol. É que em momentos de mudança, como no pós-crise, as companhias buscam líderes com mais sensibilidade.
A mesma 2GET diz que a economia aquecida está ajudando a equiparar salários de executivos de Rio e São Paulo. O salário carioca chegava a ser 30% menor do que o paulistano. A tendência, diz o sócio Paulo Mendes, existe em vários setores, mas é mais forte no mercado financeiro.

Fotos: divulgação

Sem descanso

Apesar de o interesse pelas coisas de Michael Jackson ter sido lustrado com sua morte repentina, o famoso rancho que serviu de residência ao astro em Santa Bárbara continua tendo destino indefinido. Um político da Califórnia está propondo que o estado governado pelo ator Arnold Schwarzenegger encampe a Neverland para transformar a propriedade em um parque estadual. Mas a ideia encontra resistência dentro do governo, por causa do déficit monstruoso da Califórnia. Michael Jackson comprou o rancho em 1987 e viveu no local até 2005, quando denúncias de pedofilia levaram o cantor a se mudar. Atualmente, a propriedade pertence à Colony Capital LLC, uma empresa de capital privado de Santa Barbara que fez um acerto com Jackson para salvar a fazenda, que quase foi a leilão para pagamento de dívidas de hipoteca em 2008. No acordo, o rancho foi avaliado em US$ 35 milhões. A Califórnia diz que não tem dinheiro para comprar o imóvel, agora valorizado.

Andaime à frente

A confirmação pela japonesa Toyota da construção de sua terceira montadora brasileira ratificou a aposta antecipada das empresas de shoppings no varejo de Sorocaba (SP), eleita para receber a fábrica bilionária. Existem pelo menos seis projetos de construção de shoppings em andamento na cidade: Villàggio, Itavuvu, Cidade, Cianê, Villa e Cheda. E os quatro centros comerciais que já operam no comércio local estão fazendo reformas e ampliações.

Carne com vodca

Depois do Líbano, mais um país distante está rondando os pastos brasileiros atrás de gado vivo para importação. Segundo fontes do setor, a Rússia também estaria interessada em comprar boi em pé do Brasil, para compensar a dificuldade de abastecimento de carne no inverno deles.

“Acho que a medida reflete um marco dos direitos civis na Argentina. Se você viu que há 58 anos… e eu tenho 57, mas há 58 eu não poderia ser votada para presidente, e hoje eu sou a presidente…”

Cristina Kirchner, presidente da Argentina, sobre a aprovação da primeira lei da América Latina que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Thomas Lohnes/AFP

Alegria com sotaque germânico

É com expectativa de um público recorde que a cidade alemã de Munique prepara a festa de aniversário de 200 anos do que é considerado o maior evento popular do globo. Surgida da festa de casamento do príncipe Ludwig com a princesa Therese em 1810, a Oktoberfest completa 200 anos em 2010. Neste período, foram realizadas 117 edições da festança oficial do chope e das tradições germânicas, que ganhou cópias pelo mundo afora. Por 24 vezes a Oktoberfest não ocorreu, por conta de guerras ou pestes.
Para este ano, a expectativa é receber pelo menos 6 milhões de pessoas entre os dias 18 de setembro e 4 de outubro. No ano passado foram 5,7 milhões. Além das atrações habituais para o paladar e os olhos, a edição deste ano terá uma programação comemorativa, com objetos, espetáculos e gastronomia.

A terra da Apple

Parece que a Apple está mesmo incomodada com o fato de o Google Maps ser o serviço-padrão em seus dispositivos móveis, como o iPhone. Recentemente, a empresa entrou em contato com a Poly9 mapeamentos. De acordo com a AppleInsider, o próximo passo da empresa de Jobs é o Apple Earth. Jay Yarow, Business Insider, diz que a Apple vai usar o Poly9 para criar um produto de mapas, e com isso não ter mais que depender do Google Maps. Até o momento nem a Apple, nem a Poly9 confirmaram a aquisição.

MARCADO

● O WTC Business Club arma, hoje, o Business Breakfast Especial para falar sobre Os Cases de Sucesso do Sport Club Corinthians. Luis Paulo Rosenberg, VP de Marketing do Corinthians, contará os cases e a contratação de novos craques, como Ronaldo.

encontrodecontas@brasileconomico.com.br

Garrafas mais verdes

Desembarcam nas gôndolas nesta semana as primeiras garrafas ecológicas produzidas no Brasil. Fabricadas pela Verallia (ex- Saint-Gobain Embalagens), elas têm peso menor do que as embalagens comuns, utilizando 15% menos matéria-prima (vidro). Também colaboram com a redução de 15% na emissão de CO2 e de 4% no gasto de energia durante o processo produtivo. O primeiro lote é composto por 12 garrafas para vinho, nos formatos Bordeaux e Borgonha. Empresas como Salton, Miolo, Galiotto, Cordelier, Perini e Campo Largo já aderiram à novidade.

Torneira esticada

Depois de vencer sua primeira licitação internacional no Panamá em 2009, a Sabesp participa agora de uma concorrência em Honduras. A empresa paulista está na disputa para prestar consultoria em gestão comercial e operacional a nove municípios do país caribenho. O resultado deve ser conhecido em setembro.

Na grelha

A rede Montana Grill, criada em 1994 pela dupla sertaneja Chitãozinho & Xororó, vai cantar seu cardápio em mais uma freguesia. Em agosto, o grupo abre uma operação da rede de grelhados fast food Montana Grill Express no Shopping Metrópole, em São Bernardo do Campo.

Amy Winehouse – parte III

Parece que finalmente o aguardado terceiro álbum da polêmica cantora Amy Winehouse vai ser lançado. Segundo a própria Amy, o novo CD sai no máximo em seis meses. Whinehouse não lança um novo disco desde 2006, e dessa vez a cobrança será muito maior, já que seu último álbum *Back to Black* foi um enorme sucesso:

- recebeu 6 indicações para o Grammy em 2008, das quais venceu como melhor canção, melhor gravação, artista revelação, melhor álbum pop e melhor interpretação feminina.
- foi o disco mais vendido no mundo em 2007 (mais de 5 milhões de cópias).
- atingiu a marca de 12 milhões de cópias vendidas mundo afora até o início deste ano.

O terceiro álbum de Winehouse está sendo produzido desde 2008, mas nessa mesma época foi abandonado. A cantora não estava recuperada das drogas e compôs algumas canções que foram rejeitadas pela gravadora. Segundo os executivos, o disco era muito depressivo e com muitas referências ao ex-marido de Amy, Blake Fielder-Civil.

GIRO RÁPIDO

Minicraques

Serão apresentadas oficialmente, hoje, em São Paulo, as minirréplicas do trio de craques do Santos Futebol Clube. As pequenas esculturas de **Robinho, Neymar** e **Ganso** são do artista plástico Wilson Iguti e terão venda exclusiva na rede de lojas Ri Happy. Cada unidade vai custar R$ 39.

Voando alto

A Uniair, empresa de transporte aeromédico da Unimed, obteve da Anac a certificação RVSM – Reduced Vertical Separation Minimum (Separação Vertical Mínima Reduzida). A homologação permite voar em grandes altitudes seguindo a nova legislação mundial, entre níveis de voo 29 mil pés.

Via telefone

Depois da loja virtual, a Cantão agora passa a oferecer aos seus clientes mais um canal: o televendas. Campanha com a atriz e apresentadora Fernanda Lima (foto abaixo) entrará em circulação em breve, para ajudar a divulgar a novidade da loja de moda do Rio de Janeiro.

Sem freadas na China

Foi com uma expansão que a brasileira Fras-le inaugurou oficialmente ontem sua fábrica na China, em operação desde julho de 2009. Daniel e David Randon, respectivamente presidentes da Fras-le e do grupo controlador Randon, baixaram na cidade de Pinghu para cortar a fita da Fras-le Ásia. A festa também marcou o início da produção local de pastilhas para freios para veículos comerciais, além das lonas já produzidas pela unidade.

SESSENTONA ECONÔMICA

É com 55 milhões de unidades produzidas que a Consul está completando 60 anos de trajetória, que se iniciou com a produção de refrigeradores. Desde o primeiro modelo fabricado – o Q 300 (foto) –, os produtos desta categoria já reduziram em 60% o consumo de energia. E a evolução em eficiência energética também se mostrou nos fogões da marca, que já usam 24% menos energia do que os fabricados em 2003. Mas o esforço não fica reduzido à energia. Suas lavadoras também economizam água: o consumo é 60% menor do que o das máquinas de lavar de oito anos atrás.

Com Karen Busic
kbusic@brasileconomico.com.br

EMPRESAS

Rede Energia inicia novo ciclo de expansão

Companhia quer mudar a cara do sistema elétrico no Pará e avança no processo de reestruturação financeira

Priscila Machado
pmachado@brasileconomico.com.br

A Rede Energia, empresa privada do setor elétrico que atende 16,5 milhões de habitantes em sete estados brasileiros, está passando por um programa de reestruturação operacional e financeira que irá refletir em novos investimentos destinados à renovação e expansão. O principal será direcionado ao estado do Pará, onde por meio da concessionária Centrais Elétricas do Pará (Celpa) cobre mais de 1,66 milhão de consumidores.

A região deverá receber recursos da ordem de R$ 3,5 bilhões, até 2014, distribuídos em cinco grandes projetos: Universalização (para o qual está previsto um investimento de R$ 254 milhões), que nada mais é que o programa Luz Para Todos, Ilha de Marajó (R$ 541 milhões), Calha Norte (R$ 697 milhões), Entorno de Belo Monte (R$ 850 milhões) e Melhorias (R$ 1,6 bilhão).

Do montante total, cerca de R$ 1,6 bilhão, que será aplicado no plano de melhorias, já tem o financiamento garantido. A Celpa participará com R$ 530 milhões em recursos próprios, sendo R$ 132,5 milhões por ano até 2013. Em 2010 a companhia receberá financiamento de R$ 204,55 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), R$ 22,65 milhões da Eletrobras e R$ 71,22 milhões do Banco da Amazônia. Em 2011 as mesmas instituições voltam a contribuir com R$ 220 milhões, R$ R$ 90,59 milhões e R$ 24,21 milhões, respectivamente.

De acordo com Carmem Campos Pereira, presidente da Rede Energia, a participação do Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FI-FGTS), que injetou R$ 600 milhões na Empresa de Eletricidade Vale Paranapanema, controladora da Rede Energia, será fundamental na concretização das metas previstas para a Celpa. "O Pará é o nosso maior desafio. Com a entrada do fundo não vamos precisar tirar dinheiro do caixa para fazer a melhoria e aquisição de bens de capital, mas sim usar a sobra para o pagamento das dívidas", afirma Pereira.

> Projeto no entorno de Belo Monte prevê a construção de mais de mil quilômetros de linhas de transmissão. O Programa Calha Norte deverá resultar no desligamento de 10 térmicas a óleo

Dos R$ 600 milhões aplicados pelo fundo, R$ 530 milhões foram destinados à Celpa e o restante para a Empresa Energética do Mato Grosso do Sul (Enersul). A empresa paraense é responsável por boa parte da dívida líquida da Rede Energia que encerrou o ano de 2009 no patamar de R$ 4,6 bilhões.

Pelo plano de melhorias, oito novas subestações serão inauguradas ainda neste ano. No mesmo período será feita a eletrificação de loteamentos em 28 municípios.

Além de garantir os recursos que serão utilizados para fazer melhorias no sistema elétrico no Pará, cumprindo exigências da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a Rede Energia negocia com agentes financiadores novos valores para outros projetos. O que irá demandar a maior quantia são as obras no entorno de Belo Monte, estimadas em R$ 850 milhões, e que deverão contar com recursos da Eletrobras. O plano prevê para o projeto a construção de 12 subestações e ampliação de duas já existentes, além da construção de mais de mil quilômetros de linhas de transmissão.

O projeto Calha Norte que deverá conectar o estado do Pará com a região de Parintins, no Amazonas, também precisará de recursos de fora da empresa. Orçada em R$ 697 milhões a obra permitirá o desligamento de 10 usinas térmicas a óleo, o que equivale a 70 milhões de litros de óleo diesel a menos por ano.

O mapa da Rede

O projeto de expansão da Celpa é apenas um exemplo do investimento necessário para manter o crescimento que as regiões Norte e Centro-Oeste demandam. A presidente da Rede Energia destaca que a área de atuação do grupo cobre localidades que estão crescendo acima do Produto Interno Bruto (PIB), o que resulta em recursos e atenção redobrada. "Nós ligamos uma média de 250 mil clientes por ano. É como se estivéssemos adquirindo uma empresa por ano", diz Carmem.

A Rede Energia opera no Pará, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais. ■

Carmem Campos Pereira, presidente da Rede Energia: "Nós ligamos uma média de 250 mil clientes por ano. É como se estivéssemos adquirindo uma empresa por ano"

GRUPO ENERGÉTICO

- A Rede Energia possui 563 subestações, que percorrem 14,8 mil quilômetros de linhas de transmissão em sete estados.
- Além de nove distribuidoras, a empresa é composta por uma comercializadora e uma geradora.
- A Rede Comercializadora, empresa do grupo, é a primeira em venda de energia incentivada e sétima em comercialização de energia segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

Divulgação

Toyota anuncia nova fábrica no Brasil

A unidade ficará em Sorocaba, a 96 km de São Paulo, onde será produzido o novo modelo compacto da marca. A operação será a terceira da montadora no país e receberá investimentos da ordem de US$ 600 milhões. As obras começarão em setembro deste ano e a produção terá início no segundo semestre de 2012. Segundo a montadora, no início serão produzidos por ano cerca de 70 mil veículos. A Toyota informa ainda que estuda exportar o novo modelo.

Marcela Beltrão

Gestão é alterada para atrair investidores

Com a entrada de um novo sócio, a diretoria corporativa passa por reestruturação e a companhia cria a área de relações com investidores

Com vários investimentos previstos para os próximos anos a Rede Energia ainda tem o desafio de otimizar sua gestão, adequando-a à entrada de um novo sócio: o Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FI FGTS). O processo de reestruturação passa ainda pela criação da área de Relações com Investidores (RI) que irá ajudar a empresa na busca por um investidor estratégico.

Segundo Maurício Halewicz, diretor de RI da Rede Energia, são muitas as metas na nova função. Caberá a ele fazer a sinergia com os novos acionistas e realizar a auditoria interna. "É uma coisa que o mercado sempre nos cobrava. O intuito é ter alguém disponível para atender o mercado sempre que necessário", diz o executivo que durante seis anos atuou como diretor de controladoria do grupo.

Ainda de acordo com Halewicz, a abertura de canal com os novos acionistas e a nova estratégia de comunicação é apenas a primeira parte do seu trabalho. "A segunda fase será garantir um investidor estratégico e preparar a empresa para a abertura de capital", destaca.

Marcela Beltrão

Maurício Halewicz
Diretor de RI da Rede Energia

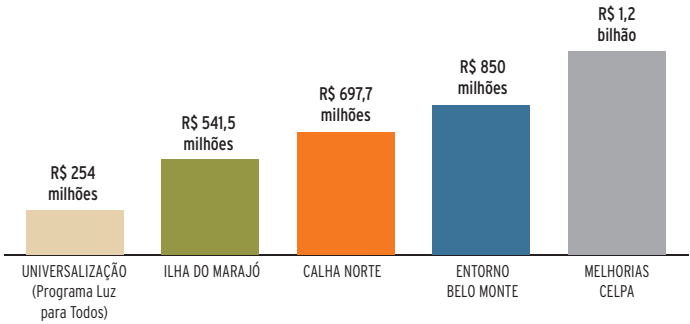
"A segunda fase (do planejamento da área de RI) será garantir um investidor estratégico e preparar a empresa para a abertura de capital"

Apesar de não esconder que o lançamento de ações é um desejo da empresa, Carmem Campos Pereira, presidente da Rede Energia, é enfática ao avaliar que o momento atual não é bom para a abertura de capital. "Por enquanto o que queremos é deixar o mercado confortável e ser considerado um bom divulgador de informações", diz Carmem.

A presidente do grupo reitera que o foco agora é organizar as finanças da empresa e buscar novos investidores. "O processo de captação iniciado pelo fundo - FI FGTS - ainda está na meta-de. A Vale Paranapanema — controladora da Rede Energia — irá chamar um novo aumento de capital da Rede", afirma.

No último dia 14 de junho, a Denerge — Desenvolvimento Energético, acionista controladora direta da Empresa de Eletricidade Vale Paranapanema (EEVP) e indireta da Rede Energia, celebrou contrato com o fundo para a realização de investimento de R$ 600 milhões mediante a subscrição de ações na Vale Paranapanema, que representarão cerca de 35% do capital social da empresa. ■ **P.M.**

INVESTIMENTOS 2010-2014

A Rede Energia planeja aplicar R$ 3,5 bilhões em cinco projetos para impulsionar o sistema elétrico no estado do Pará

ILHA DE MARAJÓ DIGITAL

A maior ilha fluvial do mundo, com cerca de 50 mil quilômetros quadrados e 450 mil habitantes, terá acesso à internet

Usinas térmicas à óleo que serão desligadas
15

Redução anual no consumo de óleo diesel
16,6 milhões de litros

Municípios beneficiados
15

Fonte: empresa

VISÃO GLOBAL

Com 107 anos, a companhia detém uma área de concessão de mais de 2,8 milhões de quilômetros quadrados

Atuação
34% do território nacional

Municípios
578

Estados brasileiros
7 (São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Tocantins, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul)

Consumidores
4,5 milhões

Habitantes atendidos
16,5 milhões

Energia distribuída
21 mil gigawatts/hora

Distribuição nacional
6% do mercado

Colaboradores
12,8 mil

Faturamento em 2009
R$ 7,6 bilhões

Ilha de Marajó entra na era digital

O maior arquipélago fluvial do mundo, com cerca de 50 mil quilômetros quadrados e 450 mil habitantes, já tem um projeto de internet via fibra óptica. A digitalização está dentro do programa de expansão da Rede Energia para a região e ainda este ano será possível aos habitantes de diferentes pontos do conjunto de ilhas se comunicarem por meio das novas ferramentas virtuais. O projeto da companhia para a Ilha de Marajó inclui ainda a construção de subestações e linhas de transmissão.

A primeira fase do projeto, que termina em dezembro deste ano, inclui construção de seis subestações, a adequação de duas já existentes e a construção de 495 quilômetros de linhas de transmissão. A segunda fase incluirá mais 10 subestações, ampliação de duas existentes e 877 quilômetros de linhas de transmissão. "Vamos beneficiar 15 municípios que não eram integrados ao sistema nacional de energia e passarão a ser", assegura Carmem Campos Pereira, presidente da RedeEnergia. **P.M.**

EMPRESAS

FARMACÊUTICAS

Novartis eleva meta de vendas para 2010 e cita demanda aquecida por lançamentos

O lucro por ação da farmacêutica suíça no segundo trimestre superou as previsões ao crescer 18%, para US$ 1,06, acompanhando a demanda maior que a esperada pela vacina contra a gripe, que impulsionou a receita da companhia. A Novartis elevou sua meta para as vendas deste ano para crescimento entre 5% e 9%, considerando as atuais variações cambiais.

Antonio Milena

LOGÍSTICA

Usiminas assina contratos para criar rede de distribuição de produtos

A Usiminas informou ontem que assinou contratos com distribuidores, transformadores e centros de serviços, com o objetivo de formar uma nova rede de distribuição de produtos. A Rede Usiminas terá atuação em 15 estados do Brasil, atendendo o mercado de aços planos. Pela parceria, as empresas participantes da rede receberão assistência e treinamentos oferecidos pela Usiminas.

Romi retira oferta pela americana

Adesão de acionistas ficou abaixo da mínima exigida para a tomada de controle; brasileira diz que grande dispersão

Dubes Sônego
dsonego@brasileconomico.com.br

A Romi, uma das maiores fabricantes brasileiras de máquinas ferramenta,equipamentos para plásticos e fundidos e usinados, anunciou ontem a retirada de sua oferta pública de ações pela Hardinge na Nasdaq. A decisão foi tomada após dois adiamentos no prazo para que acionistas detentores de ao menos dois terços das ações da empresa aderissem ao lance de US$ 10 por ação. Até o fechamento do pregão de Nova York de anteontem, os donos de 49,3% das ações em circulação da companhia americana haviam aceitado a proposta da Romi.

Segundo Livaldo Aguiar dos Santos, diretor-presidente da Romi, o percentual corresponde a mais de 50% dos papéis que não estão nas mãos de acionistas ligados ao Conselho de Administração da Hardinge, que resistiu à investida brasileira. Ainda assim, não seria suficiente para que a brasileira garantisse o controle do negócio.

Em nota oficial, a direção da Romi lamentou a falta de disposição do Conselho de Administração da Hardinge para estabelecer um diálogo sobre a possibilidade de venda. E avisou que agora concentrará esforços em outras alternativas que a permitam "continuar a executar seu plano estratégico".

Tentativa de compra da companhia americana deu visibilidade aos planos da fabricante de máquinas brasileira e abriu caminho para outras negociações

De acordo com Santos, além de alguns negócios que já vinham sendo analisados paralelamente, uma série de novas propostas têm sido recebidas pela Romi, em parte devido a visibilidade que seu projeto de expansão internacional alcançou com a oferta pela Hardinge. "Vamos dar prioridade agora a esses projetos que vínhamos analisando em paralelo", diz.

Questionado se a decisão de desistir da Hardinge é definiti-

AVIAÇÃO

Boeing eleva previsão de demanda global de aviões para 30,9 mil nos próximos 20 anos

A fabricante americana de aviões elevou suas previsões graças ao crescimento das companhias aéreas de baixo custo, substituição de aeronaves menos eficientes e recuperação econômica. A nova estimativa representa uma alta de 6,5% ante a previsão no ano passado, de 29 mil. As novas encomendas equivalem a US$ 3,6 trilhões, 12,5% acima dos US$ 3,2 trilhões estimados um ano atrás.

Ag. Vale

SIDERURGIA

Usinas da China dizem que não buscarão minério de ferro no mercado à vista

A afirmação foi feita ontem pela Baosteel. O novo mecanismo usado pelas três maiores produtoras de minério de ferro do mundo, Vale, BHP Billiton e Rio Tinto, define preços da commodity pela média de valores do mercado à vista verificada no trimestre anterior. Os preços deste mercado recuaram 15% desde o final de abril, causando temores entre as mineradoras de que os clientes chineses poderiam rejeitar contratos.

Henrique Manreza

Livaldo dos Santos, diretor-presidente da Romi: mudança de foco para dar continuidade aos planos estratégicos de internacionalização da companhia

Hardinge

de papéis atrapalhou operação

va, o diretor-presidente da Romi disse que não pode fazer "conjecturas de coisas sobre as quais não tem controle".

Na avaliação dele, outro fator que impediu a Romi de ser mais bem sucedida na oferta pela Hardinge foi a dispersão de boa parte das ações entre pequenos acionistas, que em muitos casos não estão por dentro da operação da empresa. "Entre os investidores de médio porte, a recepção foi boa. O problema são os extremos", diz Santos.

No final da tarde de ontem, as ações da Hardinge caíam na Nasdaq 10,49%, para US$ 8,11 por ação. Na Bovespa, as ações da Romi apresentavam baixa de 0,46%, para R$ 10,75 por ação. O primeiro comunicado avisando ao mercado que a companhia brasileira pretendia adquirir a americana aconteceu no dia 14 de dezembro do ano passado. Na época, os papéis da Hardinge eram cotados a US$ 4,89. ■

VENDAS
A receita operacional líquida da Romi em 2009 atingiu

R$ 475 mi

GANHOS
No ano passado, o lucro líquido da Romi ficou em

R$ 12,8 mi

APORTES
Os investimentos da empresa somaram

R$ 51,8 mi

MARGEM
Depois de chegar a 16,4 %, a margem líquida caiu para

2,7 %

AQUISIÇÃO
Foi o valor máximo da oferta à vista da Romi pela Hardinge

US$ 116 mi

KK Logística amplia escopo da Komatsu

Representante de empilhadeiras da companhia japonesa no Brasil quer abrir filiais em 2011

Empresa vai importar diretamente as peças de reposição com o objetivo de reduzir o custo de manutenção para os usuários

Depois de amargar um ano de vendas fracas em 2009, por conta dos reflexos da crise financeira internacional, a KK Logística começa a colocar em prática medidas para aumentar a venda de empilhadeiras da Komatsu no Brasil, marca que representa oficialmente no país desde o final de 2008. A primeira delas será a importação direta de peças de reposição, com o objetivo de reduzir o custo de manutenção para os usuários.

De acordo com José Storino, um dos sócios da empresa, isso será possível com a eliminação da sobreposição de impostos. Até agora, a importação das peças sobressalentes para empilhadeiras era feita pela própria filial da Komatsu no Brasil, que fabrica máquinas para construção e mineração. Era dela que a KK comprava. Mas para isso tinha que pagar, além do imposto de importação, os impostos que incidem sobre vendas de produtos entre empresas no Brasil.

Dado o primeiro passo, a meta para o ano que vem, segundo o empresário, será a abertura de filiais em estados onde a KK já vem buscando espaço, mas ainda de forma discreta. Entre eles estão Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

Hoje, as vendas e a rede de assistência técnica estão mais concentradas no estado de São Paulo, que representa na avaliação da empresa 35% do mercado de empilhadeiras brasileiro.

De acordo com Storino, no ano passado a KK Logística vendeu cerca de cem máquinas no país. Para este ano, a perspectiva inicial era de 250 máquinas. Mas, o empresário diz que os pedidos para a matriz podem chegar a 300 máquinas. Todos os equipamentos são importados do Japão. Cerca de 90% deles têm preço de revenda no Brasil na faixa dos R$ 65 mil.

Em 2011, com a sedimentação da marca e das atividades da empresa, o lançamento de produtos de ponta, como empilhadeiras movidas a energia elétrica, e ações de marketing mais incisivas em feiras e eventos, o empresário o acredita que será possível crescer pelo menos mais 50%, em número de máquinas comercializadas. Isso significaria alcançar participação de mercado por volta de 10%, na avaliação da KK Logística.

Storino conta que o suporte financeiro para a expansão do negócio vem de outro sócio, que também atua ligado a Komatsu. Trata-se da A&S Máquinas, revendedora de máquinas para construção e mineração da marca nos estados de Minas Gerais e do Tocantins. "Temos tranquillidade, nesse sentido", afirma o empresário. ■

EMPRESAS

VENDAS

Embarques globais de computadores saltam 22% no segundo trimestre, diz IDC

As vendas mundiais de computadores cresceram mais de 20% no segundo trimestre, impulsionadas pela forte demanda corporativa e do mercado europeu, mostram dados divulgados ontem pela empresa de pesquisas IDC. De acordo com outra pesquisa, divulgada pelo Gartner, a venda mundial de computadores atingiu 83 milhões de unidades no segundo trimestre de 2010, 20,7% a mais do que em 2009.

Kimberly White/Bloomberg

TEMORES

Apple fica na defensiva com proximidade de resultado trimestral

A Apple se encontra em situação pouco usual conforme se aproxima a divulgação dos resultados trimestrais, que será daqui uma semana: na defensiva. A reputação da empresa vem sofrendo pressão vinda de diversos lados nas últimas semanas, depois de uma série de reportagens negativas, processos judiciais e queixas quanto a problemas de recepção no recém-lançado iPhone 4.

HP usa 3Com para se armar e roubar os clientes da Cisco

Após integrar a empresa adquirida, que é especializada em redes, companhia usa convergência para alcançar a atual líder do segmento

Carolina Pereira*, de Houston
cpereira@brasileconomico.com.br

A HP acredita na abrangência de seu novo portfólio para crescer no mercado corporativo de tecnologia. A aquisição da 3Com, especializada em redes, ocorrida em novembro de 2009, fez com que a empresa se tornasse a única de tecnologia da informação a oferecer o pacote composto por servidores, datacenter e infraestrutura de rede, afirma Ramon van Zanten, diretor da área que inclui armazenamento de dados e servidores para a região do Caribe e América Latina, exceto Brasil e México. A proposta agora é usar essa vantagem estratégica para avançar sobre os clientes da Cisco, a líder na área de redes. Uma vantagem que custou US$ 2,7 bilhões à HP, o preço pago pela 3Com.

"O mercado de redes está mudando com a presença de um competidor do tamanho da HP. Planejamos ter a oferta completa", diz van Zanten, que garante que atualmente a empresa está lançando mais tecnologias do que nunca. A aposta para ganhar mercado nesse segmento é a convergência das tecnologias envolvendo armazenamento de informações, gerenciamento de software, servidores e redes, além de uma política agressiva de preços. Segundo o executivo, as redes são responsáveis pelo segundo maior gasto dentro do departamento de tecnologia de uma empresa, depois de recursos humanos. Por isso, a estratégia da HP prevê o oferecimento de produtos 65% mais baratos na comparação com a Cisco. A redução é possível por meio da utilização de uma nova tecnologia, que exige menos cabos.

Outra área que ganhou importância dentro da HP com a aquisição da 3Com foi a de segurança de informação, porque ela era dona da Tipping Point, empresa especializada em prevenção de invasão a sistemas de dados. "Antes tínhamos uma posição tímida na área", diz van Zanten.

Divulgação

Ramon Van Zanten
Diretor de armazenamento da HP

"O mercado de redes está mudando com a presença de um competidor do tamanho da HP. Queremos ter oferta completa para o setor corporativo"

Novas marcas

Este mês, a companhia extinguiu a marca 3Com, que passou a se chamar HP Networking. O processo semelhante ocorreu recentemente com a EDS, empresa de serviços de TI também adquirida pela HP, por US$ 13,9 bilhões – e que agora se chama HP Enterprise Services. A integração da 3Com gerou boatos sobre uma onda de demissões na companhia, o que foi confirmado em junho, com o anúncio de corte de 9 mil postos de trabalho no mundo nos próximos cinco anos, como parte de um plano de reestruturação. Segundo a HP comunicou à época, o corte era resultado de ganhos de produtividade e automatização. A companhia alega que a reestruturação resultará na contratação de outras seis mil pessoas em posições não operacionais, e numa diminuição real de três mil vagas.

Por outro lado, no Brasil, o diretor da área que envolve armazenamento de dados, servidores e rede, Denoel Eller, afirma que as 60 pessoas vindas da operação da 3Com no país foram absorvidas pela HP. Segundo ele, apenas para a área de vendas da divisão da qual é responsável, quinze novas vagas estão sendo abertas.

Mundialmente, a HP registrou alta de 28% no lucro líquido no trimestre encerrado em 30 de abril, que totalizou US$ 2,2 bilhões, ante US$ 1,7 bilhão em igual período do exercício fiscal anterior. Na mesma base de comparação, a receita aumentou 13%, de US$ 27,4 bilhões para US$ 30,8 bilhões. De acordo com o informe de resultados, as divisões de armazenamento de dados e servidores foram preponderantes para o crescimento. ■

**Viajou a convite da empresa*

PESQUISA

Químicos aperfeiçoam cristais metálicos usados na absorção de dióxido de carbono

A melhora, feita por cientistas dos Estados Unidos e da Coreia do Sul, permitirá aos cristais metálicos absorver duas vezes mais o gás, um dos responsáveis pelo efeito estufa, impedindo que chegue à atmosfera. Conhecidos como estruturas metal-orgânicas, ou MOF, esses materiais são estáveis e porosos, o que os torna capazes de absorver e comprimir gases em espaços muito pequenos.

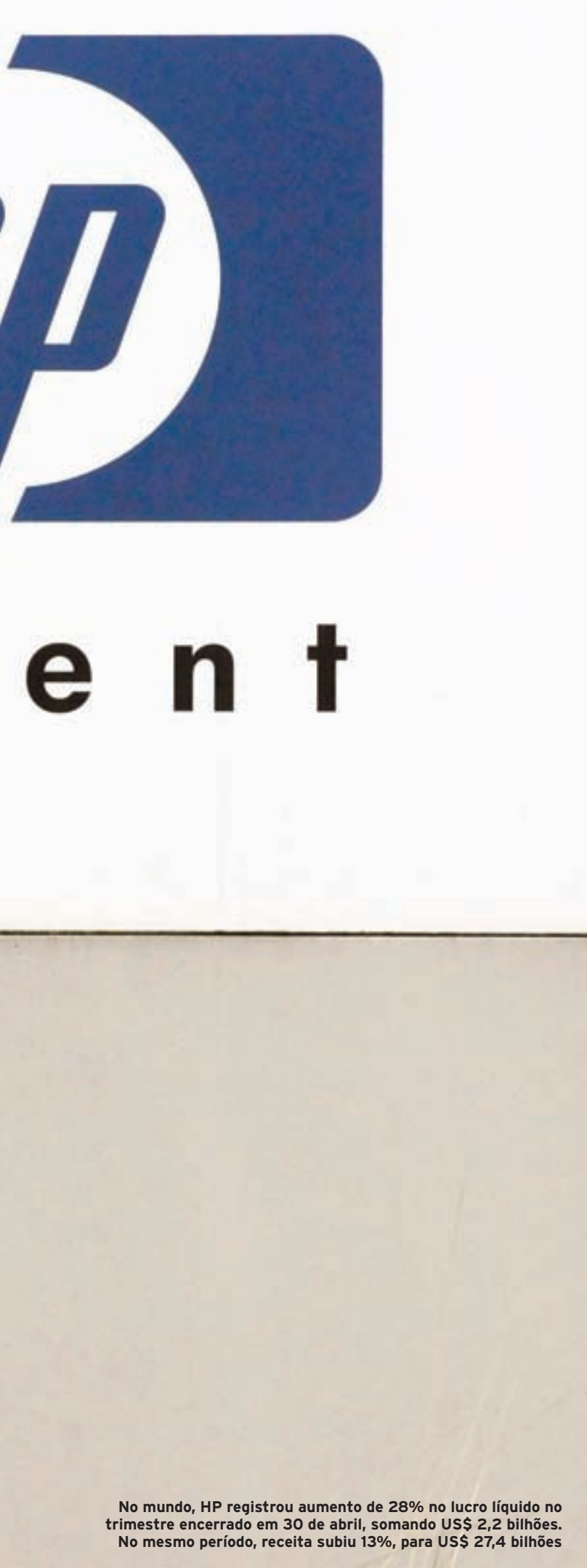
Daniel Acker/Bloomberg

EXPANSÃO

IBM investirá US$ 100 mil para desenvolver sistemas de informações médicas na China

A iniciativa da empresa, anunciada ontem, se estenderá pelos próximos três anos. Seu objetivo é suprir a demanda gerada pela reforma que o governo chinês realizará na saúde do país, orçada em US$ 124 bilhões. A IBM afirmou ter feito parceria com o hospital da Universidade de Pequim, para desenvolver soluções de atendimento com foco em doenças crônicas.

Dirk Waem/AFP

No mundo, HP registrou aumento de 28% no lucro líquido no trimestre encerrado em 30 de abril, somando US$ 2,2 bilhões. No mesmo período, receita subiu 13%, para US$ 27,4 bilhões

Cresce demanda por armazenamento de dados no Brasil

Mas, para a HP, as vendas de servidores não vão manter o mesmo crescimento de 2009

Mesmo com a expectativa em torno da área de redes por conta da integração com a 3Com, adquirida em novembro do ano passado, no Brasil, a área que mais vai crescer dentro da divisão de produtos corporativos da HP é a de armazenamento de dados, diz Alexandre Kazuki, diretor de marketing dessa área e também dos segmentos de servidores e redes. De acordo com o executivo, a demanda por esse tipo de produto está aumentando devido ao crescimento natural do volume de dados e também por causa de algumas exigências legais, como a regulamentação da área de call center, que determina a gravação dos contatos feitos com o cliente.

Por outro lado, área de servidores, afirma Kazuki, que teve grande demanda do ano passado para este, terá uma desaceleração em 2010. “Por conta da crise, em 2009, as vendas caíram, o que fez com que o índice de crescimento do ano passado para esse fosse alto”, diz o executivo, sem revelar números.

Vendas

A HP fechou o ano passado com crescimento de 11% em sua participação no mercado brasileiro de servidores e liderou no segmento por 11 trimestres seguidos, de acordo com dados da consultoria IDC. Globalmente, a empresa tinha, ao final de 2009, 6 milhões de servidores vendidos. Ainda de acordo com a IDC, o mercado global de servidores atingiu US$ 10,4 bilhões no primeiro trimestre de 2010, o que significa uma expansão de 4,7% frente ao mesmo período de 2009.

> De acordo com a empresa de pesquisas IDC, o mercado global de servidores atingiu US$ 10,4 bilhões no primeiro trimestre de 2010, uma expansão de 4,7% ante o mesmo período de 2009. No mundo, a HP passou a deter 32,5% de participação de mercado, com a IBM em segundo lugar, com 27,5%

Esta foi a primeira expansão mundial desse mercado, em comparação anual, em sete trimestres. No mundo, a HP passou a deter 32,5% de participação de mercado, enquanto a IBM ficou com 27,5%. O Brasil representa hoje mais de 2,5% do segmento no mundo.

Na área de armazenamento de dados, no primeiro semestre de 2009, segundo a IDC, a HP apresentava crescimento de 170% em volume de terabytes (TB) vendidos no Brasil, com destaque para a venda de armazenamento para o Itaú BBA para atender a necessidade de ter mais de 1,7 mil usuários em uma solução de virtualização de desktops. Os dados do primeiro semestre de 2010 ainda não foram divulgados.

A integração da companhia com a EDS, hoje HP Enterprise Services, também impulsionou a área de armazenamento de dados no ano passado e resultou em oportunidades de mais de 170 terabytes para atender diversos clientes. O crescimento será maior nesse ano, segundo Kazuki, e os principais mercados continuam sendo as áreas financeira e de telecomunicação. ■ **C.P.**

ÚLTIMAS AQUISIÇÕES

EDS

Maio de 2008

Em um negócio de US$ 13,9 bilhões, a HP adquiriu a EDS, voltada a serviços de tecnologia da informação. A compra gerou rumores de demissões, que foram confirmados mais tarde, em junho de 2010, quando a empresa anunciou corte de 9 mil postos de trabalho no mundo nos próximos cinco anos.

3Com

Novembro de 2009

Para concorrer com a Cisco, a HP arrematou a 3Com, especializada em redes, por US$ 2,7 bilhões. A estratégia para ganhar mercado nessa área inclui a convergência com os demais produtos e serviços oferecidos ao clientes corporativos, como servidores e equipamentos para armazenamento de dados.

Palm

Abril de 2010

Depois de várias especulações do mercado quanto ao destino da fabricante de smartphone, a HP adquiriu a companhia por US$ 1,2 bilhão. A empresa foi pioneira no mercado de celulares inteligentes, mas acabou perdendo mercado para marcas como Apple e RIM, fabricante do Blackberry.

EMPRESAS

SEGURANÇA

Privacidade é preocupação de 50% dos usuários de redes sociais

Metade dos americanos que têm um perfil em sites de relacionamento como Facebook e MySpace estão preocupados com sua privacidade, de acordo com a empresa de pesquisas Marist. O levantamento mostrou que as pessoas acima de 60 anos são as mais preocupadas com o assunto. Recentemente, o Facebook mudou suas políticas para garantir ao usuário mais controle sobre a quantidade de informação pública em seu perfil.

Divulgação

HERANÇA

Cofundador da Microsoft deixará fortuna para caridade

O cofundador da Microsoft, **Paul Allen**, disse ontem que se compromete em destinar a maior parte de sua fortuna de US$ 13,5 bilhões à caridade depois de morrer. Allen, que anunciou em novembro estar passando por tratamento para um linfoma, segue os passos do parceiro Bill Gates e do bilionário Warren Buffett. Allen, a 37ª pessoa mais rica do mundo, segundo a revista *Forbes*, ajudou Gates a fundar a Microsoft, em 1975.

Novos patrocínios engordam o caixa do Palmeiras

Parmalat e banco garantem contratação do técnico do time, Luiz Felipe Scolari, cujo salário mensal é estimado em R$ 700 mil

Ruy Barata Neto
rneto@brasileconomico.com.br

O técnico Luiz Felipe Scolari foi apresentado oficialmente ontem pelo Palmeiras com a pompa de craque internacional. O novo treinador alviverde até vestiu a camisa do clube e posou para fotos – ritual digno de grandes contratações. Junto com o treinador, a agremiação apresentou novos contratos de patrocínio, que garantiram alta de 70% nas receitas de marketing, na comparação com o ano anterior. O montante ultrapassou os R$ 40 milhões.

"Trata-se de um valor comum aos integrantes do G4 [São Paulo, Corinthians, Santos e o próprio Palmeiras, times que trabalham juntos desde 2009 na captação de patrocínio]", diz Rogério Dezembro, diretor de marketing do Palmeiras. Ele afirma que, por conta da atual conjuntura da economia brasileira, a receita de marketing de cada um dos quatro times paulistas deve chegar a R$ 50 milhões nos próximos seis meses. "É o que viabiliza o retorno dos grandes craques como Robinho e Felipão", diz Dezembro, referindo-se ao jogador do Santos e ao técnico recém-contratado.

O dirigente explica que os recursos não vão diretamente para o treinador. Eles vão para o clube e são usados para várias despesas, entre elas a folha de pagamentos. Mas a verba garante uma boa parte do salário de Scolari, estimado em R$ 700 mil mensais. As negociações em torno da contratação do técnico Scolari foram viabilizadas pelas parcerias com o banco português Banif e com a Parmalat — novos reforços entre os patrocinadores. É a segunda vez que a Parmalat patrocina o time. Entre 1993 e 2000, a marca estampou a camisa do clube, mas a parceria foi suspensa quando um escândalo na Itália quase levou a empresa à falência.

Os dois patrocinadores se unem à Fiat (que substituiu a Samsung), Unimed Seguros, Heineken Brasil, Adidas, GE, Visa e Gatorade. Estima-se que cada empresa invista mais de R$ 1 milhão no clube. Segundo Dezembro, a atual configuração de patrocínio permite uma flexibilidade maior para a criação de produtos com a marca do time. Um exemplo é o contrato com a Unimed Seguros. A empresa irá lucrar com a venda de seguros para o sócio-torcedor do Palmeiras (*leia entrevista abaixo*).

> Contratos garantiram aumento de 70% na receita de marketing do clube paulista, que chega a R$ 40 milhões

E há outras oportunidades a explorar. O patrocínio com a Heineken Brasil, por exemplo, está pautado no licenciamento da insígnia do Palmeiras. A companhia assinou contrato com o quatro maiores times de paulistas para lançar cervejas das equipes. Outro exemplo está na parceria com a GE que destinou US$ 2 milhões em equipamentos da área de saúde para o clube. "Hoje fazemos exames de rotina dentro do próprio centro de treinamento, sem precisar levar o atleta até um hospital ou clínica", diz Dezembro. ■

POLÊMICAS À VISTA

TRÊS PERGUNTAS A...

Rafael Neddermeyer

...MAURI RAPHAELLI

Diretor de negócios da Unimed Seguros

"Vantagem é relação próxima com sócios"

A Unimed Seguros quer crescer com a venda de seguros de acidentes para torcedores.

Por que vocês patrocinam clubes de futebol?
Porque os clubes nos oferecem a vantagem de nos aproximar dos sócios-torcedores. Hoje [ontem] começamos a vender um produto exclusivo de seguro de acidentes para os torcedores do Palmeiras. Além de uma série de benefícios, garantimos retorno de 6% do valor bruto adquirido com contratos para o clube.

Quanto vocês gastam com patrocínios?
Com o contrato com o Palmeiras, que vencerá em janeiro de 2011, gastaremos neste ano 50% do nosso orçamento de marketing com o patrocínio de clubes. Além do Palmeiras, temos a cota de patrocínio principal do Joinville e uma pequena parte do Santos. Trata-se até de um DNA da marca Unimed *[a cooperativa médica que é um negócio independente da seguradora]* que chega a patrocinar 28 clubes no Brasil.

Como está estruturado o negócio?
Temos dois nichos principais de atuação. O primeiro é a venda de seguros de saúde, no qual crescemos 25% em relação ao ano passado. Na área de venda de seguros de vida alcançamos crescimento de 18%.

RECEITA
A consultoria Crowe Horwath RCS avalia que o Palmeiras obteve no ano passado

R$ 125 mi

RECURSOS
Segundo a consultoria, as receitas totais dos clubes brasileiros, em 2009, somaram

R$ 1,9 bi

AUTOMOBILÍSTICA 1

Honda enfrenta nova greve em fábrica de autopeças no sul da China

A greve foi iniciada na segunda-feira em uma unidade chinesa da Atsumitec, na cidade de Foshan, que fornece peças de câmbio para a fábrica de montagem da Honda na China, afirmou a porta-voz da montadora. "Ouvimos dizer que a greve já foi encerrada, mas não afetou a nossa principal linha de montagem", disse a porta-voz, sem fornecer mais detalhes.

Henrique Manreza

AUTOMOBILÍSTICA 2

Venda de carros importados cresce 121,5% em junho e atinge 7.642 unidades

Os dados são da Abeiva e dizem respeito à comparação com 2009. Na comparação com maio, houve acréscimo de 2,6%. No primeiro semestre, o avanço é de 175% nos emplacamentos das 22 marcas. Foram 41.800 unidades emplacadas entre janeiro e junho de 2009. Para o presidente da Abeiva, José Luiz Gandini, as projeções anualizadas indicam para 2010 vendas superiores a 80 mil unidades.

Rafael Neddermeyer

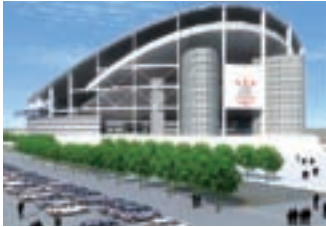
Luiz Felipe Scolari evitou responder à pergunta que não quer calar no futebol brasileiro: ele pode ou não assumir o comando da seleção brasileira para o Mundial de 2014? "Me apresento com o intuito de trabalhar no Palmeiras", diz o técnico. " Se um dia eu tiver que ir para outro lugar, o primeiro a saber vai ser meu presidente [Luiz Gonzaga Belluzzo]". O dirigente diz que a decisão sobre treinar a seleção partirá de Scolari e que o Palmeiras é flexível neste sentido. Porém, há outras questões envolvidas. Scolari assinou contrato com a Parmalat, que inclui a participação do treinador em publicidade — a ser veiculada nos próximos meses, segundo o presidente da companhia, Fernando Falco. A empresa investirá este ano 7% da sua receita para acirrar a concorrência no segmento de lácteos. E há conflitos à vista: a Confederação Brasileira de Futebol é patrocinada pela concorrente Nestlé até 2014. O contrato da Parmalat com Scolari vai até julho de 2011. **R.B.N.**

PROJETOS

Disputa movimenta estádios paulistanos

Fotos: Reprodução

MORUMBI
O São Paulo Futebol Clube se dispôs a fazer uma reforma no valor de R$ 265 milhões para deixar sua arena dentro das exigências da Fifa. Mas a proposta foi recusada pela entidade, que exigia aporte de R$ 630 milhões.

PIRITUBÃO
Projetado pela Odebrecht, o estádio deve custar R$ 700 milhões para abrigar 75 mil torcedores. A arena seria construída junto a um centro de convenções, mas parte do terreno foi barrado pela Cetesb por problemas ambientais.

CORINTHIANS-BANIF
Ainda sem nome, o estádio está sendo avaliado pela diretoria do clube. O Banif ofereceu R$ 700 milhões para a construção da arena, com capacidade para 65 mil cadeiras. Se virar realidade, é candidata à sede paulista para os jogos de 2014.

ARENA PALESTRA
O novo estádio do Palmeiras terá capacidade para 45 mil lugares. Apesar de não comportar o mínimo estabelecido pela Fifa (65 mil cadeiras), a arena alviverde é cogitada como opção para a abertura da Copa no lugar do Morumbi, se ampliada.

Repaginado, Palestra Itália sonha com a Copa

Reunião entre políticos e o presidente da CBF decretará se o Morumbi abrirá a Copa 2014

Nivaldo Souza
nsouza@brasileconomico.com.br

De maneira discreta, o Palmeiras aproveita o sinal verde para seu reluzente projeto de reconstrução do Palestra Itália para se colocar como alternativa para hospedar os jogos da Copa do Mundo de 2014. Ontem, o clube confirmou que também chegou a mandar o plano de seu novo estádio à CBF, sem obter retorno. "Se vier a Copa, ótimo. Se não vier, tudo bem", disse Rogério Dezembro, diretor de marketing do Palmeiras.

Corinthians corre por fora com estádio de 65 mil lugares financiado pelo Banif. Diretoria tinha reunião acertada para ontem para discutir se aceita aporte de R$ 700 milhões oferecido pelo banco. Palmeiras oferece sua nova Arena Palestra para abertura da Copa

Já o estádio do Morumbi tenta a última chance para sediar os jogos. O governador de São Paulo, Alberto Goldman, e o prefeito Gilberto Kassab vão se reunir com o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, na próxima terça-feira, dia 20, para tentar convencer o executivo a reconsiderar o estádio do Morumbi para a abertura da Copa 2014.

Os governantes vão insistir para a CBF pressionar a Fifa a aceitar a candidatura da arena paulistana. O projeto de reforma apresentado pelo São Paulo Futebol Clube, orçado em R$ 265 milhões, foi recusado pela Fifa, que exigia R$ 630 milhões em reparos no estádio.

Apesar das garantias que Goldman e Kassab darão quanto aos recursos financeiros para obras de infraestrutura (malha rodoviária e ferroviária), Teixeira, em clima de conflito com a diretoria do clube, deve se manter contrário à proposta.

Corinthians entra na briga

O veto de parte do terreno onde pode ser construído a segunda opção paulistana para o jogo de abertura, o estádio Piritubão, pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) – por passivo ambiental, pode pôr o Corinthians no radar.

A diretoria do alvinegro discutiria na noite de ontem a proposta do Banif de investir R$ 700 milhões em um arena para o time. O estádio teria lugar para 65 mil lugares e prazo de construção até 2013. O ponto negativo é a compra de um novo terreno em Guarulhos pelo clube , que já possui área terraplenada em Itaquera.

O pedágio cobrado pelo Banif agrada parte dos dirigentes. A contrapartida do banco é a concessão da arrecadação de 15 mil cadeiras da arena, mais 100 camarotes, por dez anos. ■

EMPRESAS

GEOLOGIA

Mapeamento da crosta mostra áreas mais propícias à formação de diamantes

Estudo apresentado na revista *Nature* por pesquisadores de vários países, entre os quais a Noruega, conseguiu mapear milhares de kimberlitos, rochas vulcânicas raras das quais são retiradas os diamantes, em áreas antigas da crosta continental, uma faixa de pouco mais de 300 quilômetros de espessura e 2,5 bilhões de anos de idade. O motivo é que estão ali os diamantes de extração economicamente mais viável.

P. Baudon/ESA-CENS

TECNOLOGIA

Agência Espacial Europeia firma parceria com Atos Origin para operações de TI

A Atos Origin foi escolhida pelo Centro Europeu de Operações Espaciais (ESOC) como a empresa de TI que dará apoio às missões de satélites, como os do programa Galileo, da Agência Espacial Européia para o período de 2010 a 2014. A empresa é a primeira entre os 49 parceiros do ESOC a participar mundialmente do projeto que contemplará atividades de suporte a softwares e tecnologia para sistemas terrestres.

Ideias inusitadas fazem o diferencial da grife Los Dos

Dono da confecção inaugura sua quarta loja em dois anos de operação e recebe convite para levar sua marca aos EUA

Amanda Vidigal Amorim
avidigal@brasileconomico.com.br

O convite feito à paraguaia Larissa Riquelme, recém-promovida à musa da Copa de 2010, para estrelar uma campanha da grife paulistana Los Dos, constituiu-se em mais um acesso de genialidade de seu proprietário Tico Sahyoun. A intenção do empresário era concluir a sequência de ações de marketing desenvolvidas durante a Copa com chave de ouro. Foi aí que surgiu a ideia de entrar em contato com a modelo.

"O que mais me impressionou foi que ela virou a musa sem nunca ter ido a um jogo da Copa. Liguei e fiz uma oferta para ela vir ao Brasil na mesma semana", afirma Sahyoun, que não queria perder o momento de fama de Larissa por ter aparecido nas câmeras durante os jogos do Paraguai na Copa. Além disso, a musa prometeu sair nua caso seu país vencesse a Espanha nas quartas de final.

Como a agenda da modelo estava carregada, Sahyoun rebateu dizendo que muitas revistas masculinas brasileiras estariam interessadas na modelo. Minutos depois ele teve o retorno: era só definir a data do embarque.

Sem revelar quanto pagou pela vinda de Larissa ao Brasil, ele só lembra que foi o primeiro a fazer o contato, portanto obteve preço justo. "É preciso saber a hora exata de agir", afirma o empresário, que demonstrou ser um visionário em outras ocasiões. Antes mesmo da escalação da seleção brasileira por Dunga, ele fechara contrato com Ganso, jogador do Santos, para assistir aos jogos do Brasil em evento organizado pela Los Dos.

O slogan para chamar atenção dos consumidores já estava pronto. "O Dunga não convocou, mas a Los Dos convocou." Foram cerca de 300 convidados em cada jogo do Brasil que estiveram na loja de Moema, em São Paulo. Além da presença de Ganso, a loja contou com Cesar Cielo e outras celebridades. Após os jogos, os convidados assistiram a um show especial com a cantora Preta Gil.

> "Quando temos ideias antes de outras pessoas, pagamos um preço mais justo. E é isso que eu busco fazer, pensar no momento certo
>
> **Tico Sahyoun,** proprietário da Los Dos

No dia 15 de setembro, a Los Dos ganha sua quarta loja no shopping Market Place, na capital paulista. Para a inauguração, os convidados poderão assistir a um rápido show de Rodrigo Santos, do Barão Vermelho. Mas Sahyoun não se limita às vendas de sua rede. Além das nove franquias em vários estados brasileiros, acaba de firmar um contrato com a rede de lojas Riachuelo para lançamento de uma linha de camisetas polo idealizada pelo empresário, também responsável pela direção de estilo da marca.

Internacionalização e futebol

A criatividade nas ações de marketing e o sucesso da marca criada em 2008 prometem levar a Los Dos aos Estados Unidos. "Recebemos um convite de uma empresária brasileira residente em Miami para abrir nossa primeira franquia no exterior em março de 2011", afirma Sahyoun.

A história do empreendedor não começa com a Los Dos. Aos 14 anos já acompanhava o pai, Raphael Sahyoun, na empresa da família, a grife feminina Bob Store. Porém, demorou para surgir o interesse pelos negócios, já que na época ele queria ser jogador de futebol, o que de fato aconteceu.

Participando de um jogo na Espanha por um time de São Paulo, Tico foi convidado por um clube espanhol. Com apenas 15 anos, seus pais acharam que não era o melhor caminho. De volta ao Brasil, ele continuou trabalhando na empresa do pai, mudou os planos e abriu a Los Dos. "Nunca tinha visto ninguém no Brasil trabalhar com moda esportiva de forma glamurizada e foi isso o que eu quis fazer", afirma Sahyoun. ■

Tico Sahyoun procura se antecipar às tendências e calcula suas jogadas

CIÊNCIA

Avanços brasileiros em biotecnologia são destaque na revista científica *Nature*

A revista científica *Nature* destaca em seu editorial desta semana a evolução das pesquisas em biotecnologia no Brasil, dez anos depois do projeto genoma da *Xilella fastidiosa*, a bactéria do amarelinho. A revista chama a atenção para o programa atual de estudos em bioenergia a partir do etanol da cana, mas lembra que ainda há uma defasagem muito grande entre pesquisas básicas e aplicadas pelas empresas.

Qilai Shen/Bloomberg

INTERNET

Organização reguladora da China ameaça fechar sites com conteúdo pornográfico

Mais de 120 sites que oferecem ficção-pornográfica poderão ser fechados pela Administração Geral para Imprensa e Publicação, órgão regulador da imprensa chinesa, se não removerem esse tipo de conteúdo. No fim de 2009, a China desativou sites para celular que ofereciam downloads de conteúdo pornográfico e, mais recentemente, proibiu as empresas de jogos on-line de usarem propagandas com apelo sexual.

Marcela Beltrão

PRODUÇÃO

180 mil

peças são produzidas anualmente pela Los Dos. Toda a produção é terceirizada. O número ainda é baixo perto dos projetos de expansão de Tico Sahyoun.

PRÓXIMA COPA DO MUNDO

2014

Para o evento que será no Brasil, seu projeto é ter uma loja em cada cidade-sede e criar grandes eventos e ações para dar visibilidade à empresa.

PREÇO MÉDIO

R$ 250

é quanto custa as peças unitárias, como calças, camisetas e camisas polo. Os acessórios custam na faixa de R$ 90, mas jaquetas podem valer até R$ 1,6 mil.

STELLA ARTOIS

900

garrafas da cerveja de origem belga foram consumidas em cada jogo do Brasil oferecido por Tico Sahyoun. A loja possui um bar exclusivo da cervejaria.

TRÊS PERGUNTAS A...

...TICO SAHYOUN

Proprietário da Los Dos

"Se tiver uma proposta irrecusável, posso vender a grife"

De jogador de futebol a empresário, o paulistano Tico Sahyoun fala sobre seus projetos.

Quais são os planos para o crescimento da Los Dos?
No momento estamos focando mais em moda e menos em futebol. Com a Copa, o esporte ficou muito ligado à marca. Mas as ações de marketing vão continuar, porém de forma diferente.

O senhor já está pensando no que fazer para a Copa de 2014?
Eu queria ter uma loja em cada estádio, mas é impossível, não é? Então até 2014 terei uma loja em cada cidade-sede e com certeza vamos ter muito destaque.

O senhor pensa em vender a Los Dos?
Com apenas um ano de existência fomos procurados por uma empresa de gerenciamento de marca, mas não era o momento . A Los Dos ainda tem muita coisa para fazer. Mas se eu receber uma proposta irrecusável, pode ser que aconteça. Mas eu não venderia 100%, quero continuar no controle da marca.

BENEFICENTE

Etiquetas de luxo participam de evento

Como o próprio nome já sugere, a Los Dos é uma grife de dualidades. Se por um lado, estimula a imaginação masculina com a modelo Larissa Riquelme, por outro, participará do evento beneficente "Baby Smiles", em prol de crianças com lábio leporino. A Los Dos apresentará modelos infantis e masculinos. Também participam outras marcas de luxo, como a Daslu e a Trousseau. Realizado nos dias 23 e 24 de agosto, no Terraço Daslu, o "Baby Smiles" pretende arrecadar cerca de R$ 300 mil para a ONG Operação Sorriso do Brasil. O ingresso custa R$ 200,00.

Thiago Archanjo

MODELO FOI TRAZIDA AO BRASIL PELO EMPRESÁRIO TICO SAHYOUN

Tico Sahyoun e Larissa Riquelme durante as fotos que a modelo fez para a grife Los Dos. Ele não revela quanto pagou para a modelo paraguaia estrelar sua campanha publicitária, mas garante que foi um preço justo por ter se antecipado à provável demanda da concorrência.

EMPRESAS

TELECOMUNICAÇÕES

Vivo cria oferta que combina texto, acesso a redes sociais e voz

A Vivo lançou a oferta Vivo On, que reúne acesso à redes sociais, bônus de voz e mensagens de texto ilimitadas entre seus clientes. A promoção vale para clientes pré-pagos e dos planos controle. Mediante a recarga de R$ 25, os usuários ganham bônus de R$ 450 e R$ 750, respectivamente. Para participar do Vivo On e ter direito aos benefícios, é preciso se cadastrar pelo site e fazer uma recarga mensal de R$ 12.

PESQUISA

Usuários estão mais conscientes quanto à proteção de informações

Uma pesquisa da fornecedora soluções de segurança digital Avira mostra que os usuários de computadores estão mais conscientes quanto à proteção das informações armazenadas em seus PCs. De acordo com o levantamento, um terço dos 2.917 participantes faz cópias regularmente de seus arquivos. Por outro lado, 16% dos usuários admitiram salvar fotos e dados pessoais, mas não criam cópias dos arquivos regularmente.

Hotéis se especializam em fanáticos por tecnologia

Em vez de conforto, alguns hóspedes usam o critério inovação para escolher onde ficar durante as viagens, entre elas o uso do iPhone como chave do quarto

Marina Conceição, de Lisboa
redacao@brasileconomico.com.br

Imagine o seguinte cenário: uma família decide sair de férias para um hotel equipado com tecnologia de última geração. Na recepção, ao fazer o check- in, recebe um notebook e um MP3 para usar durante o período de hospedagem. Ao chegar ao quarto, a porta se abre com um toque no iPhone.

A família deixa as malas e se dirige para a entrada do hotel, onde pode jogar Wii (console de jogos da Nintendo) gratuitamente. No retorno ao quarto, a mãe pode secar as unhas em segundos num aparelho próprio instalado no quarto enquanto o pai dirige um carro equipado com wi-fi (rede de internet sem fio) para poder continuar conectado. Esta é uma história real e sua experimentação está disponível nos hotéis mais tecnológicos do mundo.

Estes ambientes cercados de inovações por todos os lados estão montados nos Estados Unidos, Paris, Polônia, Hong Kong ou Abu Dhabi, no Dubai. Serviços como internet sem fio, televisão de plasma e seleção de filmes no próprio quarto estão presentes na maior parte das redes hoteleiras, mas não são muitos que vão além destas facilidades.

OS 10 MAIS TECNOLÓGICOS

1. **Hotel Sax** Chicago, Estados Unidos
2. **Hotel 1000** Seattle, Estados Unidos
3. **The Peninsula Hotel** Tóquio, Japão
4. **Blow Up Hall** Poznan, Polônia
5. **The Upper House** Hong Kong, China
6. **Mama Shelter** Paris, França
7. **Montage** Beverly Hills, Estados Unidos
8. **Element Hotels** Estados Unidos
9. **Pad Hotel** Nova York, Estados Unidos
10. **Helix Hotel** Abu Dhabi, Emirados Árabes

Fonte: www.etravelblackboard.com

Inovação global

O hotel Sax, em Chicago, além de dispor de rede sem fio para acesso à internet e televisores de plasma em todas as partes, fornece um notebook e um MP3 no check-in com acesso a jogos eletrônicos, como *Rock Band* ou *Guitar Hero*.

O hotel 1000, em Seatle, garante que os hóspedes não serão incomodados pelas camareiras enquanto estiverem no quarto, pois todos possuem sensores de movimento que mostram um sinal luminoso na porta com o texto "não perturbe".

Do outro lado do mundo, o hotel The Upper House, em Hong Kong, prefere oferecer a cada cliente um iPod (tocador de música e vídeo da Apple) com jogos, música e informações sobre o hotel já instalados no equipamento. O designer Philip Starck optou por equipar os 172 quartos do hotel Mama Shelter, em Paris, com computadores Mac de 24 polegadas e internet sem fio gratuita. No Blow Up Hall, na Polônia, as portas dos quartos também se abrem com iPhones.

Em Portugal, os hotéis estão mais voltados às tecnologias nas televisões e na internet, como TV sobre IP (transmissão do conteúdo televisivo pela internet), video-on-demand (VOD) ou internet sem fio nas zonas públicas do hotel.

A Accor lançou também um programa nos saguão dos hotéis chamado *Um espaço internet num Mac*, implementado pela Apple, com internet gratuita aos hóspedes por 20 minutos. Há também opções para os fãs de exercícios físicos, como o Grand Real Villa Itália, do grupo Real, que oferece uma "wellness suite", com um miniginásio dentro do quarto, que basicamente funciona com um aparelho multifuncional. ■

HOTÉIS DE ALTA TECNOLOGIA

Hotel Burj Al Arab
Dubai

Quem se hospedar nas luxuosas suítes do Burj Al Arab terá acesso a uma infinidade de mordomias tecnológicas, entre elas, notebooks com acesso à internet, televisores de plasma em alta definição. No lobby do Burj Al Arab, há uma fonte de água que está constamente em chamas. Ela utiliza técnicas de última geração para produzir oxigênio e manter o fogo sobre a água.

Hotel Langham Place
Hong Kong

É um dos mais conectados da Ásia-Pacífico. Os hóspedes podem acessar a internet em qualquer lugar do prédios, desde a piscina ao elevador, por sistemas sem fios. Os quartos contam com um telefone VoIP (voz sobre IP) que pode ser levado para qualquer parte. Há ainda uma iHome, base para iPod, em todas as suítes, que permite carregar o aparelho ou ouvir música.

Hotel OMM
Barcelona

Só quem é hóspede consegue acesso ao quarto, pois o elevador pede um cartão de identificação. Na suíte, há uma série de botões ao lado da cama que controlam todas as tecnologias instaladas do local. O televisor de alta definição fica embutido na parede e, se estiver desligado, serve como espelho. O sistema de som é da famosa grife Bang & Olufsen, como o leitor de DVD.

The Berkeley
Londres

Quer brincar com o iPad no hotel e não tem um? O Berkeley empresta um aos seus hóspedes. Pelo sistema, os clientes podem agora ler os jornais *Le Monde* ou *Wall Street Journal* no café da manhã, assim como verificar o horário de funcionamento da loja de Christian Louboutin, em Motcomb Street. Essa é apenas uma das mordomias oferecidas pelo hotel londrino.

OS MAIS COMUNS EM HOTÉIS

COMPUTADOR iMac, da Apple

DESEMPENHO

Brasil ultrapassa os 185 milhões de celulares em junho, informa Anatel

O número de celulares no país ultrapassou os 185 milhões de assinantes em junho, de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Em relação a maio, o crescimento foi de 0,78%. A Vivo mantém a liderança, com 30,24% de participação de mercado, seguida por Claro, com 25,33%; Tim, com 24%; Oi, com 20,08%; CTBC, com 0,30%; Sercomtel, com 0,04%; e Unicel, com 0,01%

Jay Mallin/Bloomberg

ESTRATÉGIA

Nextel e Red, de El Salvador, fazem parceria para isenção de tarifa internacional

A Nextel América Latina e a Red, que oferece serviços de comunicação móvel para clientes empresariais em El Salvador, anunciaram uma integração de seus serviços. Graças ao acordo firmado entre as duas empresas, os assinantes da Red e os clientes da Nextel na Argentina, Brasil, Chile, México e Peru poderão falar entre si sem pagar tarifa adicional de conexão internacional.

Fotos: Diário Econômico

Quarto
Hoje, principalmente nos hotéis cinco estrelas, é possível encontrar suítes imensas equipadas com aparelhos eletrônicos de última geração. São eles:
iPad;
Sistema de som Bang & Olufson;
iHome (base para iPod);
Televisor de plasma de alta definição;
Notebook com acesso à internet, fax e impressora;
Secador de unhas;
TV com acesso à internet;
Consoles Wii e outros videogames ou Nintendo DS

PLASMA
Televisor de alta definição, da Pionner

SISTEMA DE SOM
Beo Center 2, da Bang&Olufsen

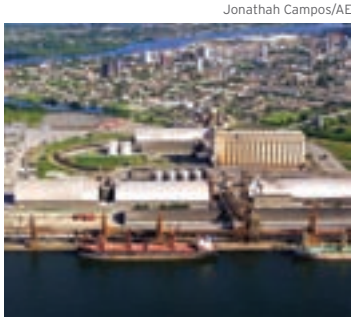
Lobby
A maior parte dos hotéis disponibilizam várias tecnologias aos hóspedes e clientes que vão para almoçar ou participar de reuniões. Entre elas:
iMac;
Computadores;
Televisores de alta definição

Por todo o prédio
Os hotéis usam redes sem fio para garantir o acesso à internet em todas as dependências. Com isso, eles conseguem oferecer:
Solicitação de serviço de quarto por notebook, celular ou outros dispositivos móveis;
Biometria, em leitura de digital para a abertura do quarto;
Usar iPhones como chave para o quarto ou como comanda para outros serviços

EMPRESAS

PETRÓLEO

OGX faz novas descobertas de óleo na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro

A empresa informou ontem ter feito a descoberta em poço na parte sul da Bacia de Campos, no Rio de Janeiro, o que reforça a importância da região, que deverá ser prioridade a partir de agora. A coluna foi revisada de 60 metros para 90 metros e foi encontrada uma nova coluna de 55 metros. "O resultado é tão positivo que novas perfurações na área se tornaram prioritárias.", disse Paulo Mendonça, diretor geral da OGX.

Jonathah Campos/AE

LOGÍSTICA

Porto de Paranaguá deve licitar área de 70 mil metros quadrados para papel e celulose

No local, o porto planeja a construção de armazéns para embarques dos produtos. Atualmente, mais de 60 empresas do setor, incluindo a Klabin, utilizam o local para exportação. Segundo o diretor empresarial da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (PR), João Batista Lopes dos Santos, somente no primeiro semestre de 2010 foram exportadas 179 mil toneladas de papel e celulose em Paranaguá.

Petrobras anuncia construção de

Meta é alcançar produção de 18 milhões de metros cúbicos de gás por dia em 2011; estado é o 2º maior produtor de petróleo

Cláudia Bredarioli
cbredarioli@brasileconomico.com.br

Se antes de sair do papel o projeto do pré-sal já era tido como um grande motriz para o crescimento econômico brasileiro, agora, que já é realidade, parece mostrar fôlego para muito mais. Só ontem, durante cerimônia que marcou o início da produção contínua de petróleo da camada pré-sal no Campo de Baleia Franca (ES) foram divulgadas duas iniciativas em prol da atividade produtiva: a Petrobras irá desenvolver um complexo gás-químico no Espírito Santo, ao mesmo tempo em que o governo federal prevê criar um fundo para reinvestir em novas atividades os recursos captados com a extração.

O presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, anunciou que a empresa estuda a construção do polo gás-químico para utilizar a produção de gás natural da região. "Nós estamos desenrolando projetos, que estão ainda em fase inicial, mas que se tornarão realidade dentro em breve, para desenvolver a química do gás natural, criando um complexo que vai usar o gás para chegar a produtos químicos no Estado do Espírito Santo", disse Gabrielli, acrescentando que a Petrobras tem condições de crescer em terra e no mar no estado.

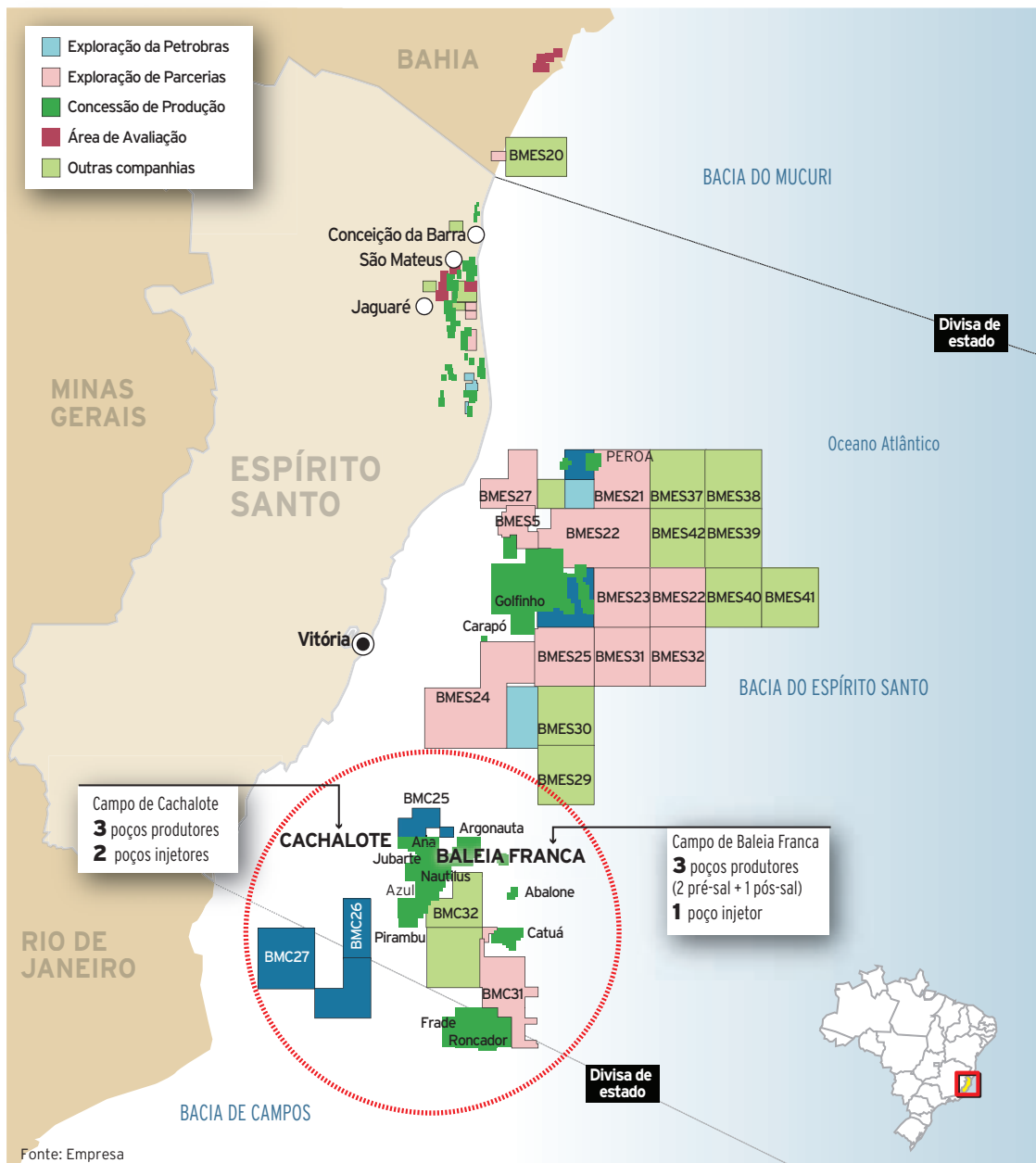
"O Espírito Santo vai ter um polo químico, mas não amanhã, porque às vezes leva três ou até cinco anos para isso acontecer", disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seguida ao anúncio de Gabrielli. "Por isso vamos criar um fundo para ser gerido pela sociedade brasileira e esse dinheiro é para ser investido em coisas novas que ainda não fizemos", acrescentou o presidente.

Ainda a respeito do novo polo gás-químico, o governador do Espírito Santo, Paulo Hartung (PMDB), explicou que as negociações iniciais com a Petrobras eram para construção de uma fábrica de fertilizantes, mas que no meio das conversas surgiu a oportunidade de um polo gás-químico no estado, bem mais amplo.

> Nós estamos desenrolando projetos que estão ainda em fase inicial, mas que se tornarão realidade em breve, para desenvolver a química do gás natural, criando um complexo que vai usar o gás para chegar a produtos químicos no estado do Espírito Santo
>
> **José Sergio Gabrielli,** presidente da Petrobras

> O Espírito Santo vai ter um polo químico, mas não amanhã, porque às vezes leva três ou até cinco anos para isso acontecer
>
> **Luiz Inácio Lula da Silva,** presidente da República

EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO NO ESPÍRITO SANTO

Saiba mais sobre a primeira região do país a produzir petróleo na camada pré-sal comercialmente

"O polo está no plano de investimentos da Petrobras, no PAC 2, e agora foi anunciado publicamente por Gabrielli e reforçado pelo presidente Lula", afirmou Hartung. O governador informou ainda que a localização do polo deverá ser próxima à Unidade de Tratamento de Gás Natural de Cacimbas, em Linhares (ES).

A expectativa é de uma produção de 18 milhões de metros cúbicos de gás por dia já no ano que vem. Esse volume deve permitir ao Espírito Santo diversificar o quanto antes suas atividades econômicas. O estado é o segundo maior produtor de petróleo no país com 165 mil barris diários de petróleo e 5 milhões de metros cúbicos de gás.

O poço do pré-sal de Baleia Franca começará a produzir cerca de 13 mil barris de petróleo por dia (bpd). O petróleo é leve, estimado em 29 graus API. A previsão da Petrobras é de que atinja a capacidade máxima, de 20 mil bpd, ainda em 2010. A bacia do Espírito Santo apresenta uma situação diferente da encontrada na bacia de Santos, onde estão os maiores reservatórios. A camada de sal capixaba é de cerca de 100 metros (com previsão de produção de 160 mil barris até 2014) e em Santos chega a dois quilômetros, com capacidade para 340 mil barris .

"É um dia histórico para a Petrobras, para a tecnologia brasileira e para o nosso país", comemorou Lula em discurso durante o qual ele se manteve o tempo todo abraçado a uma lata de petróleo. "É a segunda vez que eu venho ao Espírito Santo buscar petróleo".

Em 2006, Lula apresentou o primeiro óleo da camada pré-sal (e ainda brincou com a então ministra Dilma Roussef ao limpar em sua roupa as mãos sujas de petróleo). O presidente voltou ontem para oficializar a primeira operação comercial do pré-sal brasileiro, sem Dilma. ■ **Com Reuters**

ADMINISTRAÇÃO

Companhia de Saneamento do Paraná anuncia mudanças em sua diretoria

O Conselho de Administração elegeu Hudson Calefe para o cargo de diretor-presidente, Heitor Wallace Espínola de Mello e Silva para o cargo de diretor financeiro, Eduardo Felipe Guidi para o cargo de diretor de investimentos e Erivelto Luiz Silveira para o cargo de diretor de meio ambiente e ação social. Hudson Calefe e Heitor Wallace compunham a antiga diretoria, e eram responsáveis por finanças e investimentos.

Diego Giudice/Bloomberg

AGRONEGÓCIOS

Produtores argentinos de trigo dizem que abastecimento pode ser prejudicado

Em meio a discussões de uma proposta para implementar uma classificação por qualidade do trigo argentino, eles disseram que o comércio do produto neste ano continuará cheio de incertezas, em função das políticas do governo argentino para o setor, que tributa as exportações do grão em 28% e impõe limites para as vendas externas. O objetivo é garantir o abastecimento interno.

polo gás-químico no Espírito Santo

DETALHES DO PROJETO CAPIXABA

Compressão de gás
3,2 milhões de m³ por dia

Poços
6 produtores de óleo e **3** injetores de água

Produção de óleo
100 mil bpd

Capacidade de armazenamento
1,6 milhão de barris

Acomodações
96 trabalhadores embarcados

Capacidade de injeção de água
22 mil m³ por dia

Comprimento
345 metros

Peso total carregado
254.444 toneladas

OCEANO

TUBULAÇÃO DE EXTRAÇÃO

CAMADA DE PÓS-SAL

SAL

GÁS

PETRÓLEO

PROFUNDIDADE 1.480 M

CAPIXABA

160 mil
barris de petróleo por dia é a previsão de produção na camada pré-sal capixaba, que tem cerca de 100 metros de extensão e fica a 1,5 mil metros de profundidade.

QUEDA

25,75%
é a perda de valor de mercado da Petrobras acumulada em um ano em consequência das dúvidas do mercado sobre seu processo de capitalização.

PAULISTA

340 mil
barris de petróleo por dia é a expectativa de capacidade de extração na camada pré-sal da bacia de Santos, a mais de 2 mil metros de profundidade.

DISTÂNCIAS

80 km
é a distância média entre a camada do pré-sal e o continente no Espírito Santo; na Bacia de Santos essa distância ultrapassa os 300 km.

Ricardo Stuckert/PR

O Presidente Lula na cerimônia de ontem, no Espírito Santo

Lula não quer discutir divisão de royalties

Para o presidente, assunto precisaria ser evitado em ano eleitoral

O presidente Lula voltou a afirmar que não é a favor da discussão sobre a divisão dos royalties entre os estados em ano de eleições. "Eu até não queria que entrasse em discussão no Congresso Nacional, porque estamos num ano eleitoral, e no ano eleitoral todo mundo quer fazer benefícios para todo mundo", afirmou.

A matéria sobre a divisão dos royalties está na Câmara dos Deputados, mas a previsão é de que seja discutida após as eleições de outubro. O texto também trata da mudança no sistema de exploração para o regime de partilha.

O presidente lembrou que o projeto de royalties enviado ao Congresso Nacional foi fruto de um acordo com governadores. A proposta, no entanto, foi alterada na Câmara dos Deputados, por uma emenda que estabeleceu a divisão dos royalties igualmente entre estados produtores e os não produtores. O Senado manteve a mudança.

> Ações da Petrobras PN já acumulam perdas de 27,3% apenas neste ano. Empresa enfrenta desafio de capitalização

O governador do Espírito Santo, Paulo Hartung, disse que está confiante no veto do presidente à emenda que redistribui os royalties do petróleo, mas que esse não será o fim da luta dos estados produtores.

Capitalização

Afora a discussão sobre os royalties, a Petrobras tem pela frente outro desafio: o de desenrolar o imbróglio de seu processo de capitalização e, assim, tentar reverter as perdas que acumula tanto em valor de mercado quanto em ações. Com nova queda ontem, a Petrobras PN já chega a uma variação negativa de 27,3% acumulada no ano, enquanto Petrobras ON tem perdas de 24,54%.

Da mesma forma, o valor de mercado a estatal mostra variação negativa de 25,75% em 2010. Segundo analistas, esse seria um dos motivos pelos quais projetos como o da Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro — Comperj, e da refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, ainda estão em andamento. A se somar mais a expectativa de construção do novo polo capixaba, a fila tende a aumentar. ■ **C.B. com Reuters e AE**

BASTIDORES CULTURAIS

CESAR GIOBBI

Patrocinador? Não. Um agente, uma incubadora

É o que o Santander Cultural pretende ser em seus projetos pelo Brasil afora. Um parceiro que consulta e respeita anseios e talentos locais, a cidadania, o empreendedorismo e a sustentabilidade

SOTAQUE PERNAMBUCANO

Liliana Magalhães é superintendente do Santander Cultural e vice-presidente de Marca, Marketing e Comunicação Corporativa do Grupo Santander Brasil. É arte-educadora formada pela Universidade Federal de Pernambuco, foi aluna de Ariano Suassuna, trabalhou com Gilberto Freyre na Fundação Joaquim Nabuco, trabalhou na Fundação Roberto Marinho e finalmente chegou ao Santander quando o banco herdou do Banco Meridional o belo prédio do centro de Porto Alegre, e o transformou num pólo cultural de reverberação nacional. Agora ela responde pelos projetos da área cultural do Santander, com atuação independente da Fundação Santander. Na Espanha.

O Santander Cultural e a Secretaria Municipal de Cultura apresentam hoje à imprensa, e abrem domingo para o público, a mostra Transfer, uma exposição de artes visuais e cultura urbana, no antigo prédio da Prodam. A exposição ocupará o primeiro andar do prédio, enquanto o primeiro apresenta a mostra Puras Misturas, com curadoria de Adélia Borges. Este é o primeiro projeto do secretário Carlos Augusto Calil para o local, que ele vai transformar em Pavilhão das Culturas Brasileiras. O endereço, de propriedade da Prefeitura, depois de desocupado pelo órgão da administração pública, foi disputado por algumas instituições privadas, oferecido a outras. Foi parcialmente recuperado e ocupado pela mostra Paralela de arte contemporânea, e por exposições educativas da Fundação Sangari. Até que Calil decidiu que aquele iria ser um espaço cultural gerido pelo município. Depois destas mostras, será fechado para obras definitivas de restauro e adequação. E reinaugurado ainda nesta gestão.

O Projeto Transfer é do Santander Cultural, com vários parceiros, incluída a Secretaria. É inovador, abrangente, inclusivo. Sai do prédio para a marquise do Ibirapuera em forma de uma escultura “skatável”, faz o possível para reunir num mesmo contexto todas as manifestações da street art e da cultura urbana, em constante transformação. Tem a participação do Coletivo Nó e dos americanos Beautiful Losers, pioneiros no gênero. Para a abertura, no domingo, agrega também uma apresentação do grupo novaiorquino Antigravity, que fez o show para a posse de Barak Obama. É outro projeto patrocinado pelo Santander, que terá turnê nacional, e que também envolve vários parceiros das artes cênicas e circenses das cidades brasileiras em que se apresentará.

Tudo isso para contar sobre o modo de atuar do Santander Cultural. Investe em cultura sem impor um projeto, mas incorporando as demandas locais e agregando os talentos locais. É o que explica Liliana Magalhães, Superintendente do Santander Cultural, e Vice-Presidente de Marca, Marketing e Comunicação Corporativa do grupo Santander Brasil.

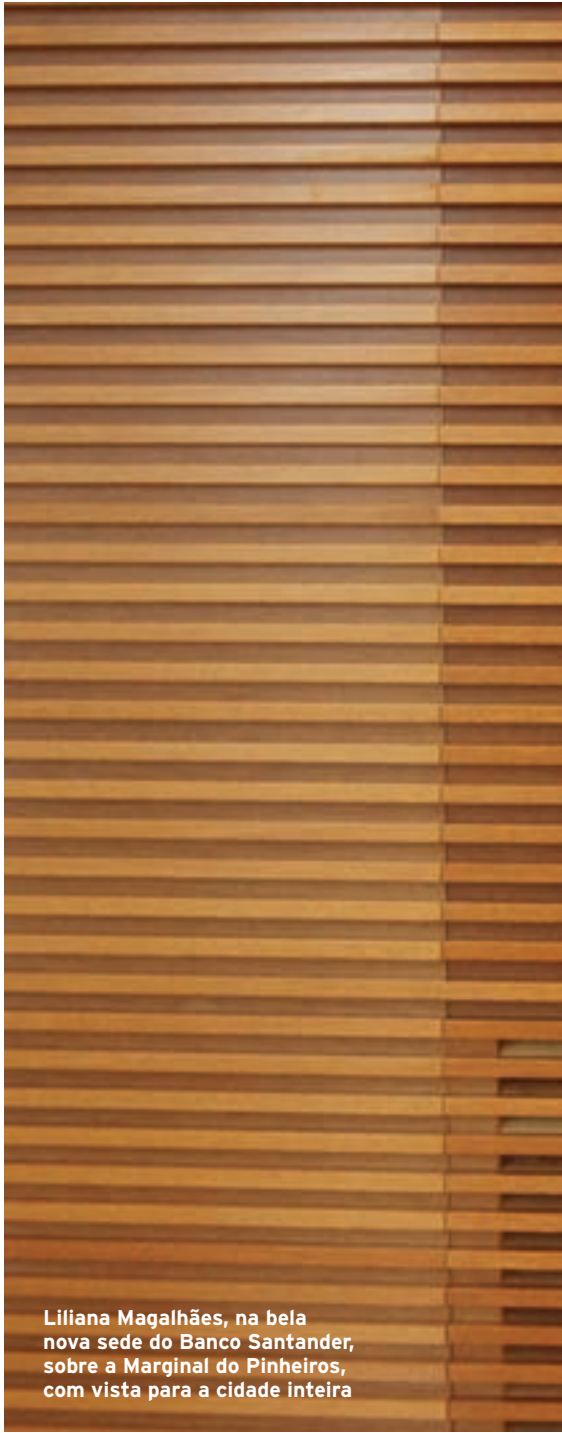
O sotaque pernambucano vai aparecendo aos poucos na conversa, inicialmente disfarçado por um sotaque carioca. Liliana é pernambucana. Formou-se em Arte Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, onde foi aluna de Ariano Suassuna. Depois trabalhou na Fundação Joaquim Nabuco, com Gilberto Freyre. E ainda por cima é sobrinha de Aluizio Magalhães, com quem conviveu muito. Para mim isso já é mais que suficiente como currículo. Mas depois passou pelo Rio, onde trabalhou na Fundação Roberto Marinho. E aí foi para Porto Alegre, no começo da década, quando o Santander herdou do Banco Meridional aquele prédio lindo no centro da capital gaucha, que hoje é um polo cultural, “um espaço sem fronteiras”, como o define Liliana, que reverbera por todo o País.

Tanto que o Transfer nasceu lá, há dois anos. E surgiu como uma decorrência do sucesso de outra mostra anterior, Mirabolante Mirò, que apontou as possibilidades de interação entre a arte consagrada, o fazer contemporâneo e a cultura urbana, e que teve uma itinerância não programada por várias capitais brasileiras. Como uma prova de acerto nesta aposta, logo depois, a Tate Modern de Londres chamou os Gemeos e o Nunca, ícones da arte urbana brasileira, e os colocou em destaque.

O Santander Cultural tem outra unidade física no Recife, herdada do Bandep via Banco Real, mais um belo prédio histórico no marco zero da cidade, com vocação para as artes visuais, mas ampliado para a música e a reflexão que, segundo Liliana, é uma das grandes tônicas do trabalho do Santander Cultural. Tanto que em agosto abre a mostra Conexão São Paulo, tendo como curador Moacir dos Anjos, que é curador da 29ª Bienal de São Paulo. Para São Paulo não há projeto de uma sede física com programação. Mas existe já uma reserva técnica, com os acervos recebidos dos vários bancos comprados, como o Banespa e o Real, na antiga sede do Sudameris, também um belo prédio histórico no centro. Quem sabe?

Liliana vai explicando que toda a gestão brasileira é completamente autônoma da Fundação Santander, na Espanha, que aplaude a gestão desenvolta da filial brasileira. Que tem uma mentalidade própria de respeito a repertórios locais. Para Liliana, não há sentido em se impor um projeto cultural a uma cidade, sem consultar todos os players legítimos de sua cultura, como universidades, entidades de classe, intelectualidade e mundo artístico.

> “A noção de cultura é muito mais ampla do que a manifestação artística. A cultura hoje é o quarto pilar da sustentabilidade

O Santander Cultural, com essa mentalidade, acaba se transformando num agente, uma “incubadora” que ajuda a realizar anseios. “Hoje a gente faz o que o terceiro setor fazia. A iniciativa privada se deu conta de sua responsabilidade”, diz ela. Por exemplo, em Porto Alegre sempre foi parceiro importante da Bienal do Mercosul. No Rio, entrou no projeto de revitalização dos Arcos da Lapa, região rica de história e produção cultural, com o Circo Voador e a Fundição Progresso.

Liliana Magalhães, na bela nova sede do Banco Santander, sobre a Marginal do Pinheiros, com vista para a cidade inteira

Embora sem projeto de sede física, a preocupação da presença do Santander em São Paulo é grande, com a herança do Banespa, e a importância histórica do banco para o Estado. O Santander Cultural é parceiro de vária instituições privadas, como o MAM, mas é na Pinacoteca do Estado que concentra mais atenção, patrocinando o projeto Octógono, ou seja as instalações site specific montadas naquele belo espaço do museu paulista. Além dos projetos Museu para Todos e um seminário de arte-educação. Para manter a tradição do banco estatal, a instituição também aposta no fomento ao cinema paulista.

“A noção de Cultura é muito mais ampla do que a manifestação artística”, diz Liliana. Por isso, a ação do Santander Cultural quer mudar a relação patrocinador/patrocinado para a de parceria. E procura nichos de oportunidade de investimento respeitando quatro dimensões norteadoras. Liliana as enumera: “A

Um presente de Maria Bonomi

A artista plástica Maria Bonomi doou uma escultura para a cidade. Falou com o secretário de Estado da Cultura, Andrea Matarazzo. Mas quer sua obra num local com muitos passantes, e não num parque do Estado. Sugeriu uma praça no começo da Avenida Paulista, no Paraíso. O secretário agora está em tratativas com a Prefeitura. A escultura de aço, **Plexus**, tem três metros de altura, sobre uma base de mais três. Se tudo der certo, a obra estará no meio da confusão do trânsito paulista, como Maria quer.

AGENDA

- Estreia da peça *Mulheres Alteradas*, baseado na obra de Maitena, no Teatro Procópio Ferreira, no dia 16, às 21h30
- Abertura da exposição Obra Gráfica, de Guilherme de Faria, na Caixa Cultural São Paulo, no dia 17, às 11h
- Estreia da peça Blitz, de Bosco Brasil, no Centro Cultural São Paulo, no dia 17, às 21h
- A Cia. Banana Broadway apresenta o espetáculo *Vertigem*, na Praça do Patriarca, no dia 17, às 12h30

bastidoresculturais@brasileconomico.com.br

Rafael Neddermeyer

cidadania, que leva em conta o bem coletivo, a criação de valores, a gestão de atividades que enalteçam a importância da cultura; a educativa, que prevê a transferência de conhecimento e a preservação dos saberes e fazeres, estimulando o repertório local; a interativa, que analisa o programa ou a forma como a cultura é produzida ou consumida; e o empreendedor, que aposta no impacto de desenvolvimento, a relação emprego/renda no entorno, explorando talentos locais".

Ou seja, leva em conta a sustentabilidade, também nessa área. "A Cultura é o quarto pilar da sustentabilidade. E não há mais espaço para o desperdício", diz Liliana. Que acrescenta: "O novo sempre surge de uma inquietação. É possível provocar o desenvolvimento dinâmico do novo, indo buscar o que a comunidade já sabe. Isso confere legitimidade e produz algo que é necessário".

Liliana atribui a agilidade do trabalho do Santander Cultural, bem mais jovem do que seus análogos, à orientação de Fabio Barbosa, que ela descreve como uma "força agregadora", e que há cerca de um ano levou o assunto cultura no Santander para dentro da área de Marca. Há aspectos culturais que permeiam vários orçamentos, que vão dos setores de Marketing ao de Sustentabilidade. Por isso, para Liliana fica difícil definir exatamente qual a verba reservada pelo Santander para a cultura. Ela tem uma cifra de R$ 20 milhões na cabeça. E nem tudo isso sai por leis de incentivo. O orçamento da sede de Porto Alegre, por exemplo, sai de investimento direto. De qualquer maneira, o montante parece pequeno, insuficiente para realizar toda a lista de projetos pelo Brasil inteiro que ela me apresenta. Para explicar o milagre, Liliana lembra que o Santander Cultural trabalha com "processos associativos", sublinhando que Cultura é um valor coletivo. O esforço deu certo. Liliana fala com orgulho do Prêmio ABCA conferido ao Santander Cultural por sua programação nacional este ano.

Com a formação que tem e com os mestres que teve, também não surpreende saber que Liliana concorda plenamente com as mudanças que o Minc pretende fazer na Lei Rouanet, ampliando sua função social: "A cultura a preços populares beneficia o entorno com informação e inclusão". ■

O novo sempre surge de uma inquietação. É possível provocar o desenvolvimento dinâmico do novo, indo buscar o que a comunidade já sabe. Isso confere legitimidade e produz algo que é necessário

BREVES

O prêmio do governador

Ciete Silvério

O governador de São Paulo, **Alberto Goldman**, anunciou ontem no Palácio dos Bandeirantes, que está relançando o Prêmio Governador do Estado, para várias categorias artísticas. O prêmio, suspenso por muitos anos, foi em outras épocas o mais importante troféu cultural paulista. Amanhã, em Campos do Jordão, Goldman anuncia uma campanha para comprar mais instrumetos musicais para o Projeto Guri.

Teatro no escuro

Novidade no Festival Internacional de Teatro de Rio Preto, em cartaz no momento: o espetáculo *Os Cegos – Fantasmagorias Tecnológicas*, do canadense Denis Marleau, da Ube Cie Theatre, que será apresentado dia 23, não tem atores em cena. Só utiliza projeções dos personagens no palco. O espectador permanece na escuridão, acomodado numa caixa preta em cima do palco. Ingressos esgotados, claro.

FINANÇAS

Banif vai criar área de seguros para baixa renda

Banco também prepara reestruturação em cartões e parcerias em crédito consignado

Ana Paula Ribeiro
aribeiro@brasileconomico.com.br

Embalado pela perspectiva de crescimento contínuo do consumo, o Banco Banif se prepara para alcançar uma maior participação no segmento de menor renda da população. A aproximação será feita pela maior oferta do crédito –por meio das agências da instituição financeira, da promotora de venda e de parcerias no consignado–, reestruturação da área de cartões e criação de uma área de corretagem de seguros. "O crescimento do consumo é muito grande e ainda assim a expansão da demanda é pequena em relação ao tamanho do país", avalia o presidente da instituição financeira, Julio M. Rodrigues.

O namoro do banco com essa parcela da população começou há pouco mais de três anos, quando criou Banif Financeira, também conhecida como Lusicred. Nas 16 lojas, são explorados o crédito pessoal, o refinanciamento de veículos e o financiamento de automóveis. No caso dos empréstimos voltados ao consumo, a financeira atua com parcerias com o comércio varejista. Há ainda a atuação junto a promotores de venda para explorar os contratos de créditos consignados.

Como em outros bancos, o interesse está ligado à maior e melhor distribuição de renda no país nos últimos anos e aumento dos salários. Com mais dinheiro no bolso, esse público está disposto a consumir, mesmo que pagando juros.

É do crédito ao consumo que o banco espera que venha a maior parte do crescimento do crédito em 2010. No final do ano passado, a carteira total de empréstimos do banco era de R$ 1 bilhão, de acordo com Rodrigues. "Devemos crescer em linha com o mercado", afirma o executivo. No entanto, os profissionais dessa área projetam uma expansão em torno de 20%, enquanto Rodrigues acredita que a carteira finalizará o ano em R$ 1,1 bilhão, o que daria uma expansão de 10%.

Na pessoa física, antes da abertura da financeira, o Banif trabalhava com um banco de relacionamento destinado ao público de maior poder aquisitivo. Por isso, para se tornar mais conhecido no Brasil, o banco aposta em ações de marketing ligadas a clubes de futebol. Além disso, também oferece os mesmos produtos de crédito da financeira na rede de agências, que somam hoje 14.

> Instituição iniciou namoro com o segmento mais carente da população há três anos

Outro passo do banco no sentido de ampliar sua atuação junto as pessoas físicas é a criação de uma corretora de seguros, ainda na fase de estudos. "É um novo processo no banco", diz. Já em fase operacional está a BanifCard, por meio do qual o banco acredita que também irá contribuir para chegar ao público de menor renda *(leia texto abaixo)*.

Empresas

O Banif está presente no Brasil desde 1989, quando adquiriu o Primus, banco de investimento localizado no Rio de Janeiro. Foi em 1999 que a instituição começou a operar como banco comercial. No entanto, em um cenário de juros elevados, a opção foi dar maior prioridade nas operações de comércio exterior e no atendimento a empresas de pequeno e médio porte, no segmento conhecido como "middle market".

Embora os grandes bancos nos últimos anos tenham passado a explorar esse grupo de empresas, Rodrigues avalia que ainda assim há espaço para a oferta de produtos e serviços ao segmento. "O que estamos vendo hoje é apenas a ponta do iceberg . Há espaço para todos".

O banco também acredita no maior volume de operações do banco de investimento, uma vez que os juros estão mais baixos, estimulando investimento por parte das empresas. Ainda assim, a instituição vendeu neste ano a maior parte de sua participação da corretora no Brasil para a Caixa Geral de Depósitos.

O executivo afirma ainda que o Brasil é prioritário para o Grupo Banif e que a vantagem hoje é que a subsidiária brasileira não dependente mais de recursos da matriz. "Temos a nossa própria captação e sabemos que o Brasil é o país da década". ■

CHEGADA
1989
foi quando a instituição de origem portuguesa desembarcou no Brasil. Chegou por aqui comprando o Primus, banco de investimentos carioca.

CRÉDITO
R$ 1 bilhão
é a carteira de empréstimos do banco. Os números são de dezembro do ano passado. Objetivo é de crescimento de cerca de 10% até dezembro.

FINANCEIRA
16
é o número de lojas que a Lusicred, que pertence ao grupo, tem. A financeira oferece crédito pessoal, refinanciamento e financiamento de veículos.

Cartões são o

Instituição optou por trabalhar com clubes de futebol para popularizar a marca Banif

Com uma rede pequena, a saída encontrada pelo Banif para ampliar a concessão de crédito para as pessoas físicas foi a utilização de cartões. O objetivo é se associar a empresas, associações e principalmente clubes de futebol dentro da BanifCard. "Demos uma vestimenta especial a essa área. Vamos vender afinidades", diz o presidente do banco, Julio M. Rodrigues.

Os primeiros plásticos cobranded foram lançados junto com clubes de futebol: Portuguesa e Palmeiras. Agora, será a vez do Juventus. O executivo não revela quantos já foram emitidos e nem a meta para a base de cartões de crédito.

O início dessa área está ligado a essas parcerias porque o banco acredita no retorno que o futebol pode dar as empresas que patrocinam o esporte. O segundo passo será fazer parceria com associações ou redes de varejo.

Desafios

Embora esteja otimista com a área, Rodrigues revela que é um grande custo para o banco

Bruno Stuckert

"Copom não decide juro previamente"

O presidente do Banco Central, **Henrique Meirelles**, disse ontem que a política monetária leva em conta todos os dados da economia brasileira disponíveis, e reiterou que a decisão sobre o juro é tomada no dia da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). "O Copom se reúne a cada 45 dias exatamente para levar em conta todos os dados econômicos relevantes. Por isso, sempre temos deixado claro que as decisões não são tomadas previamente, são tomadas na data na reunião."

AGENDA DO DIA

- Às 8h, a FGV divulga a segunda prévia do ICM-S de julho.
- Às 8h, a FGV divulga o IGP-10 de julho.
- Às 9h30, sai o índice de preços ao consumidor nos EUA de junho.
- Às 10h55, sai o índice de confiança do consumidor nos EUA.

Rafael Neddermeyer

Aumento da demanda por crédito faz com que instituições de todos os tamanhos tenha espaço, avalia Julio M. Rodrigues, presidente do Banif

O crescimento do consumo é muito grande, e ainda assim a expansão da demanda é pequena em relação ao tamanho do país

Julio M. Rodrigues

caminho para ampliar crédito

Banif já lançou plásticos em parceria com Juventus, Palmeiras e Portuguesa

desenvolver cada produto. Isso porque, cada vez que a instituição cria novos serviços para atender a um programa de fidelidade ou faz uma diferenciação nas taxas de juros, é necessário criar um novo sistema. "Ainda é uma área embrionária e que possui um custo elevado para a criação de cada produto", afirma. Ainda assim, o Banif deverá criar plásticos exclusivos para a baixa renda.

Outro desafio na área de cartões, segundo Rodrigues, é lidar com os próprios parceiros. Há modelos, por exemplo, em que uma rede varejista coloca um teto máximo de juros que podem ser cobrados e estabelece qual será sua participação nas receitas. Isso pode limitar os ganhos do banco com a operação. "Nós que iremos emitir o cartão e desenvolver todo o sistema de cobrança e atendimento. Ainda assim, teremos de repassar uma participação ao parceiro", explica.

Apesar de acreditar que é uma área complexa, o executivo acredita que esse será o meio de ampliar as operações e conquistar uma maior base de clientes. "Queremos chegar ao varejo." ■

Outros bancos emitem plástico para clubes

O Banif não é o primeiro banco a emitir cartões co-branded com clubes de futebol.
O Bradesco, por exemplo, possui uma gama extensa de plásticos que levam o nome de clubes, em especial os mais populares. Esses cartões podem ser encontrados tanto na bandeira Visa como na Mastercard.
Dos times de São Paulo, estão disponíveis cartões do Corinthians, Palmeiras, Ponte Preta, Santos e São Paulo. Já no Rio, o banco criou cartões para o Flamengo, Fluminense e o Vasco.
O Citi, por meio da Credicard, também já teve a sua experiência com times de futebol. No passado, a instituição emitiu plásticos com os emblemas do Internacional de Porto Alegre e também do Sport Clube da Bahia.
Já no caso do Banco do Brasil, não há cartões específicos para os times de futebol. No entanto, devido à Copa do Mundo deste ano, fez as emissões dos plásticos Ourocard Visa Copa do Mundo FIFA 2010. **A.P.R.**

FINANÇAS

CRÉDITO

Juros ao consumidor voltam a subir em junho, segundo Anefac

As taxas de juros ao consumidor voltaram a subir em junho, informou ontem a Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). A taxa média cobrada de pessoas físicas aumentou para 6,90% ao mês (122,71% ao ano) em junho, ante os 6,86% ao mês (121,71% ao ano) de maio. Essa foi a quinta alta registrada neste ano.

Andrew Harrer/Bloomberg

BALANÇO

Lucro do JPMorgan foi acima do esperado no segundo trimestre; somou US$ 4,8 bi

O JPMorgan anunciou ontem um lucro acima do esperado para o segundo trimestre. O lucro líquido do segundo maior banco dos Estados Unidos em ativos subiu para US$ 4,8 bilhões, ou US$ 1,09 por ação, ante US$ 2,7 bilhões, ou US$ 0,28 por ação, um ano antes. O banco teve um benefício de US$ 1,5 bilhão, ou US$ 0,36 dólar por ação, por ter reduzido suas reservas de perdas com empréstimos no trimestre.

Emissão de bônus no exterior continuará aquecida até 2012

Previsão é do vice-presidente do Bank of New York Mellon. Segundo ele, há cerca de US$ 37 bilhões em títulos emitidos por empresas brasileiras no mercado externo que precisarão ser reestruturados

Vanessa Correia
vcorreia@brasileconomico.com.br

Rafael Neddermeyer

Rolla, diretor da Cemig: mercado internacional reabriu, mas as condições ainda não são as ideais para a Cemig

Depois de um longo período de estagnação e rápida retomada, o mercado de emissão de bônus externos deve continuar aquecido, pelo menos, até 2012. É o que garante Ian Fuchsloch, vice-presidente do Bank of New York Mellon (BNY Mellon). "Existem cerca de US$ 37 bilhões em bônus emitidos por empresas brasileiras no mercado externo vencendo até 2013 e que precisarão ser reestruturados", afirmou o executivo.

Segundo Fuchsloch, o mercado internacional passará, entre 2011 e 2012, por um abismo de financiamento. "Antes da crise financeira mundial, todo mundo se endividou. Estava barato", disse. "Hoje, as empresas não estão se endividando só porque têm crédito disponível. É mais uma questão de necessidade e de estratégia".

Dentre as empresas que emitiram bônus recentemente, estão Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Gol Linhas Aéreas, BM&FBovespa, Banco Mercantil do Brasil e Cruzeiro do Sul. Outras três empresas estão na fila para emitir papéis no exterior: Net, Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e Banco Votorantim. "O mercado de dívida privada vem crescendo e crescerá ainda mais no Brasil", completou Alfried Plöger, vice-presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca).

Contraponto

A Cemig é o contraponto desse movimento. "O mercado de emissão de bônus no exterior reabriu, mas as condições ainda não são as ideais para nós. Temos uma visão de longo prazo - cinco anos é doloroso. Precisamos de 10 anos, 15 anos", afirmou Luiz Fernando Rolla, diretor financeiro e relações com investidores (RI) da Cemig e presidente do Conselho de Administração do Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (Ibri), durante o 12º Encontro Nacional de Relações com Investidores e Mercado de Capitais, promovido pelo Ibri e Abrasca.

> "As empresas não estão se endividando só porque têm crédito disponível
>
> **Ian Fuchsloch,** vice-presidente do BNY Mellon

Atualmente, a companhia está voltada para a constituição de um Fundo de Investimento em Participação (FIP). "Em vez de nos endividarmos, queremos fazer associação com um FIP. Já fizemos dois [um deles para a aquisição da Terna] e faremos o terceiro."

Uma das finalidades do fundo seria financiar futuras aquisições. "Sempre temos a preocupação de negociar o FIP depois que temos o ativo. Para não criar expectativa", ressaltou Rolla.

Sofisticação

A rápida retomada do mercado de ações e dívida só foi possível graças ao avanço regulatório brasileiro. Jeffrey Morgan, presidente do National Investor Relations Institute (Niri) lembrou que o Brasil está um passo à frente de países desenvolvidos no que diz respeito à área de relações com investidores. Morgan contou que 50 empresas americanas reduziram suas áreas de RI durante a crise mundial e que a maioria das companhias possui apenas um profissional no departamento. ■

VOLUME

Até 2013, bônus de empresas brasileiras no exterior somam

US$ 37 bi

UNIVERSO

Emissão de dívida nas últimas semanas foi feita por

5 empresas

"Este anúncio é de caráter exclusivamente informativo, não se tratando de oferta de venda de valores mobiliários"

ANÚNCIO DE ENCERRAMENTO DA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA DA 4ª EMISSÃO DE DEBÊNTURES SIMPLES, NÃO CONVERSÍVEIS EM AÇÕES DA

BANDEIRANTE ENERGIA S.A.

Companhia Aberta - Registro CVM nº 16985
CNPJ nº 02.302.100/0001-06
Rua Bandeira Paulista, nº 530, CEP 04532-001, São Paulo - SP

Código ISIN: BREBENDBS036
Classificação de Risco (*rating*): **Aa2.br** pela Moody's

A **BANDEIRANTE ENERGIA S.A.** (**"Companhia"** ou **"Emissora"**), em conjunto com o **BANCO BRADESCO BBI S.A.** (**"Bradesco BBI"** ou **"Coordenador Líder"**) e o **BB - BANCO DE INVESTIMENTO S.A.** (**"BB-BI"** e, em conjunto com o Coordenador Líder, **"Coordenadores"**) comunicam que foram subscritas e integralizadas 39.000 (trinta e nove mil) debêntures simples da 4ª emissão da Emissora, não conversíveis em ações, nominativas e escriturais, da espécie subordinada, emitidas em série única, com valor nominal unitário de R$10.000,00 (dez mil reais) na data de emissão, qual seja, 1º de julho de 2010 (**"Debêntures"**), perfazendo o montante total de:

R$ 390.000.000,00

A emissão das Debêntures para distribuição pública (**"Emissão"**) foi aprovada em Reuniões do Conselho de Administração da Emissora realizadas em **(i)** 26 de maio de 2010, cuja ata foi registrada na Junta Comercial do Estado de São Paulo (**"JUCESP"**), em 2 de junho de 2010, sob o nº 189.022/10-3 e publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo e no Jornal Brasil Econômico, em 8 de junho de 2010; e **(ii)** 8 de julho de 2010, cuja ata será registrada na JUCESP e será publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo e no jornal Brasil Econômico (**"RCA"**).

Em 28 de junho e 8 de julho de 2010 foram realizadas Reuniões de Diretoria ratificando a taxa de remuneração das Debêntures conforme Procedimento de *Bookbuilding*, cujas atas serão registradas na JUCESP.

O pedido de análise prévia da Emissão foi solicitado à Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais - ANBIMA ("ANBIMA") em 25 de maio de 2010, por meio do convênio firmado com a Comissão de Valores Mobiliários ("CVM").

O registro da Emissão foi concedido pela CVM em 6 de julho de 2010 sob o nº CVM/SRE/DEB/2010/021.

As Debêntures foram registradas para distribuição no mercado primário no SDT - Módulo de Distribuição de Títulos e para negociação no mercado secundário no SND - Módulo Nacional de Debêntures, administrados e operacionalizados pela CETIP S.A. - Balcão Organizado de Ativos e Derivativos (**"CETIP"**), sendo a distribuição e a negociação liquidadas e as Debêntures custodiadas na CETIP. As Debêntures foram registradas para distribuição no mercado primário e negociação no mercado secundário no DDA - Sistema de Distribuição de Ativos (**"DDA"**) e no Sistema BOVESPAFIX, respectivamente, ambos administrados e operacionalizados pela BM&FBOVESPA S.A. - Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (**"BM&FBOVESPA"**), sendo as debêntures liquidadas e custodiadas na Central Depositária e Câmara de Liquidação do segmento BOVESPA, da BM&FBOVESPA.

A instituição financeira contratada para prestação de serviços de banco mandatário e de agente escriturador das Debêntures é o Banco Bradesco S.A.

Investidor	Subscritores	Debêntures Subscritas
Pessoas Físicas	3	42
Clubes de Investimento	0	0
Fundos de Investimento	60	32.397
Entidades de Previdência Privada	0	0
Companhias Seguradoras	0	0
Investidores Estrangeiros	0	0
Coordenadores participantes do Consórcio da Distribuição Pública	0	0
Instituições Financeiras ligadas à Emissora ou aos Coordenadores	2	4.611
Demais Instituições Financeiras	0	0
Demais Pessoas Jurídicas ligadas à Emissora ou aos Coordenadores	0	0
Demais Pessoas Jurídicas	1	1.950
Sócios, Administradores, Empregados, Prepostos e Demais Pessoas ligadas à Emissora ou aos Coordenadores	0	0
Outros	0	0

A(O) presente oferta pública (programa) foi elaborada(o) de acordo com as normas de Regulação e Melhores Práticas da ANBID para as Ofertas Públicas de Distribuição e Aquisição de Valores Mobiliários, atendendo, assim, a(o) presente oferta pública (programa), aos padrões mínimos de informação exigidos pela ANBID, não cabendo à ANBID qualquer responsabilidade pelas referidas informações, pela qualidade da emissora e/ou ofertantes, das Instituições Participantes e dos valores mobiliários objeto da(o) oferta pública (programa). Este selo não implica recomendação de investimento. O registro ou análise prévia da presente distribuição não implica, por parte da ANBID, garantia da veracidade das informações prestadas ou julgamento sobre a qualidade da companhia emissora, bem como sobre os valores mobiliários a serem distribuídos.

COORDENADORES DA OFERTA

COORDENADOR LÍDER

LUZ

FINANÇAS

LEGISLAÇÃO

Senado dos Estados Unidos aprova reforma financeira

O Senado dos Estados Unidos aprovou ontem, por 60 votos a favor e 39 contra, o projeto de reforma regulatória do sistema financeiro do país. A expectativa é de que a legislação seja sancionada pelo presidente americano, Barack Obama, na próxima semana. O presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke, qualificou a lei aprovada pelo Congresso como um passo bem-vindo e de longo alcance.

Divulgação

COMMODITIES

Opep prevê crescimento moderado da demanda por petróleo em 2011

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) afirmou ontem esperar uma demanda global por petróleo moderada em 2011, em uma indicação de que o cartel provavelmente vai manter os cortes na produção pelo terceiro ano seguido. "O mercado de petróleo deverá permanecer bem abastecido, especialmente à luz do atual crescimento na capacidade de produção de petróleo", disse o grupo em relatório mensal.

Luiz Gomes

Banrisul Corretora busca deixar para trás a imagem de departamento do banco, diz o diretor Jair Pauletto

RANKING

63ª

foi a posição da corretora no ranking de junho por volume operado no segmento Bovespa da bolsa, tendo operado um total de R$ 129 milhões no mês.

PERSPECTIVA

50%

é meta — mais pessimista — da Banrisul Corretora de elevação do volume negociado em ações até o fim do ano. Na 1ª quinzena de julho, a instituição já movimentou mais que em todo o mês de junho.

Banrisul Corretora rompe fronteira em busca de investidor institucional

Fundos de pensão estão no alvo da instituição, que obteve acesso pleno na BM&FBovespa no mês passado

Mariana Segala
msegala@brasileconomico.com.br

A elevação do nível de acesso à BM&FBovespa de regional para pleno — que lhe garante atuação, sem restrições, em todo o território nacional — foi o primeiro passo da Banrisul Corretora para elevar o volume que negocia no mercado de ações. Embora o gaúcho Banrisul seja o 12º maior banco do país, a corretora se encontra atualmente abaixo da 60ª posição no ranking das intermediadoras de valores por volume negociado. Em junho, a instituição ocupou o 63º lugar, tendo operado um total de R$ 129 milhões no mês.

Ainda é pouco, admite o diretor-presidente Jair Pauletto, que pretende galgar pelo menos uma dezena de posições no ranking até o fim do ano. Mas o acesso pleno já começa a ajudar na reversão do quadro. "Só nestes primeiros dias de julho, nosso volume negociado já é maior do que em todo o mês de junho", ressalta.

Subir no ranking é requisito básico para conquistar clientes institucionais de peso, como gestoras e fundos de pensão. Até agora, esse segmento esteve fora do escopo da corretora — que vinha operando mais como um departamento do banco do que como uma empresa de fato. Os planos de expansão são recentes. "Sempre atuamos a partir da demanda espontânea, ou seja, se um cliente do banco quisesse negociar ações, tínhamos como suprir essa demanda", explica Pauletto. "A intenção, agora, é de fato oferecer melhor esse produto."

Para abocanhar o segmento dos institucionais, a casa vem participando de seleções de corretoras. O volume negociado baixo e a má classificação no ranking, no entanto, já atrapalharam o desempenho da Banrisul Corretora em mais de uma ocasião. No mês passado, para a alegria de Pauletto, a instituição fechou um contrato de prestação de serviços de corretagem para a BB DTVM, que gere os fundos de investimentos do Banco do Brasil — o que também deve ajudar a incrementar os volumes. "Nunca trabalhamos para fundos, a não para os do próprio Banrisul", diz.

> Sempre atuamos a partir da demanda espontânea, ou seja, se um cliente do banco quisesse negociar ações, tínhamos como suprir essa demanda
>
> **Jair Pauletto,** diretor-presidente da Banrisul Corretora

Rede de agências

As mais de 400 agências e 1,2 mil postos de atendimento do Banrisul — concentrados no Rio Grande do Sul, estado de origem do banco, e em Santa Catarina e no Paraná —, são outro canal de crescimento para a corretora. Além delas, a casa também começa a formar uma rede de agentes autônomos, o que não é uma tarefa exatamente fácil para uma empresa estadual. "Ser uma empresa pública nos traz a vantagem de inspirar confiança, o que os investidores mais tradicionais adoram", ressalta Pauletto. Ao mesmo tempo, embute certa lentidão nos processos, caso da contratação dos agentes autônomos.

Para o futuro breve, Pauletto planeja mais novidades. "Pleitearemos acesso também ao segmento BM&F da bolsa, no qual operamos apenas por meio de parcerias", destaca. Outro nicho que interessa é a terceirização do home broker da Banrisul para corretoras menores. "Já percebemos interesse nisso." ■

IPO

Petróleo e gás devem estimular aberturas de capital, diz BTG Pactual

O Brasil experimenta uma nova onda de ofertas públicas iniciais de ações (IPO, na sigla em inglês), após um período de quase nenhuma por causa da crise global, e esse movimento deve se mostrar mais forte nos setores de infraestrutura e construção, afirmou o economista Enrique Corredor, do BTG Pactual. Ele acrescentou que o setor de petróleo e gás, por causa do pré-sal, também deve ficar no centro da atenção dos investidores.

Arne Dedert/EFE

MERCADOS

Bolsas europeias fecham em baixa com dados decepcionantes nos EUA

As bolsas de valores europeias fecharam em baixa ontem, depois que dados sobre inflação e o setor manufatureiro nos Estados Unidos apontaram um crescimento ainda lento da economia. As divulgações ofuscaram o otimismo de investidores com a temporada de resultados corporativos. O índice FTSEurofirst 300, que reúne as principais ações da região, fechou em baixa de 1,14%, para 1.033 pontos.

Juro futuro se ajusta, à espera do Copom

Com expectativa de um ciclo mais brando para a Selic, contrato mais líquido de DI atinge taxa mínima e eleva volume diário

Maria Luíza Filgueiras
mfilgueiras@brasileconomico.com.br

O forte movimento no contrato futuro de DI com vencimento em janeiro de 2011, na BM&FBovespa, é uma prévia do que os investidores esperam para a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) na próxima semana. Além do viés de queda na taxa do contrato, apontando um ciclo menos intenso de alta de taxa Selic, o volume diário deu um salto.

Em 15 dias, a taxa de vencimento foi de 11,32% para a mínima de 11,16%. O volume diário, em três dias, somou R$ 173,49 bilhões, o que representa 61% de todo o montante negociado neste contrato no mês.

"Estamos a uma semana da decisão do Copom e os dados econômicos também mexeram com a expectativa do mercado para as altas futuras da Selic, como IPCA zerado no mês e números do Caged abaixo do estimado", diz Renato Pascon, gestor de renda fixa da Gradual. O Cadastro Geral de Emprego e Desemprego mostrou criação de 212.952 empregos formais em junho, abaixo do consenso de mercado. Adiciona-se a isso a divulgação do PIB chinês, indicando redução no ritmo de atividade.

Nesse cenário, o DI com vencimento mais longo, como janeiro de 2012 e 2013, também teve ajuste para baixo ontem. "Os juros futuros, principalmente de vencimentos mais curtos, são matemática em cima de Copom. Nesse jogo de expectativa, muitos investidores estão vendendo juro considerando um ajuste menor da Selic e aperto nos prêmios", diz o gestor. Isso porque, quanto mais próximo do vencimento, menor o ajuste de taxa e a possibilidade de ganho ou de perda no contrato dos investidores. "Por isso, os bancos aumentam o volume de negociação, para conseguirem mais retorno", explica. ■

CORREÇÃO NO JURO FUTURO

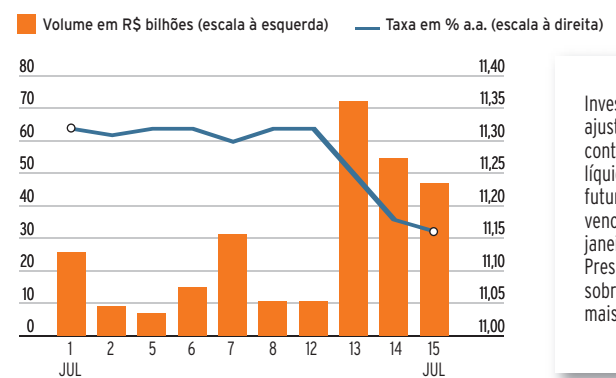
Contrato de DI mostra expectativa de ciclo menor de alta da Selic

Volume em R$ bilhões (escala à esquerda) — Taxa em % a.a. (escala à direita)

80 70 60 50 40 30 20 10 0

11,40 11,35 11,30 11,25 11,20 11,15 11,10 11,05 11,00

1 JUL 2 5 6 7 8 12 13 14 15 JUL

Investidores ajustam taxa no contrato mais líquido de juro futuro, que tem vencimento em janeiro de 2011. Pressão também sobre vencimentos mais longos

Fontes: BM&FBovespa e Brasil Econômico

INVESTIMENTOS

Conrado Mazzoni
cmazzoni@brasileconomico.com.br

Bolsa lança simulador que serve de "test drive" para investidores iniciantes

A BM&FBovespa deu mais um passo rumo à meta de atingir 5 milhões de investidores pessoa física no mercado de ações em um prazo de cinco anos. Lançou um novo simulador de investimento em ações. Simuladores não são uma experiência recente da bolsa, mas o formato desse é mais próximo da realidade. Equipado de uma ferramenta em vídeo sobre como investir, o SimulAção possui funcionalidades (gráficos, telas de envios de ordens, além de consulta rápida de cotação, com atraso de 15 minutos ao preço real) semelhantes a um homebroker - sistema de negociação de ações via internet.

Todo esse aparato entra como uma luva no propósito de dar mais conhecimento ao investidor ávido por entender o funcionamento do mercado, considera Patrícia Quadros, gerente dos programas de popularização da BM&FBovespa. Cerca de 1,6 milhão de pessoas já foram atingidas por algum tipo de ação educativa do Programa Educação Financeira da Bolsa, iniciado em 2002.

"Até o final do ano teremos outros lançamentos. Acabamos de lançar um educativo para crianças falando sobre como administrar o dinheiro e consumir melhor", diz. A tarefa de 5 milhões em cinco anos significa praticamente multiplicar por dez os atuais 556 mil investidores pessoa física na bolsa.

Para especialistas, a novidade é interessante para funcionar como um test drive. "A ideia pode despertar o interesse das pessoas em investir. Mas não é milagre. Há muitas que participam e nunca chegam a aplicar recursos na bolsa de verdade", opina Jurandir Macedo, professor de finanças pessoais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ele sabe o que diz. Participou de um projeto pioneiro no Brasil em 1996 de simulação eletrônica do investimento em ações. Desenvolvido na própria UFSC, era organizado pelos professores. As ordens eram colocadas pelos alunos via e-mail. A internet da época permitia uma atualização diária. "No fim, não conseguimos recursos para fazer algo parecido com os simuladores de hoje".

No SimulAção, após o cadastro gratuito no site (www.bmfbovespa.com.br/simulacao), o participante ganha R$ 100 mil fictícios para montar sua carteira. A conta virtual sofrerá impacto de proventos dos papéis escolhidos e refletirá valores de corretagem, emolumentos e custódia. Para motivar a participação, haverá um troféu anual para os melhores desempenhos. Os prêmios são R$ 5 mil para o primeiro no quadro geral, e, para resto do pódio, há aparelhos iPad e iPhone.

É um mal necessário. "Estimula a tomada de riscos. O negócio é estar na ponta. É positivo começar com simulação, mas não pode gastar muito tempo. O ideal é seguir para o investimento de verdade, com pouco dinheiro", aconselha Macedo.

Entusiasta de simulações, o professor de finanças Yaco Kirzner concorda. "Chega uma hora que o simulador não é muito eficiente, pois não dá dimensão de longo prazo". No início da década de 1990, Kirzner trabalhava na tesouraria do Citibank, e lá desenvolveu cursos baseados em simulações. Dentre eles, o Bourse Game, uma espécie primitiva de homebroker. "Era excelente para o treinamento. O operador perdia dinheiro até chegar a um nível adequado. Essa prática, reduziu o tempo", assegura. ■

INVESTIDORES PESSOA FÍSICA NA BOLSA

Até junho deste ano, havia 556.044 investidores no mercado de ações, a maioria na faixa etária entre 26 e 35 anos; meta da BM&FBovespa é chegar a 5 milhões em cinco anos

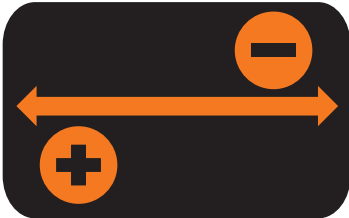
	CONTAS			VALOR EM R$ BILHÕES			
PERFIL PF POR FAIXA ETÁRIA	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Até 15 anos	1.309	844	2.153	0,30	0,10	0,40	0,43%
De 16 a 25 anos	25.039	6.912	31.951	0,59	0,27	0,87	0,92%
De 26 a 35 anos	119.603	36.078	155.681	4,71	1,16	5,86	6,22%
De 36 a 45 anos	97.830	29.539	127.369	11,14	2,21	13,35	14,17%
De 46 a 55 anos	78.211	27.194	105.405	13,96	3,43	17,39	18,45%
De 56 a 65 anos	56.993	20.424	77.417	17,63	4,11	21,75	23,07%
Maior de 66 anos	40.994	15.074	56.068	26,39	8,24	34,63	36,74%
TOTAL	419.979	136.065	556.044	74,74	19,51	94,25	

Patrícia Quadros, gerente da BM&FBovespa, explica que os programas de educação financeira da bolsa existem desde 2002, mas agora o projeto é ampliá-los, aproveitando o nicho da internet. Lançado ao final de abril, o portal "Turma da Bolsa", direcionado ao público infantil, tem quase 5 mil crianças cadastradas

Fonte: BM&FBovespa

Hering

Socopa inicia cobertura das ações com perspectiva positiva

A corretora Socopa iniciou a cobertura das ações da Hering (Hering) — uma das maiores redes de varejo e design de vestuário do país — com perspectiva de desempenho acima da média do mercado e preço-alvo de R$ 58,50. A Hering, ressalta a corretora, opera um modelo de negócios híbrido que combina a produção própria, terceirização de partes do processo produtivo de menor valor agregado e a compra de produtos acabados de fornecedores nacionais ou estrangeiros, o que lhe garante uma das maiores margens do setor. "Apesar da forte alta recente, acreditamos que os papéis ainda são uma opção atrativa, com múltiplos descontados, de se investir no mercado consumidor doméstico, cujas expectativas de crescimento são bastante interessantes", afirma o analista da Socopa, Marcelo Alves Varejão, em relatório distribuído aos clientes. "Projetamos crescimento médio anual para o período de 2010-2014 de 20,5% para a receita líquida, 26,9% para o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) e 24,1% para o lucro líquido." Na opinião do analista, a forte expansão das vendas deve permitir à empresa uma melhor diluição dos custos fixos, com reflexos diretos na margem Ebitda, que deve ser incrementada em 4,4 ponto porcentual — que deve passar da taxa de 21,4% do ano passado para 25,8%.

MRV

Resultados fortes, mas já precificados, segundo Itaú

A construtora MRV divulgou os dados preliminares do resultado no segundo trimestre do ano e o desempenho veio forte, como esperado, segundo o analista David Lawant, da Itaú Securities. Apesar de 5% abaixo da estimativa da corretora, o volume de vendas contratadas de R$ 982 milhões foi considerado robusto pelo analista, colocando fim a uma série de quatro trimestres de vendas em queda. Mas a avaliação de Lawant é de que essa recuperação já estava sendo precificada pelos investidores na bolsa, considerando a forte alta do papel no último mês — de 17%, ante alta de 8% do índice do setor (Imob) e Ibovespa estável. "Assim sendo, nossa visão é neutra sobre os números. Esperamos um segundo semestre mais forte para a companhia, na direção de atingir os R$ 4,1 bilhões estimados para vendas contratadas", aponta em relatório. Até agora, a construtora atingiu 41% desse montante, o que significa que precisará vender cerca de R$ 1,2 bilhões no terceiro e também no quarto trimestre para atingir a meta, ressalta o analista. "Apesar de considerarmos a companhia entre as mais fortes que cobrimos, mantemos a avaliação (de preço da ação) em linha com o mercado", diz. No segundo trimestre, os lançamentos da MRV somaram R$ 1,1 bilhão, volume 84% superior ao lançado no trimestre anterior.

DIVIDENDOS

Corsan

A assembleia geral extraordinária (AGO) da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan) ratificou ontem a decisão do conselho de administração de deliberar pelo adiamento do pagamento dos dividendos relativos ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 2009. Foi ratificada, também, a decisão de que o pagamento deverá ser quitado tão logo haja a possibilidade, no decurso de 2010, através de encontro de contas com o governo do estado.

CERTIFICAÇÃO

Palestra

A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) promove palestra sobre o curso preparatório para o exame CFA Level I, que ministrará nesse semestre. O CFA é uma das certificações para profissionais de finanças e investimentos mais reconhecidas internacionalmente. A palestra — no dia 21, às 19h30 — será no Centro de Educação Anbima, em São Paulo. Presenças devem ser confirmadas por e-mail (educacao@anbima.com.br) ou pelo número (21) 3814-3927.

BOLSA

Giro financeiro

R$ 5,1 bilhões

foi o volume financeiro registrado ontem no segmento acionário da BM&FBovespa. O principal índice fechou com variação positiva de 0,02%, aos 63.489 pontos.

JURO

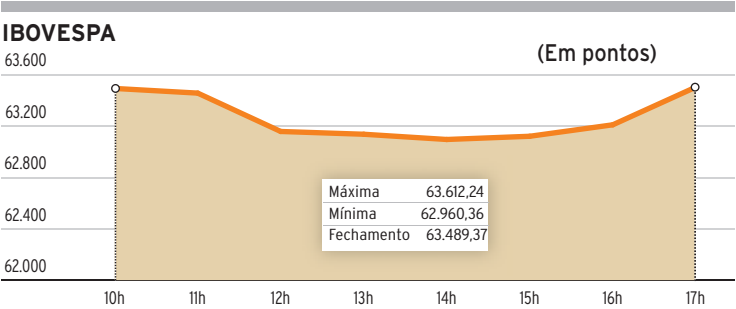
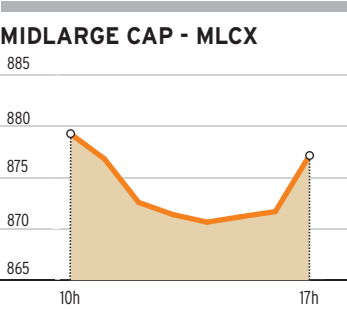
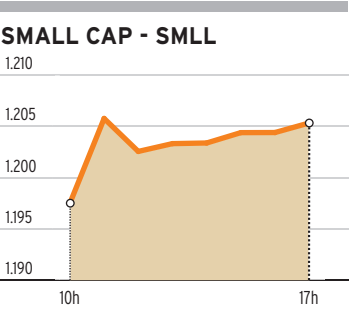
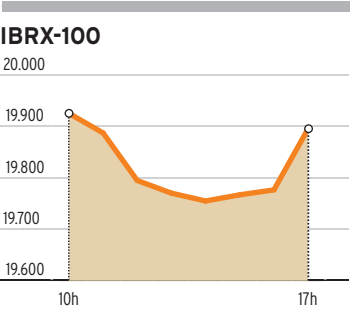
Contrato futuro

11,16%

foi a taxa de fechamento do contrato futuro de DI com vencimento em janeiro de 2011, o mais líquido ontem. O volume financeiro neste contrato foi de R$ 46,6 bilhões.

IBOVESPA

Ação	Código	Cotação (R$)			Variação (%)	
		Mínima	Máxima	Fechamento	No dia	No ano
ALL AMER LAT UNT N2	ALLL11	14,42	15,07	15,03	2,87	-7,73
AMBEV PN	AMBV4	181,60	185,60	185,60	1,48	7,43
B2W VAREJO ON	BTOW3	28,88	29,96	29,21	-1,15	-38,73
BMF BOVESPA ON	BVMF3	11,66	12,04	11,99	2,48	-0,09
BRADESCO PN	BBDC4	29,08	29,65	29,34	-0,07	-1,47
BRADESPAR PN	BRAP4	31,90	32,88	32,19	-2,25	-15,37
BRASIL ON	BBAS3	27,91	28,73	28,73	1,56	0,39
BRASIL TELEC PN	BRTO4	11,70	12,03	11,85	-0,67	-29,25
BRASKEM PNA	BRKM5	13,07	13,52	13,50	1,12	-4,12
BRF FOODS ON	BRFS3	23,92	24,85	24,61	1,99	8,74
CCR RODOVIAS ON	CCRO3	37,20	37,80	37,76	-0,11	-4,78
CEMIG PN	CMIG4	25,16	25,51	25,29	-0,43	-7,56
CESP PNB	CESP6	23,87	24,31	24,00	-0,83	0,44
CIELO ON	CIEL3	16,10	16,58	16,50	1,10	11,52
COPEL PNB	CPLE6	36,60	37,46	37,30	0,81	1,60
COSAN ON	CSAN3	23,53	24,15	24,00	-0,37	-6,25
CPFL ENERGIA ON	CPFE3	38,65	39,49	39,49	2,09	16,05
CYRELA REALTY ON	CYRE3	21,42	22,00	22,00	1,95	-8,15
DURATEX ON	DTEX3	16,25	17,10	17,05	0,89	5,26
ECODIESEL ON	ECOD3	0,80	0,81	0,80	-1,23	-26,61
ELETROBRAS ON	ELET3	21,55	22,25	21,90	-0,90	-14,39
ELETROBRAS PNB	ELET6	25,39	26,55	26,01	-0,80	-12,73
ELETROPAULO PNB	ELPL6	35,65	36,27	36,19	-0,03	17,97
EMBRAER ON	EMBR3	9,48	9,76	9,75	1,25	3,78
FIBRIA ON	FIBR3	25,06	25,85	25,50	-0,55	-34,77
GAFISA ON	GFSA3	12,24	12,65	12,50	0,97	-10,56
GERDAU PN	GGBR4	23,31	23,87	23,79	-0,46	-17,97
GERDAU MET PN	GOAU4	28,30	29,40	29,04	-0,65	-16,41
GOL PN	GOLL4	23,20	24,10	24,10	3,12	-4,60
ITAUSA PN	ITSA4	11,93	12,21	12,15	-0,25	4,87
ITAUUNIBANCO PN	ITUB4	36,37	37,19	37,00	-0,22	-2,70
JBS ON	JBSS3	8,13	8,43	8,43	2,80	-9,26
KLABIN S/A PN	KLBN4	4,81	4,90	4,88	-0,20	-5,88
LIGHT S/A ON	LIGT3	19,72	20,00	19,98	0,60	-16,54
LLX LOG ON	LLXL3	7,34	7,56	7,40	-0,94	-26,81
LOJAS AMERIC PN	LAME4	13,17	13,65	13,65	2,63	-11,75
LOJAS RENNER ON	LREN3	50,50	52,17	50,50	-1,75	30,98
MMX MINER ON	MMXM3	10,27	10,62	10,41	-1,33	3,89
MRV ON	MRVE3	14,43	15,24	14,55	0,34	4,95
NATURA ON	NATU3	41,06	42,20	41,30	-1,90	16,56
NET PN	NETC4	18,37	18,89	18,60	-0,59	-22,50
OGX PETROLEO ON	OGXP3	17,76	18,11	18,00	0,56	5,26
P.ACUCAR-CBD PNA	PCAR5	63,33	64,60	63,39	-1,72	-1,69
PDG REALT ON	PDGR3	17,48	18,22	17,95	2,87	4,86
PETROBRAS ON	PETR3	30,79	31,30	31,02	-0,86	-24,54
PETROBRAS PN	PETR4	26,87	27,30	27,11	-0,70	-25,01
REDECARD ON	RDCD3	26,79	27,75	26,95	-2,88	-3,58
ROSSI RESID ON	RSID3	15,04	15,57	15,52	2,44	3,00
SABESP ON	SBSP3	33,71	34,32	34,15	-1,30	-0,18
SID NACIONAL ON	CSNA3	25,96	26,95	26,20	-2,78	-3,35
SOUZA CRUZ ON	CRUZ3	70,01	71,72	71,40	1,81	27,72
TAM S/A PN	TAMM4	27,81	28,85	28,85	2,85	-20,55
TELEMAR ON	TNLP3	39,17	40,69	39,70	0,63	-3,10
TELEMAR PN	TNLP4	27,33	28,13	27,40	-1,58	-18,27
TELEMAR N L PNA	TMAR5	48,25	49,47	48,25	-1,53	-22,44
TELESP PN	TLPP4	36,98	37,70	37,51	0,05	-6,97
TIM PART S/A ON	TCSL3	7,22	7,46	7,37	0,14	3,08
TIM PART S/A PN	TCSL4	4,64	4,71	4,71	0,00	-5,33
TRAN PAULIST PN	TRPL4	45,14	45,79	45,20	-1,07	-5,64
ULTRAPAR PN	UGPA4	86,93	88,30	87,85	0,11	11,25
USIMINAS ON	USIM3	48,37	50,18	48,60	-2,51	-2,73
USIMINAS PNA	USIM5	47,82	48,79	48,30	-1,13	-1,94
VALE ON	VALE3	43,30	44,09	43,82	-0,79	-10,85
VALE PNA	VALE5	37,57	38,12	37,93	-0,97	-9,37
VIVO PN	VIVO4	46,08	48,13	46,30	-2,55	-11,30
IBOVESPA	IBOV	62960	63612	63489	0,02	-7,43

*Em pontos. Fonte: Economatica

RENDA FIXA

Fundo	Data	Rent. (%)		Taxa	Aplic. mín.
		12 meses	No ano	adm. (%)	(R$)
BB RENDA FIXA LP 50 MIL FICFI	14/JUL	8,41	4,43	1,00	50.000
BB RENDA FIXA LP FICFI	14/JUL	8,40	4,43	1,00	-
CAIXA FIC EXECUTIVO RF L PRAZO	14/JUL	7,76	4,13	1,10	30.000
CAIXA FIC IDEAL RF LONGO PRAZO	14/JUL	7,22	3,86	1,50	5.000
BB RENDA FIXA 25 MIL FICFI	15/JUL	7,20	3,84	2,00	5.000
BRADESCO FIC DE FI RF MERCURIO	15/JUL	6,69	3,54	2,50	5.000
BB RENDA FIXA 200 FIC FI	15/JUL	6,04	3,24	3,00	200
BB RENDA FIXA 50 FIC FI	15/JUL	5,53	2,99	3,50	50
ITAU PREMIO RENDA FIXA FICFI	15/JUL	5,13	2,68	4,00	300
BB RENDA FIXA LP 100 FICFI	14/JUL	5,07	2,71	4,00	100

DI

Fundo	Data	Rent. (%)		Taxa	Aplic. mín.
		12 meses	No ano	adm. (%)	(R$)
BB REFERENCIADO DI ESTILO FICFI	15/JUL	8,13	4,32	1,00	ND
ITAU PERS MAXIME REF DI FICFI	15/JUL	8,08	4,27	1,00	80.000
CAIXA FIC DI LONGO PRAZO	14/JUL	6,64	3,57	2,00	100
BB REFERENCIADO DI 5 MIL FIC FI	15/JUL	6,50	3,48	2,50	5.000
NOSSA CAIXA REFERENCIADO DI	14/JUL	6,14	3,30	2,47	100
BB REFERENCIADO DI 200 FIC FI	15/JUL	5,90	3,16	3,00	200
HSBC FIC REF DI LP POUPMAIS	15/JUL	5,24	2,91	4,00	30
ITAU PREMIO REF DI FICFI	15/JUL	4,82	2,59	4,00	1.000
BRADESCO FIC DE FI REF DI HIPER	15/JUL	4,48	2,34	4,50	100
SANTANDER FIC FI CLAS REF DI	15/JUL	4,10	2,19	5,00	100

AÇÕES

Fundo	Data	Rent. (%)		Taxa	Aplic. mín.
		12 meses	No ano	adm. (%)	(R$)
BB ACOES VALE DO RIO DOCE FI	14/JUL	36,99	(10,47)	2,00	200
CAIXA FMP FGTS VALE I	14/JUL	36,81	(10,94)	1,90	-
BRADESCO FIC DE FIA	14/JUL	23,94	(8,71)	4,00	-
BRADESCO FIC DE FIA IV	14/JUL	22,93	(8,85)	ND	-
BRADESCO FIC DE FIA MAXI	14/JUL	22,54	(8,83)	4,00	-
SANTANDER FIC FI ONIX ACOES	14/JUL	21,81	(10,80)	2,50	100
ITAU ACOES FI	14/JUL	19,47	(12,24)	4,00	1.000
UNIBANCO BLUE FI ACOES	14/JUL	19,19	(10,78)	5,00	200
ALFA FIC DE FI EM ACOES	14/JUL	12,66	(14,18)	8,50	-
BB ACOES PETROBRAS FIA	14/JUL	(11,52)	(24,68)	2,00	200

MULTIMERCADOS

Fundo	Data	Rent. (%)		Taxa	Aplic. mín.
		12 meses	No ano	adm. (%)	(R$)
REAL CAP PROT VGOGH 3 FI MULTIM	14/JUL	15,47	5,82	2,50	10.000
ITAU PERS MULT AGRESSIVO FICFI	14/JUL	9,10	(1,76)	2,00	5.000
BB MULTIM TRADE LP ESTILO FICFI	14/JUL	8,73	4,30	1,50	-
ITAU PERS K2 MULTIM FICFI	14/JUL	8,65	3,89	1,50	50.000
CAPITAL PERF FIX IB MULT FIC	14/JUL	8,44	4,48	1,50	20.000
INVEST PERS VG MOD FIC FI MULT	14/JUL	8,33	2,53	3,00	25.000
ITAU PERS MULTIE MULT FICFI	14/JUL	8,26	4,03	1,25	5.000
ITAU PERS MULT ARROJADO FICFI	14/JUL	8,17	0,34	2,00	5.000
ITAU PERS MULT MODERADO FICFI	14/JUL	7,74	1,34	2,00	5.000
SANTANDER FIC FI ESTRAT MULTIM	14/JUL	3,01	2,02	2,00	50.000

*Taxa de performance. Ranking por número de cotistas.
Fonte: Anbima. Elaboração: Brasil Econômico

IBOVESPA

Fonte: BM&FBovespa

IBRX-100

SMALL CAP - SMLL

MIDLARGE CAP - MLCX

MUNDO

Governo desacelera economia chinesa

Ritmo de expansão do PIB no segundo trimestre fica em 10,3%, menos que os 11,9% anteriores, com medidas restritivas

Elaine Cotta
ecotta@brasileconomico.com.br

A economia chinesa desacelerou no segundo trimestre deste ano: cresceu 10,3%, abaixo da estimativa de 10,5% dos economistas e menos que a taxa de 11,9% registrada nos primeiros três meses de 2010. "Já era esperada certa moderação nos números, devido às medidas que o governo chinês tem adotado para esfriar a economia, como redução da oferta de crédito, aumento do compulsório e, principalmente, elevação dos impostos para aquisição do terceiro imóvel", afirmou Newton Rosa, economista-chefe da Sul América Investimentos.

"Falar em desaquecimento chinês é exagero", diz Luiz Fernando Sanná Pinto, professor de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Ele lembra que, apesar do crescimento menor, a China continua e continuará crescendo em ritmo forte. Prova disso está nos números que levaram à expansão menor no segundo trimestre deste ano. A produção industrial - a que mais influenciou o resultado do PIB - teve expansão de 13,7% em junho, ante a expectativa de alta de 15,3%. Já as vendas no varejo cresceram 18,3% — pouco menos que os 18,7%de maio.

O lado bom

João Pedro Ribeiro, da Tendências Consultoria, vê a desaceleração chinesa como positiva. "Mostra que o governo foi bem-sucedido nas medidas restritivas de crescimento, considerando que a grande preocupação era com a inflação", afirmou o economista ao BRASIL ECONÔMICO. De fato, a inflação chinesa acelerou no início deste ano e atingiu 3,1% em maio. Mas diante do novo cenário, espera-se que ela recue para 2,9% este mês. "Na China, o governo investe muito e tem se esforçado para estimular o mercado interno e isso, no futuro, pode gerar mais inflação", diz Sanná Pinto.

Sheng Laiyun, da agência de estatísticas chinesa, disse que o crescimento do PIB continua alto, em linha com a média da década passada e dentro da zona de conforto. "A desaceleração ajudará nossa economia a evitar o superaquecimento", disse.

Política fiscal e monetária

Para os economistas, o desaquecimento deve prosseguir pelo restante do ano à medida em que o país normaliza as políticas fiscal e monetária depois dos estímulos dados ao crédito e ao investimento para conter os efeitos da crise mundial — em 2009, o país lançou um plano de estímulo de 4 trilhões de iuanes (US$ 586 bilhões) e linha de crédito que chegou a 9,6 trilhões de iuanes no ano passado.

"A boa notícia é que a economia está se sustentando. A má é que o investimento está diminuindo e por isso a demanda por commodities cairá", afirmou Dong Tao, economista do banco Credit Suisse em Hong Kong.

A moderação no crescimento, no entanto, traz preocupações com o ritmo de desaceleração da economia que se tornou o principal motor da recuperação global. "O Brasil pode ser afetado? Pode", responde Pinto. "Mas só se a desaceleração da China for muito forte e o PIB cair para menos de 7%. O que é muito difícil de acontecer", conclui. ■ **Com Micheli Rueda e agências internacionais**

INDÚSTRIA
A produção industrial da China, em junho, cresceu
13,7%

VAREJO
As vendas no setor varejista chinês, em junho, subiram
18,3%

IMÓVEIS
O investimento em imóveis nas áreas urbanas cresceu
25,5%

ALEMANHA E CHINA ESTREITAM RELAÇÕES ECONÔMICAS

A chanceler alemã, Angela Merkel, recebeu flores ao desembarcar ontem no aeroporto de Pequim para uma visita oficial à China que vai durar três dias. Merkel viajou a convite do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, que recentemente declarou que os dois países poderiam iniciar um "novo ponto de partida na cooperação econômica". A China e a Alemanha — terceira e quarta maiores economias do mundo, respectivamente — desempenharam um papel ativo no combate à crise financeira internacional, mas divergiram recentemente por questões de direitos humanos. Wen Jiabao visitou a Alemanha em Janeiro de 2009. Na pauta do encontro serão discutidas os subisídos chineses às exportações e a esperada desvalorização do iuane.

Lucas Jackson/Reuters

Um navio, nas escavações do WTC

Operários que trabalham no local onde ficava o World Trade Center, em Nova York, encontraram um navio enterrado, aparentemente do século XVIII. A embarcação tem quase 10 metros e arqueólogos acreditam que os restos do barco foram utilizados em um aterro que estendeu Manhattan até o rio Hudson. A arqueóloga Molly McDonald, que estava no local quando a descoberta foi feita, disse que espera preservar pelo menos parte do barco. Os prédios do WTC sofreram um atentado dia 11/9/2001.

AGENDA DO DIA

- Painel da OMC emite decisão preliminar sobre recurso da UE, condenada por subsídios à Airbus, em função de queixa dos Estados Unidos.
- EUA divulgam dados sobre o índice de preços ao consumidor referente ao mês de junho.

Jason Lee/Reuters

BP consegue interromper vazamento

Empresa inicia, com sucesso, teste que fecha poço com problemas e ações se valorizam

A petrolífera britânica British Petroleum (BP) informou ontem que pela primeira vez desde 20 de abril o petróleo parou totalmente de jorrar no mar do Golfo do México, depois que técnicos da empresa fizeram um teste de pressão na estrutura do poço danificado. O teste consiste em fechar as válvulas de uma tampa recém-instalada na boca do poço e aferir se isso controlará o vazamento e se a estrutura resistirá à pressão. A operação começou ontem à tarde e deve durar de 6 a 48 horas. Por outro lado, o almirante da reserva da Guarda Costeira Thad Allen, principal autoridade americana envolvida no caso, recuou das garantias que havia dado anteriormente de que a nova tampa poderia selar completamente o poço, até que seja concluída a escavação dos poços auxiliares que permitirão "sufocar" definitivamente o vazamento.

Allen disse que a tampa poderá eventualmente vedar o poço, mas que isso só deve acontecer em situações de emergência, como um furacão, quando seria preciso interromper o processo hoje usado, que consiste em recolher o petróleo que jorra para queimá-lo ou armazená-lo em navios. "A intenção da tampa nunca foi fechar o poço por si só", disse Allen. "A melhor razão para podermos fechar o poço atualmente é nos permitir abandonar o local se houver um furacão."

Alento financeiro

Os primeiros resultados positivos fizeram com que as ações da BP, que já vinham se recuperando, subissem 10% no mercado acionário americano. O vazamento iniciado em 20 de abril causou enormes prejuízos ambientais e econômicos, e por pressão do governo a BP reservou us$ 20 bilhões para indenizações, o que lhe obriga a vender parte do seu patrimônio. De acordo com a CNBC, a empresa americana de energia Apache negocia a aquisição de instalações da BP avaliadas em US$ 10 bilhões, inclusive em importantes áreas de extração petrolífera no Alasca.

> O presidente americano, Barack Obama, avaliou a notícia como 'sinal positivo', mas alertou que o procedimento está no início e que ainda é preciso cautela

A notícia de que a Apache estaria buscando no mercado US$ 7 bilhões e para fechar o negócio contribuiu para a alta nas ações da BP, que mesmo antes das notícias sobre o poço já tinham valorização de 3%.

Sinal positivo

O presidente americano, Barack Obama, classificou como "um sinal positivo" o procedimento que pode evitar novos vazamentos, embora tenha alertado que o procedimento ainda está no começo. Previsto inicialmente para a terça-feira, o teste foi atrasado pelo governo americano, que procurou afastar todos os riscos. A Agência Internacional de Energia (AIE) estima que o desastre tenha provocado o vazamento de 2,3 a 4,5 milhões de barris de petróleo. ■ **Reuters e AFP**

EFEITO DOMINÓ

Exportação de commodities do Brasil pode sofrer com desaquecimento

Como maior parceiro comercial do Brasil, os reflexos de uma acomodação econômica na China poderão afetar as exportações de commodities brasileiras especialmente de minério de ferro e petróleo. E nesse cenário, alertam alguns analistas, empresas como Vale e Petrobras podem ser as mais prejudicadas. "[A desaceleração chinesa] afeta, mas não chega a preocupar", afirma Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating Consultoria. Ele lembra que os três produtos mais exportados para a China são minério de ferro, petróleo bruto e soja. O país asiático responde hoje por 4% das exportações de minério de ferro brasileiro, produto que encabeça a pauta de exportação nacional. Até maio, a China importou o equivalente a US$ 3 bilhões em minério de ferro do Brasil. Na sequência está o óleo bruto de petróleo, que representa 2,4% das importações chinesas e que somou US$ 1,7 bilhão e a soja, terceiro produto mais exportado pelo Brasil para a China, correspondendo a 5,33% — ou US$ 3,8 bilhões. **Micheli Rueda**

Brasil Econômico

Brasil Econômico é uma publicação da Empresa Jornalística Econômico S.A, com sede à Avenida das Nações Unidas, 11.633, 8º andar - CEP 04578-901 - Brooklin - São Paulo (SP) - Fone (11) 3320-2000
Central de atendimento e venda de assinaturas: 4007 1127 (capitais), 0800 6001127 (demais localidades)
atendimento@brasileconomico.com.br

ISSN 2176-0170

ÚLTIMA HORA

Cartões geraram lucro de R$ 4 bilhões

Fotos: Marcela Beltrão

Empresas de credenciamento de cartões de crédito, como a Cielo e Redecard, nunca lucraram tanto como em 2009, ano anterior ao fim da exclusividade das máquinas de leitura dos plásticos. Estudo feito pelo Banco Central mostra que essas companhias tiveram lucro acumulado de R$ 4,05 bilhões no ano passado, valor 31,8% superior ao registrado no ano anterior. Na comparação com 2003, quando a instituição começou a coletar dados do setor, o ganho saltou para 538,1%.

O estudo do BC mostra que, nos últimos 12 meses, brasileiros usaram 132,6 milhões de cartões de crédito e débito. Esse universo representa o total de plásticos com funcionamento considerado "ativo". Isso quer dizer que, na média, cada um desses plásticos gerou lucro de R$ 30,57 para as credenciadoras, que são as empresas que credenciam o comércio, alugam as máquinas de leitura e processam e liquidam as compras.

No Brasil, Cielo e Redecard têm praticamente 100% de todas as transações do segmento de débito e concentram cerca de 90% das operações de crédito. "Com o fim da exclusividade, esperamos que a concentração possa diminuir", disse o chefe do Departamento de Operações Bancárias e do Sistema de Pagamentos do BC, José Antônio Marciano. ■ **Agência Estado**

Vendas de imóveis em São Paulo recuam 40%

As vendas de imóveis residenciais novos na cidade de São Paulo recuaram em maio 40% em comparação com abril e 51,4% ante o mesmo mês de 2009, somando 1.949 unidades, informou ontem o sindicato que representa o setor imobiliário na capital paulista, Secovi-SP. A velocidade de vendas, medida pela relação de vendas sobre oferta, ficou em 16,7% em maio, ante 25,3% em abril.

Para o Secovi-SP, os próximos meses indicarão se a queda percebida em maio refletiu um fato pontual ou se houve uma modificação na tendência de crescimento. A entidade mantém a perspectiva de comercialização de 37 mil a 38 mil imóveis novos na capital paulista em 2010.

No acumulado do ano, entretanto, foram vendidos 13.646 imóveis na cidade de São Paulo, alta de 26,4% em relação ao mesmo período do ano passado. O Valor Geral de Vendas (VGV) acumulado em 2010 é de R$ 5,17 bilhões, frente aos R$ 3,25 bilhões apurados de janeiro a maio do ano passado.

O segmento de três dormitórios lidera em participação acumulada no ano, com 4.894 habitações, ou 35,9%, enquanto unidades de dois quartos tiveram 34% do total, com 4.635 moradias. ■ **Agência Estado**

Loterias arrecadam R$ 3,7 bilhões

A arrecadação das loterias da Caixa Econômica Federal (CEF) cresceu 17,5% no primeiro semestre deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. O valor total arrecadado de janeiro a junho de 2010 foi de R$ 3,784 bilhões, segundo comunicado do banco.

A Mega-Sena permanece como a loteria mais procurada, chegando a R$ 1,698 bilhão em volume de apostas, e a Quina foi a que mais cresceu (58,8%), ao totalizar R$ 626 milhões em apostas. Em seguida vem a Lotofácil, com R$ 834 milhões, informou a Caixa. ■ **Agência Estado**

Ricardo Galuppo
rgaluppo@brasileconomico.com.br
Diretor de Redação

Ilha de democracia

Chega pelo correio eletrônico uma "Nota de Esclarecimento" encaminhada pela Embaixada da Venezuela. De acordo com o documento, a prisão de Alejandro Pedro Esclusa, bem como a captura e deportação de Francisco Chávez Abarca, não foi, conforme noticiado por órgãos de imprensa, resultado de "perseguição política a líder de oposição". Na verdade, os dois estariam envolvidos na organização de uma complexa operação terrorista que colocava em risco "as vidas de milhões de cidadãos". Tem cheiro de factoide. Mas, antes de comparar a situação a fatos lamentáveis do passado, convém dar um crédito de confiança ao governo da Venezuela.

Vamos assumir, então, que a denúncia contra Esclusa e Chávez Abarca em nada se assemelha, por exemplo, ao que se viu na Alemanha nazista diante do incêndio do Parlamento alemão, o Reichstag, em 1933. Ali, a ditadura de Hitler se apoiou numa mentira de alta gravidade para atribuir culpa aos comunistas e, assim, justificar uma onda de perseguição a seus adversários. A versão do governo Chávez sobre o risco de atentados evitados pela prisão dos terroristas, naturalmente, não guarda qualquer relação com atitudes destinadas a falsear a realidade. Mas é justamente nesse ponto que a história fica complexa.

Oposição e situação se uniriam e dariam apoio a Chávez diante de uma ameaça terrorista real

Tivesse a Venezuela um Congresso independente, um Judiciário autônomo e uma imprensa livre — como é mandatório numa democracia —, a reação desses poderes diante de uma ameaça terrorista destinada a ceifar "milhões de vidas" seria imediata. Assim como os democratas americanos se uniram a seus adversários republicanos depois dos atentados de 11 de setembro, nos Estados Unidos, a oposição em Caracas não negaria apoio ao governo diante de uma ameaça terrorista real. Ao mesmo tempo, os juízes autônomos tomariam providências e chamariam para si a responsabilidade de punir os culpados. A imprensa, por sua vez, noticiaria tudo isso, colocaria a boca no mundo e, por ter credibilidade, atrairia a solidariedade internacional. O estranho, na democracia venezuelana, foi que as instituições não se moveram e a responsabilidade pelo esclarecimento dos fatos e pela defesa da verdade coube a uma nota da embaixada. Deve ser muito difícil ser uma ilha de democracia num mundo repleto de ditaduras... ■

www.brasileconomico.com.br

DESTAQUE

Lucro líquido do Google atinge US$ 1,84 bi no 2º tri

A companhia, proprietária do maior sistema de buscas da internet, anunciou lucro 24% maior em comparação a US$ 1,49 bilhão registrado em igual período do ano anterior. Desta forma, o lucro por ação ficou em US$ 5,71 entre abril e junho. O resultado é maior que os US$ 4,66 alcançados um ano antes.

Acompanhe em tempo real
www.brasileconomico.com.br

MAIS LIDAS ONTEM

- **Veto** dos EUA à carne do Brasil afeta as exportações
- **Toyota** vai investir US$ 600 mi em fábrica no Brasil
- **Geração** de vagas bate recorde no 1º semestre
- **Arrecadação** de impostos cresce 13,8% em junho
- **Deutsche Bank** recomenda compra de ações do BB

Leia versão completa em
www.brasileconomico.com.br

ENQUETE

A Espanha mereceu ganhar o título de campeã da Copa do Mundo de 2010?

Fonte: BrasilEconomico.com.br

Vote em
www.brasileconomico.com.br

PROGRAME-SE

O melhor da semana

Dez sugestões imperdíveis em cultura, gastronomia, esporte, moda e viagens

TEXTO E EDIÇÃO **DENISE BARRA**

FOTO DIVULGAÇÃO

MÚSICA COLONIAL BRASILEIRA

Há 21 anos, a cidade de Juiz de Fora celebra músicas e instrumentos do passado, no festival com repertório dos séculos 17 e 18. Na programação, apresentações de orquestras com músicos brasileiros e estrangeiros. São 30 concertos gratuitos em teatros e espaços públicos, e 47 cursos de instrumentos como cravo, oboé, alaúde e fagote.
De 17 a 31/7, em Juiz de Fora (MG). www.promusica.org.br

FOTO ALEXANDRE BRUM/AG. O DIA

FESTIVAIS NO MAR E NA MONTANHA

Do alto da Serra do Mar, o Festival de Inverno de Paranapiacaba chega à 10ª edição com shows de nomes consagrados da MPB. Ed Motta, Zélia Duncan, Virginia Rosa e Maria Rita passam por lá. E tem música boa também no Festival do Guarujá, que invade a Praia das Pitangueiras para receber músicos como os americanos Kenny Brown e J. J. Jackson.
Neste fim de semana e no próximo. No Guarujá e em Paranapiacaba (SP).

FOTO DIVULGAÇÃO

BLUES E JAZZ EM RECIFE

O Oi Blues by Night é um projeto que despeja o melhor do blues e do jazz nacional e internacional em seis capitais. A 8ª edição do evento tem shows mensais, de julho a novembro, a começar por Recife. O cantor e gaitista Lynwood Slim, um dos mestres do swing, faz show com a banda de Igor Prado Band, grande guitarrista brasileiro da nova geração. Ari Borger, "Rei do Hammond" no Brasil, dá show ao piano.
21/7, às 22h, no Spirit Music Hall, no Recife.

FOTO SERGE DEROSS/NAIVE

A VOZ DE ANNA CATERINA ANTONAC

Ermione, de Rossini, e Carmen, de Bizet, são alguns dos papéis que alçaram a soprano italiana Anna Caterina Antonacci ao estrelato. A solista já se apresentou nos palcos mais importantes da Europa e dos Estados Unidos e foi comparada a Maria Callas. Em São Paulo, ela canta obras de Fauré, Reynaldo Hahn, Bachelet, Tosti e Pietro Cimara, com o pianista Donald Sulzen.
20 e 22/7, às 21h, na Sala São Paulo.

FOTO REGINE KOERNER/BIENNALE

AMAZONAS – TEATRO MÚSICA

Criada por um grupo de cineastas, dramaturgos, músicos e sociólogos, a peça discute problemas relacionados à floresta amazônica, contrapondo a tecnologia ocidental e o xamanismo yanomami. Música contemporânea e recursos multimídia dão o tom do espetáculo, que foi apresentado na Bienal de Munique em parceria com instituições da Alemanha e Portugal, além do SESC.
De 21 a 25/7, no Sesc Pompeia.

FOTO CARLO BORLENGHI

37ª ROLEX ILHABELA SAILING WEEK

Neste ano serão 150 veleiros competindo no principal evento náutico da América Latina. Torben Grael, eleito o melhor velejador do planeta pela Federação Internacional, busca agora o título inédito da nova classe S40. O alemão Jens Kroker, tricampeão paraolímpico da Classe Sonar e medalha de ouro na China em 2008, também vai botar seu barco na água.
De amanhã a 24/7, em Ilhabela (SP). www.risw.com.br

FOTO DIVULGAÇÃO

MARATONA PARA ATLETAS. OU NÃO

Se correr 42 Km não é para qualquer atleta, o esforço é recompensado pelas belas paisagens do Rio de Janeiro. A Maratona do Rio tem um percurso de tirar o fôlego. A correria começa na praia do Recreio e termina no Aterro do Flamengo. Se o trajeto é demais para você, fique com a meia maratona. Se você é iniciante, contente-se em correr os 6 Km. Ou, se preferir, simplesmente aplauda os corajosos.
Domingo, no Rio. maratonadorio.com.br

FOTO DIVULGAÇÃO

TRUFAS NEGRAS EM SÃO PAULO

O chef toscano Claudio Savitar percorre os campos de San Miniato atrás de trufas negras desde os 12 anos. A Vinheria Percussi, em Pinheiros, recebe o italiano, que prepara os saborosos tubérculos. O menu completo sai por R$ 120. Já o Zucco, nos Jardins, faz um festival com quatro opções de pratos com trufas negras criados pelo chef Jurandir Meirelles. O faisão com trufas negras e polenta custa R$ 92.
Até amanhã, na Vinheria Percussi. Até 31/8, no restaurante Zucco.

FOTO MAURO HOLANDA

FESTIVAL ANDINO NO RESTAURANTE AJÍ

O despojado restaurante Ají é um contemporâneo com influências latinas. Agora, o chef Checho González prepara novas delícias no 1º Festival Andino, apenas durante o almoço. A comida dos incas com ingredientes espanhóis inspiraram o menu, que sai por R$ 65. E como o polvo não sai da boca do povo, prove os Chicharrones de Pulpo a la Gallega, polvinhos crocantes com batatas e vinagrete de nirá.
Até 31/7, no Ají, em SP.

FOTO DIVULGAÇÃO

VIAGEM NOTURNA EM TREM DE LUXO

Com poltronas confortáveis de couro e sofás de veludo, o primeiro trem de luxo do Brasil fará um passeio noturno amanhã. Na recepção, espumante, canapés e música ao vivo. A nostálgica viagem vai de Curitiba a Piraquara. O trajeto de 3 horas sai por R$ 160 e dá direito a jantar. Há viagens de até 9 dias, de Foz ao Rio. Mas luxo mesmo é ver o que passa pela janela.
Amanhã, em Curitiba. www.greatbrasilexpress.com.br

Cardápio
16.7.10

A Copa do Mundo acabou e isso dá um vazio danado. Uma vontade de publicar páginas em branco — em salmão — neste **Outlook**. É duro ver o futebol de novo relegado às páginas 24 e 25, quando a utopia (cheia de testosterona) é vê-lo onipresente nos jornais. A questão palestina, por exemplo, poderia ser decidida em campo, com um jogaço entre Israel e o mistão Gaza/Cisjordânia. Mas não é o caso de continuar sonhando com isso, ainda mais que a Copa acabou. Ainda assim, insistimos: há futebol também nas págs. 6 e 7, em reportagem de bastidores do último jogo do Palmeiras no Palestra Itália. Há futebol na pág. 8, em texto do escritor André Sant'Anna, que responde justamente à pergunta: "Se acabou a Copa, fazer o quê?". Bem, há vida fora do futebol. Tem sempre uma crônica do Humberto Werneck (5), um Pedro Alexandre Sanches a nos brindar com sua visão sobre Ezequiel Neves (12), um novo CD de Wilson das Neves (14). Um Domingos de Oliveira (26). Até um J.R.Duran (10), catalão finalmente transformado em espanhol pela força da Fúria. Mas chega de futebol. *Fred Melo Paiva*

IDEIAS FORTES

ADRIANA VICHI

Lilia Moritz Schwarcz

O Corcovado e o Redentor, que lindo

Não há nação que abra mão de um bom símbolo, ainda mais daqueles que têm a propensão para figurarem em qualquer cartão postal do país, fazer parte da propaganda de turismo, ou representar, condignamente, o local.

Por aqui, colecionamos vários, alguns naturais, outros construídos pelas mãos dos homens. Dentre aqueles que ganhamos de presente consta a nossa natureza tropical, os animais coloridos e o oceano ainda mais azul nos dias de sol. Há também práticas que costumam fazer as vezes do Brasil. Afinal, Carnaval e futebol já constituem a carteira de identidade do país.

E se não existe governante que dispense ícones pátrios, alguns dos nossos foram mais inspirados, nesse sentido. Coube a Pedro II, por exemplo, construir um ideário romântico como representação do país, onde destacavam-se ao mesmo tempo os naturais, a natureza e a civilização — representada pelo próprio imperador. É possível dizer, porém, que Getúlio Vargas e também Lula transformaram-se em grandes propagandistas das virtudes locais. Foi Vargas quem nos anos 1930 descriminalizou uma série de manifestações afrobrasileiras — como a capoeira, o candomblé e os sambas —, assim como tratou de criar outras. Dentre elas, estavam a elevação da feijoada a prato nacional, com suas cores e sentidos devidamente transformados: o arroz representaria o branco da população; o feijão, os habitantes negros; o amarelo da laranja, os imigrantes orientais; o vermelho da pimenta, os indígenas; e, como não havia como explicar o verde da couve, nada como contar com a boa imaginação e dizer que aí estava a nossa "mata" (sic).

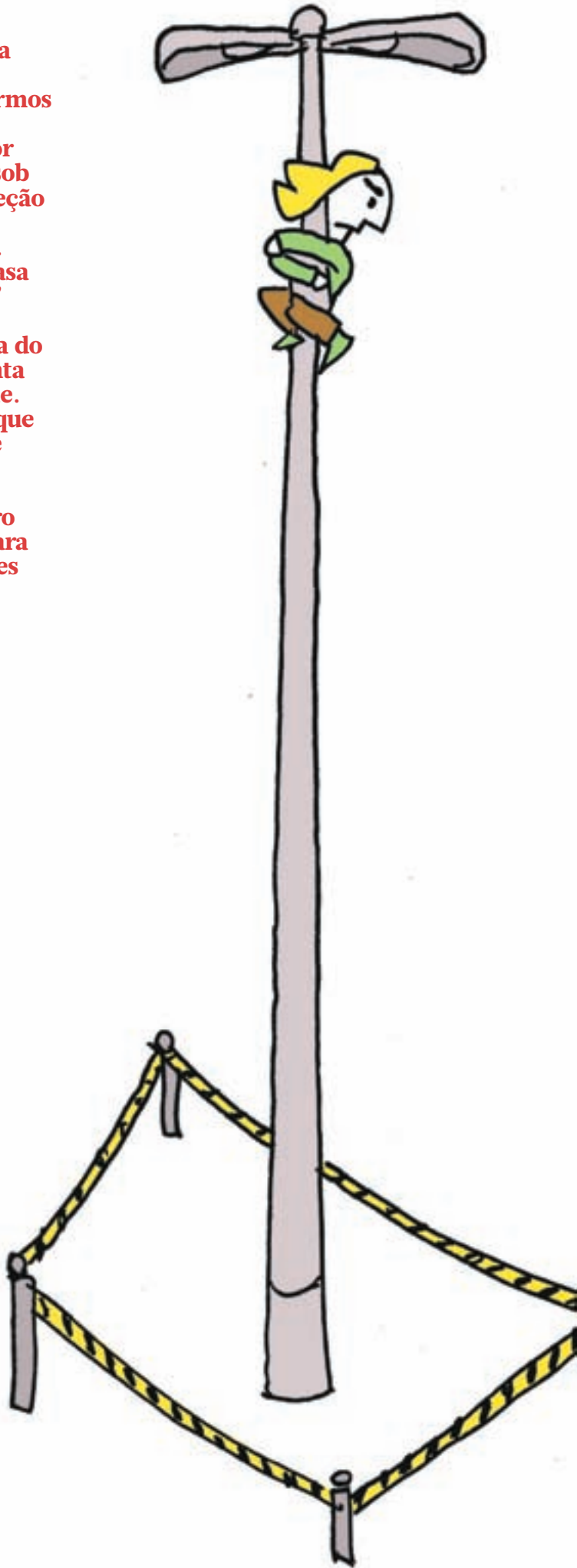
Mas GV fez mais: concluiu as obras desse que seria o grande monumento a representar a cristandade do Rio de Janeiro e, depois, por deslizamento sentimental, do próprio Brasil. Estou me referindo à estátua do Cristo Redentor, localizada no morro do Corcovado, 709 metros acima do nível do mar; e cujo tamanho descomunal — 38 metros — fez até com que entrasse para o *Guinness Book of Records*.

Esperto e ligado na noção de que os presidentes devem muito à sua projeção pública, Vargas usou de todos os meios para veicular a própria imagem: rádio, cartazes, novas músicas, caricaturas e, dentre outros, jogou boa parte de suas fichas nesse monumento de amplas dimensões. A inauguração do Cristo Redentor deu-se em 12 de outubro de 1931 (após cinco longos anos de trabalho, constantemente interrompidos por conta da dificuldade de acesso), contando com a presença de todo tipo de autoridade. Para completar a festa, e a fatura política, o magnata A. Chateaubriand convidou o cientista italiano G. Marconi para emitir um sinal elétrico que seria acompanhado em toda a cidade. É fato que o mal tempo frustrou a festa e sua proliferação por cadeias elétricas, mas apesar disso a estátua ganhou espaço no coração dos cariocas e dos brasileiros.

Vista não de todos os ângulos, talvez, mas de muitos, o Cristo foi filmado, cantado, pintado, assim como gerou muita polêmica. No filme 2012, por exemplo, ao apresentar a cena do final do mundo, o cineasta Roland Elmmerich exibe, dentre outros, a destruição do Corcovado e de seu mais famoso monumento. Por outro lado, Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil cantaram as glórias do Cristo Redentor com seus "braços abertos sobre a Guanabara"; assim como mostraram que "o Cristo é como quem foi visto subindo aos céus, num céu de luz".

Convertido em ícone da cidade, mas também emblema desse país considerado campeão da cristandade, a estátua geraria polêmica, sobretudo diante dos protestantes, em especial os batistas. Mas essas seriam águas passadas. De tão famosa, gerou réplicas mais ou menos conhecidas. Não há cidade do interior que não ostente orgulhosa o seu Cristo, assim como os habitantes de Almada, em Portugal, deram um jeito de erigir o seu.

Em tempos de governo Lula — outro que não descuida do marketing político —, o monumento ganhou novo holofote. Em primeiro lugar, o presidente do PT empreendeu campanha, em 2007, para transformar o Cristo Redentor numa das "sete novas maravilhas do mundo". Afinal, as antigas já estão meio velhas e era hora de certa renovação. A iniciativa contou com acolhida brasileira e portuguesa, mas a Unesco, que preserva muito bem seus patrimônios (e critérios), não aprovou a decisão; que segue devidamente engavetada.

Mas a mística do nosso Cristo mantém-se intocada mesmo diante desse pequeno entrevero; tanto que passou por uma grande restauração e faxina e acaba de ser reinaugurado, ainda mais branco e iluminado, nesse ano de 2010. Dizem que traria sorte na Copa, mas só se deixarmos para a de 2014, que ocorrerá por aqui mesmo, e sob a bênção e proteção de seus braços, sempre abertos. Mas "santo de casa não faz milagre" e não há como colocar na conta do monumento tanta responsabilidade. Ainda mais porque o mesmo insiste em se voltar para a zona sul do Rio de Janeiro e dá as costas para as demais regiões. O fato é que, como diz Chico Buarque na música *Subúrbio*, por mais que queiramos enxergá-lo em todos os lugares: "Lá tem Jesus e está de costas".

Lilia Moritz Schwarcz é professora titular do Departamento de Antropologia da USP. É autora de O Sol do Brasil (Companhia das Letras, Prêmio Jabuti 2009), entre outros.

Dizem que traria sorte na Copa, mas só se deixarmos para a de 2014, que ocorrerá por aqui mesmo, e sob a bênção e proteção de seus braços, sempre abertos. Mas 'santo de casa não faz milagre' e não há como colocar na conta do monumento tanta responsabilidade. Ainda mais porque o mesmo insiste em se voltar para a zona sul do Rio de Janeiro e dá as costas para as demais regiões

ARQ. PESSOAL

Humberto Werneck

Pegando um bronze em Beagá

Foi-se o tempo em que, batidas as botas, o cidadão notável era moldado em bronze e posto a pairar acima dos viventes, no topo de um pedestal. Em Belo Horizonte, pelo menos, não se usa mais. Lá, independentemente de a alma ter subido ao Céu ou baixado ao Inferno, o camarada está hoje condenado ao purgatório do rés-do-chão, com todos os inconvenientes que daí decorrem, inclusive a sem-cerimônia dos cachorros em demanda de poste.

Talvez mais do que em outras cidades brasileiras, em Beagá parece ter vingado a moda da estátua pedestre. Embora menos que o pessoal de carne e osso, sua população brônzea não para de crescer. Dela faz parte, para começar, nosso maior poeta, que, desconfio, não deve estar gostando nada da berlinda. Não lhe bastasse ter sido chumbado a um banco na praia de Copacabana, onde volta e meia lhe afanam os óculos, na capital mineira Carlos Drummond de Andrade foi condenado a estar de pé no degradado Centro da cidade, a poucos metros da rua da Bahia que ele tanto palmilhou na mocidade. Menos mal que tenha ali, como teve em vida, a companhia do memorialista Pedro Nava, também ele antigo habituê da região, ambos um tanto escurecidos. Como lembra o escritor Jaime Prado Gouvêa, outro que corre o risco de virar estátua: aqueles dois pegaram um bronze.

Não lhe bastasse ter sido chumbado a um banco na praia de Copacabana, onde volta e meia lhe afanam os óculos, na capital mineira Carlos Drummond de Andrade foi condenado a estar de pé no degradado Centro da cidade. Menos mal que tenha ali, como teve em vida, a companhia do memorialista Pedro Nava. Como lembra o escritor Jaime Prado Gouvêa, outro que corre o risco de virar estátua: aqueles dois pegaram um bronze

Menos sorte teve a poeta Henriqueta Lisboa, a quem a posteridade reservou a solidão num canto de praça na Savassi, não longe, aliás, de sua penúltima morada. De pé ao lado de um tufo de vegetação, sua figurinha ficou ainda mais frágil. Indiferente ao mafuá etílico-musical em que o lugar se transforma nas manhãs de sábado, Henriqueta, talvez por falta de companhia para papear, tem nas mãos um livro aberto. Já o romancista Roberto Drummond, noutro canto da praça, não lê nem papeia: segue batendo pernas pela Savassi. Se em vida se recusava a revelar a idade, tem agora o consolo de estar estacionado, não só no chão como no tempo. De tanto que o tocam, apalpam e abraçam, o Roberto está cada vez mais brilhante.

É esse o problema da estátua pedestre: jazer, desfrutável, ao alcance da irreverência de quem passa. Numa terça-feira de Carnaval, fui ver na praça da Liberdade o grupo de estátuas dos chamados Cavaleiros de um Íntimo Apocalipse — e dei com um bebum aconchegado de comprido no colo gélido porém acolhedor de Fernando Sabino e Otto Lara Resende, os dois ficcionistas do célebre quarteto, sob as vistas dos poetas Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. Fiz uma foto que o *Estado de Minas* publicou. Mais tarde transferiram a turma para a entrada da Biblioteca Pública, local talvez à prova de desfrute.

A verdade é que em Belzonte a vida das estátuas, seja ao rés-do-chão, seja nas alturas, não tem sido fácil. E não é de hoje. No começo do século 20, a mulher do governador Francisco Salles se horrorizou com a nudez de três ninfas de mármore branco italiano que adornavam um laguinho da praça da Liberdade, e mandou trancafiá-las no almoxarifado da Prefeitura, onde as pétreas senhoritas amargariam quatro décadas de exílio. Não só elas. Vista por alguns como dama de costumes pouco recomendáveis, em 1926 Anita Garibaldi foi removida da praça Rui Barbosa para locação mais discreta, no Parque Municipal, onde está até hoje.

Causou celeuma também o nu masculino que desde 1930 se exibe no Monumento à Civilização Mineira, na mesma praça, bandeira desfraldada em punho. Encomendada ao escultor italiano Giulio Starace, a estátua já ia ser fundida em bronze em São Paulo quando o governador Antônio Carlos mandou ver se tudo estava nos conformes. Não estava, constatou o emissário, a quem genitália do musculoso anônimo pareceu inadmissível. O pobre Starace tentou defender a integridade anatômica de sua criatura, mas teve que entregar os pontos — e providenciais ventos da moral montanhesa fizeram tremular a bandeira, drapeando-a de modo que uma das pontas, jogada contra o baixo ventre, se encarregasse de ocultar a indecorosa prenda. A Civilização Mineira estava salva.

Humberto Werneck é jornalista e escritor. É autor, entre outros, de O Espalhador de Passarinhos & Outras Crônicas (Dubolsinho), O Pai dos Burros (Arquipélago Editorial) e O Santo Sujo (Cosac Naify).

BASTIDORES

Saudades do Divino, do Evair,

O nostálgico torcedor palmeirense está mais saudoso do que nunca. Ao e os problemas de hoje. Tudo bem, era dia de festa. Voltaram para casa

TEXTO **GABRIEL PENNA**

No dia em que o velho Palestra Itália fechou as portas para a eternidade, o palmeirense Domingos Manso completou 82 anos. Comemoraram juntos. Na despedida do amigo de longa data, a quem foi apresentado pelo pai aos oito anos, muitas lembranças vieram à cabeça de seu Domingos. É porco, sim, mas com memória de elefante. "Nascimento, Carnera e Junqueira, Tunga, Dula e Del Nero, Avelino, Romeu, Gabardo, Lara e Imparato", narra em voz rouca a escalação do tricampeão paulista de 1935 — ano em que pisou pela primeira vez no também jovem estádio. "Posso escrever um livro", gaba-se o octogenário torcedor, cuja hipotética obra atingiria seu clímax em episódio nem tão distante: a conquista da Libertadores de 1999, na dor dos pênaltis. "Essa tirou lágrimas. Estava sentado aqui e havia umas 50 pessoas chorando", lembra Domingos, enquanto em campo o herói-mor daquela conquista, o santificado Marcos, recebe homenagem por insuperáveis 211 jogos no Parque Antártica.

Seu Domingos é porco, mas tem memória de elefante. 'Nascimento, Carnera e Junqueira, Tunga, Dula e Del Nero, Avelino, Romeu, Gabardo, Lara e Imparato', narra a escalação do tricampeão paulista de 1935, ano em que pisou pela primeira vez no estádio

1. A juventude palestrina, que já ouviu histórias bonitas, espera também participar delas

2. Com a bola, Cleiton Xavier, criticado, e Kléber (ao fundo), celebrado, não conseguiram evitar a derrota de 2 a 0 para o Boca

3. Os ídolos Marcos e Valdir Joaquim de Moraes: o primeiro tem elasticidade, o segundo, colocação, segundo seu Domingos

4. Chiqueiro em festa: a torcida homenageia o nonagenário estádio, que será transformado em moderna arena multiuso

5. Para comemorar os 82 anos, seu Domingos escolheu a festa de despedida do Palestra. O time é que não ajudou

do Palestra, do futuro glorioso

despedir-se de sua velha casa, ele reviu os ídolos de ontem com a promessa de que dias melhores e objetivos maiores virão

No local da futura Arena Palestra Itália, casa nova para os quase 12 milhões de palmeirenses, o clima também é de festa pela modernidade que se avizinha. É hora de subir o bandeirão. "Desce os plásticos, porra!", ordena o pessoal da Mancha ao pé da geralzona. Um deles agarra a ponta e sobe em disparada os degraus da arquibancada, enquanto outros puxam embaixo. "Tem que segurar forte se não sobe demais e o vento levanta", explica um desconfiado torcedor organizado, que não gosta de imprensa. O bandeirão desce, e as bexigas, brancas, verdes e vermelhas, sobem. Sincronia perfeita. Em volume quase ensurdecedor, caixas de som em frente à torcida interrompem o insistente hino para alardear as escalações de Boca Juniors e Palmeiras. Danilo, Cleiton Xavier, Lincoln, "Olê, Kléber...olê, Kléber", celebram a volta do perigoso atacante.

Ah, se fosse o Evair... Em 1994, em plena Libertadores, o homem fez o diabo contra os argentinos. Ali mesmo, sobre os jardins suspensos do Água Branca, meteu dois gols, deu passe de calcanhar e comandou a histórica goleada de 6 a 1. "Foi meu melhor jogo no Palmeiras aqui dentro, é o que mostro para os filhos", recorda o camisa 9 da saudosa era Parmalat, logo após deixar mais dois derradeiros tentos nas redes do estádio. Foi na preliminar que reuniu os principais ídolos da história alviverde, como um apressado Ademir da Guia. "Vai mudar pra melhor", sentencia o Divino e se despede antes do início da partida principal. Será que ela já aconteceu? Quem sobe à arquibancada para espiar os sucessores é o ex-zagueiro Alfredo Mostarda, bicampeão brasileiro com a chamada segunda academia do Palmeiras. Solitário no meio da galera, ele contempla o descaso do presente com algum pesar. "Quando venho ao clube, sou barrado na portaria por 30, 40 minutos. É chato, porque a gente construiu a história do time", lamenta a memória curta.

Em campo, a equipe tampouco lembra seu passado. Vira o primeiro tempo já em desvantagem de 0 a 2. Culpa da moderna Jabulani? Lá na extremidade leste do estádio, quase sobre a piscina, os torcedores do Boca comemoram o placar que avistam à distância. "Estamos muy en la esquina, ubicados en el corner y no se ve bien el partido", protesta o buonairense Juan Manuel, de 24 anos, e completa: "Que haga una mejor tribuna para los hinchas visitantes y un mejor baño, pues este es un desastre", reivindica em nome da nação visitante — mais de 180 milhões de torcedores rivais só no Brasil. Merecem coisa melhor.

Ah se fosse o Evair... Em 1994, o homem fez o diabo contra os argentinos. Ali mesmo, sobre os jardins suspensos do Água Branca, meteu dois gols, deu passe de calcanhar e comandou a histórica goleada

Do outro lado da *cancha*, o pessoal pede reforma é no time. "Ô Vitor, pede pra sair!", diz um, "Ô Xavier, pipoqueiro do ca...", completa outro. "Assunção, o time não tá conversando em campo", orienta o corneteiro profissional Antônio Pizol, membro da turma do Amendoim — assim batizada pelo ilustre comandante que está voltando ao clube. "Au, au, au, Felipão é genial!". Longe do Palestra, o novo treinador não terá que aturar o mau humor das numeradas, a poucos metros do banco, o que não significa que será poupado. Afinal, o torcedor alviverde está à espera de um futuro glorioso. "O palmeirense típico é como eu, velho, resignado, sem indicação de que o time vai melhorar a não ser pela chegada do Felipão", define José Marcos Chicaroni, 67 anos, revelando sua pontinha verde de esperança.

PROVOCAÇÃO

FOTO IMAGE FORUM

Finda a Copa da África, pessoas levantaram-se de seus sofás e foram passear. Na foto, praia do Guarujá, em SP, tomada por banhistas e guarda-sóis vermelhos e amarelos

Acabou a Copa. Fazer o quê?

Vá se preparar para ser feliz. Você tem que ser feliz. Felicidade é amor. Se você tem o corpo arredondado, a pele bem cuidada, o bronzeado ou a palidez no tom exato, o espírito jovem, se você é muito feliz, você vai ter um amor neste sábado

TEXTO **ANDRÉ SANT'ANNA**

Acabou a Copa e, antes que comece o Horário Eleitoral Gratuito, vá aproveitar este final de julho. Vá, que vai acabar. São só mais dois fins de semana para acabar as férias escolares. Vá. Vá logo. Vá depressa.

Reúna os cara todos e vá. À praia, junto com todo mundo. Todo mundo mesmo. Vá pensando em sexo. Vá se dar bem. Você não vai fazer sexo. Mas você vai lembrar, pro resto da vida, e vai morrer de rir sempre que lembrar, daquele seu camarada que bebeu muito, que vomitou muito, que entupiu a única privada da casa em que vocês vinte ficaram. Vá morrer de rir.

Tu não vai poder ir. Tu foi escolhido pra fazer plantão na firma. Tu pensa: por que tu? Mané. Óbvio: é porque tu é muito bonzinho, muito quietinho, muito timidozinho e, mesmo com essa gravata mais ou menos que tu bota, tu não consegue disfarçar essa tua cara de hippie que tu tem. Óbvio: tu vai passar o plantão de fim de semana escrevendo poesia na firma. Vai.

Tu não vai poder ir. Tu foi escolhido pra fazer plantão na firma. Tu pensa: por que tu? Mané. Óbvio: é porque tu é muito bonzinho, muito quietinho, muito timidozinho

Vá, que vai ser péssimo. A família lá, andando na rua da sorveteria, você na frente, suado. A sua esposa, digníssima, cheia de creme espalhado pelo corpo, cremosa, a perna toda empolada de mordida de borrachudo, logo atrás de você, sofrendo muito, muito. O seu filho adolescente, vestido de preto, do outro lado da rua, querendo muito que você perceba o quanto ele, de cabelo todo assim, ignora você. Os filhos menores querem dinheiro pra comprar alguma coisa. Qualquer coisa, o tempo todo. E, lá no final da fila, a vovó, que é sempre mais ou menos ninguém. Se não fosse a irritação que ela provoca em você, vá saber por que, ela seria ninguém mesmo. Você tem que ir. Todo mundo vai. Vá.

Vá, mas vá com cuidado. A violência está solta por aí. Ainda mais no fim-de-semana, no Guarujá. Mas, um dia, a gente expulsa com esse Direitos Humanos daqui. Só aí que resolve.

É sol, é céu, é sal, é sábado, é amor. Vá se preparar para o amor. Vá se preparar para ser feliz. Você tem que ser feliz. Felicidade é amor. Se você tem o corpo arredondado, a pele bem cuidada, o bronzeado ou a palidez no tom exato, o espírito jovem, a mente preparada para viver novas experiências, disposição para estar sempre inventando moda, acesso ao que há de mais moderno a nível de tecnologia de ponta, um sorriso largo sempre estampado na cara, se você é muito feliz, você vai ter um amor neste sábado. Se não, não. Vá obrigatoriamente feliz.

Não. Não vá. Você é diferente. Você não é igual. Eles são uns neuróticos, enquanto você é legal. Essa gente se esfregando pelas ruas, suada, feia, sem dente, vendendo coisa barata, comprando coisa que não devia ser vendida, bebendo pinga, berrando palavrão, fazendo farofa, comendo espetinho de camarão, dançando música de bundinha, berrando o hino do Vasco, não, você não é assim, urrando, usando sabonete e xampu na cachoeira, xingando o motorista do ônibus que arrancou brusco, reclamando com o táxi que parou na faixa de pedestre, feia, feia, feia, você não. Você, não. Diferente, bonita, linda, o corpo arredondado, a pele bem cuidada, o bronzeado ou palidez no tom exato etc. etc. etc. moderna, tecnológica, diferente de tudo isso que anda por aí, pronta para ser feliz neste fim de semana, longe de todo mundo, só você e o cara que é o cara, tomando vinhozinho, ouvindo jazz, planejando uma viagem inesquecível para uma ilha na Indonésia que só ele conhece, longe dessa gente igual, suada, diferente de você, que nunca suou, e dele, que sabe fazer um prato doce-picante, receita tailandesa que inclusive é muito afrodisíaca, pra você, que é ótima, diferente neste sábado.

O escritor, músico e roteirista André Sant'Anna é autor, entre outros, de O Paraíso é Bem Bacana (Companhia das Letras).

OLHA O PASSARINHO

Grandes twittadas da semana

Pérolas, achados e picaretagens. O melhor da filosofia em até 140 caracteres

FOTO UAN MEDINA/REUTERS

“Alô você marido, alô você namorado. Essa semana, quando sua mulher te beijar, ela vai estar pensando no Casillas. @crisdias

“Vou ver se dá para alugar ou comprar o PAUL. O que vocês acham? @eikebatista

“Alívio: polícia informa que vítima da tamancada não foi Polvo Paul, foi uma lula gigante @JorgePontual

FOTO DIVULGAÇÃO

“Futebol se joga com o pé né? Porra o logo da copa 2014 parece de vôlei.
@andreabujamra

“Esta final da Copa foi Dom Quixote contra os Moinhos de Vento. Venceu Dom Quixote.
@Alessandro_M

“Felipe Melo quer jogar a Copa de 2014. Bem, o Bruno também. @alvaroleme

“Quando quero vislumbrar o futuro da sociedade brasileira eu sintonizo no Superpop @dlima

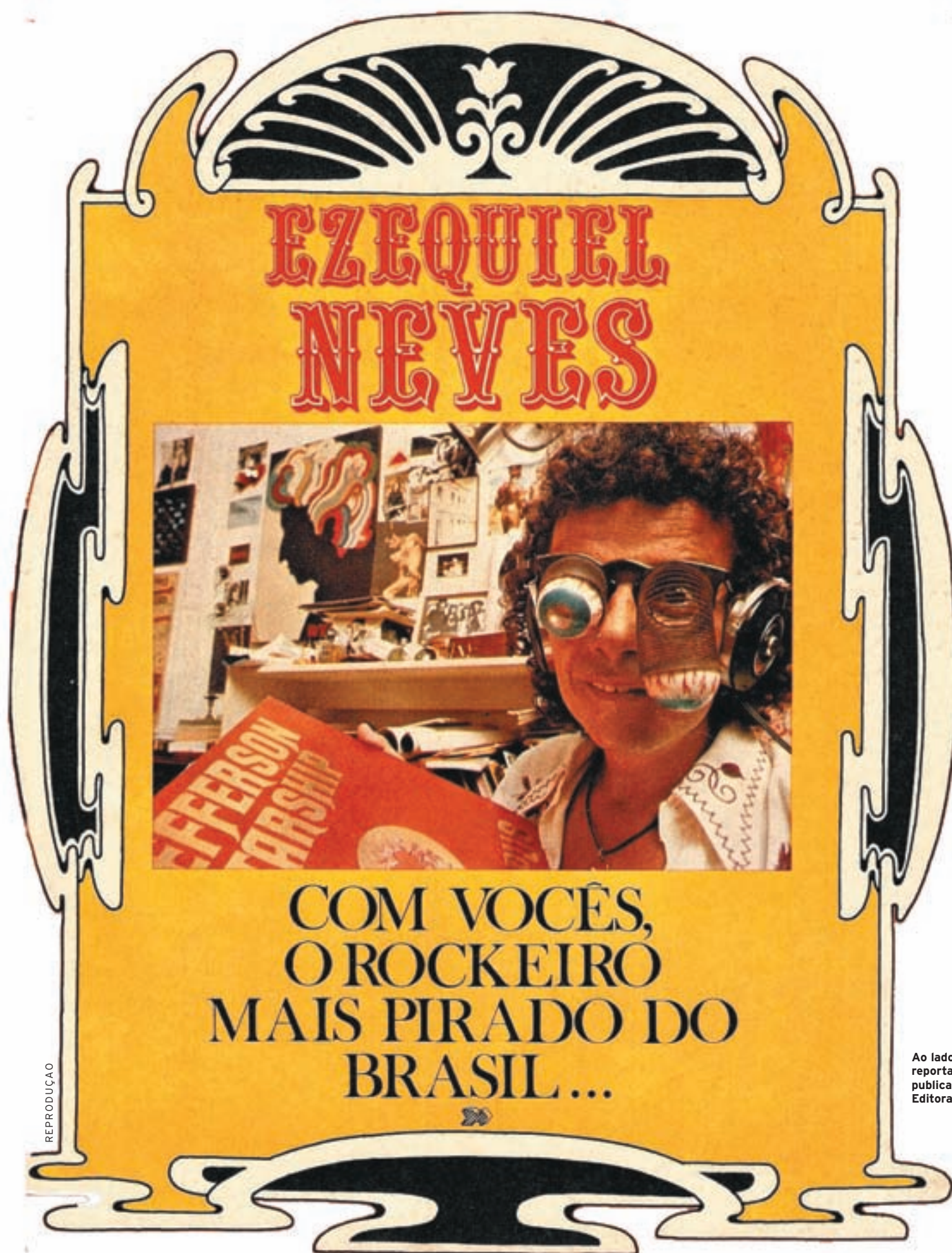
“Tem gente aí dizendo que o iPad é o fim do papel. Se for, também vai ser a volta do bidê.
@fernandocabral

“Em homenagem ao dia do rock, Preta Gil promete fazer um mosh na galera. Quem viver, verá. @tiodino

“Vi as fotos e posso afirmar: Larissa Riquelme é mulher paraguaia, mas não como aquelas que o Ronaldo levou pro motel. @MauricioRicardo

FOTO KADU FERREIRA/AG. O DIA

MEMÓRIA

Morreu a língua de cascavel

Ao lado, reprodução de uma reportagem sobre Ezequiel publicada na revista *Pop*, da Editora Abril, em julho de 77

O boom pop-rock-MPB-comercial dos 80, de que Ezequiel Neves foi um dos ideólogos, carregava as sementes da ruína que Zeca testemunhou em posição já marginalizada

TEXTO **PEDRO ALEXANDRE SANCHES**

Num tempo mais ou menos distante, roqueiros faziam shows e gravavam discos, supervisionados por produtores musicais e executivos de gravadoras. Eventualmente, roqueiros, produtores e gente de gravadora eram achincalhados por críticos de música em jornais e revistas especializadas. Havia também ouvintes de discos, espectadores de shows, leitores de jornais e revistas. Nesse tempo que se foi, houve um mineiro de Belo Horizonte chamado Ezequiel Neves, figura mais ou menos incomum que encontrou sua razão de existir na tarefa de se alternar entre todos e cada um dos personagens citados acima. Ezequiel também se foi, no último dia 7, aos 74 anos. Como vários dos ramos da indústria a que pertenceu, vinha sofrendo nos últimos anos de enfisema, cirrose, câncer.

Em todos os obituários, apareceu em primeiro plano o feito que o tornou célebre, mas que de certa forma o aprisionou e tornou refém: Ezequiel foi descobridor e mentor de Cazuza, a partir de 1981 até a morte precoce do roqueiro, aos 32 anos. Como a simbolizar o vínculo insolúvel entre os dois, o padrinho musical morreu exatos 20 anos após a morte do afilhado, em 7 de julho de 1990.

Ezequiel foi produtor da maioria absoluta dos discos de Cazuza e também de sua primeira banda de rock, o Barão Vermelho, antes e depois da saída do primeiro líder, em 1985. Como compositor, foi coautor de um dos principais sucessos do Barão, *Por Que a Gente É Assim?* (1984, com Cazuza e Frejat) e de dois dos maiores hits solo do pupilo, *Exagerado* (1985, com Cazuza e Leoni) e *Codinome Beija-Flor* (idem, com Cazuza e Reinaldo Arias). A assinatura nessas três canções e a produção de discos como *Maior Abandonado* (1984) e *Carnaval* (1988), do Barão, e *Só se For a 2* (1987) e *Ideologia* (1988), de Cazuza, garantiram-lhe lugar cativo nas páginas da bibliografia sobre o rock brasileiro dos anos 80. Mas não eram da missa um terço.

A assinatura de canções como *Por Que a Gente É Assim?*, *Exagerado* e *Codinome Beija--Flor*, além da produção de dois discos do Barão e dois de Cazuza, garantiram-lhe lugar cativo na bibliografia do rock brasileiro dos anos 80. Mas não eram da missa um terço

A atividade como produtor de discos ele mantinha desde 1976, quando seu nome apareceu com o crédito de diretor de estúdio de *Jack, o Estripador*, da banda paulista Made in Brazil — antes de se tornar eminência parda verde-amarela do rock 80, ensaiara coordenar o descoordenado rock 70. A parceria ainda rendeu o LP *Paulicéia Desvairada*, de 1978 — militou pelo rock paulista antes de ajudar o Barão a virar uma das faces da new wave roqueira do Rio de Janeiro. Ex-ator de teatro, Ezequiel também subiu ao palco do Made in Brazil, como vocalista de fundo inspirado nos roqueiros andróginos da época.

FOTO ARQUIVO/AE

Ezequiel fotografado em 69, antes da carreira de produtor musical de gente como Cazuza e Barão Vermelho

Virou funcionário da Som Livre, braço fonográfico das Organizações Globo, em 1979. Entre seus trabalhos nessa época, constam a produção executiva do disco *Cauby! Cauby!* (1980), de Cauby Peixoto, e a assistência de produção de *O Inverno do Meu Tempo*, de Elizeth Cardoso. Nesse, dividia o crédito com outro jovem que ainda não encontrara seu lugar ao sol, um tal Lulu Santos. Foi na condição de produtor da Som Livre que Ezequiel teve de convencer o presidente da gravadora a bancar o lançamento do primeiro LP do Barão. O presidente se chamava João Araújo, e era pai de Cazuza.

Em 1982 apareceram suas primeiras composições, em parceria com o Barão, com Angela Ro Ro (*Pecado Nada Original*) e com Rita Lee (*Vote em Mim*). Dessa última ele foi próximo nos tempos de Som Livre, mas a história não acabou bem. No livro *Rita Lee Mora ao Lado*, de Henrique Bartsch, a roqueira insinua que Ezequiel estava interessado em seu marido, Roberto de Carvalho, e afirma que foi ele quem espalhou, em 1985, o boato de que ela estaria doente. A pendenga resultou numa canção em que Rita declarava que "não, titia, eu não estou com leucemia" — a tal titia era Ezequiel.

Pois ele parecia que gostava de alimentar a fama de erva venenosa. "Eu sempre tive língua de cascavel", afirmou, em 2007, ao blog *Psicodelia Brasileira*. Na mesma entrevista, criticou Milton Nascimento e o grupo que o acompanhava nos primórdios do clube da esquina: "*Som Imaginário* nunca foi psicodélico, aquilo é mineiro bichado, é muito chato. O Milton, com aquela voz de branca, não!".

A verve de cascavel surgira no início dos anos 70, quando Ezequiel exerceu sua primeira função ligada à música: a de jornalista e crítico, primeiro na imprensa alternativa do Rio, depois na revista *Playboy* e no *Jornal da Tarde*, de São Paulo.

Adorador de Rolling Stones e David Bowie, esteve com o editor Luiz Carlos Maciel na invenção da edição brasileira — pirata — da revista musical norte-americana *Rolling Stone*, em 1972. Passou a assinar textos ferinos sob pseudônimos como Zeca Jagger (em homenagem a Mick), Zeca Zimmerman (a Bob Dylan) e Ângela Dust (à droga angel dust e/ou à então esposa de Bowie, Angela). A aventura durou 36 edições e foi seguida de outras experiências no jornalismo musical underground: *Música do Planeta Terra*, *Rock: A História e a Glória*, *Jornal da Música*, *Pop*, *Som Três*. Dispersos e nunca compilados em livro, seus escritos influenciaram enormemente a geração de jornalistas (e de artistas) que viria a seguir, e de que ele também faria parte.

Se nos anos 70 a música se industrializava e o jornalismo musical era mambembe e imaturo, dos 80 em diante os vários tentáculos daquele mercado se moveram sucessivamente na direção da profissionalização, da uniformização, da pasteurização, da corrupção (via jabaculê), do círculo vicioso, da decadência. O boom pop-rock-MPB-comercial dos 80, de que Ezequiel foi um dos ideólogos intuitivos, carregava no estômago as sementes da ruína e da (auto)destruição que Zeca testemunhou em posição já marginalizada. Ele não está mais aí, mas, ironicamente, deixa para trás um sistema talvez mais saudável e menos previsível do que aquele que o formou e depois o engoliu.

ZOOM

J.R.Duran

A magia do que é inalcançável

J.R.DURAN /FILE INC.

Jeremy Irons é um talentoso ator inglês conhecido pela intensidade dos personagens que interpreta. Desde o início de qualquer filme em que ele esteja presente, o espectador já sabe que o final vai ser dramático mesmo que Irons se esforce todo o tempo para consertar os erros que inevitavelmente comete. O cineasta francês Louis Malle o dirigiu em *Perdas e Danos* (1992). É a história de um político que se apaixona pela namorada do seu filho. Ela é representada pela atriz Juliette Binoche, o que logo de cara já prenuncia o resto da confusão. A trajetória desta catástrofe anunciada é vertiginosa e Irons, na pele de Stephen Fleming, tem a intensidade e o *physique du rôle* (1) perfeitos para o papel.

A última cena se passa em algum lugar no norte da África, no que aparenta ser uma cidade perdida em lugar nenhum. Ele esta só, no interior espartano de uma casa com apenas alguns móveis pintados de azul e as paredes caiadas de branco. Mas, curiosamente, o efeito do lugar com sua simplicidade de frade é quase luxuoso. A sensação que se tem é de que, se Fleming está em pleno purgatório mental, fruto das decisões erradas que tomou, passa seu inferno astral muito bem acomodado.

É interessante o efeito que lugares mágicos como estes provocam na mente das pessoas. Talvez porque a passagem por eles acabe sendo curta. Se por acaso se tornassem obrigatórias, acabariam virando uma prisão — como a casa de Stephen Fleming na cena final de *Perdas e Danos*

Porque a latitude em que geograficamente o filme de Malle termina situa-se no mesmo tipo de ambiente que as pessoas com um certo poder aquisitivo — e gostos apurados — escolhem para suas férias quando querem ir para lugares autênticos, originais, de uma beleza intocada, e ainda por ser descoberto pelas multidões que inevitavelmente aparecerão.

O tema do escape, da fuga para o paraíso, é recorrente na mente de qualquer um. Um amigo meu, o fotógrafo Pedro M., tinha o que ele chamava de um rancho em algum lugar na montanha a várias centenas de quilômetros de São Paulo. Os amigos dele ficavam extasiados com a possibilidade de passar alguns dias em um lugar como aquele. Era feito de madeira, com uma bela cozinha e uma imponente lareira no meio da sala. Um lugar onde não se tinha nada a fazer. Apenas recarregar as baterias mentais para enfrentar outros dias de trabalho que os fariam sonhar, novamente, com a possibilidade de voltar para aquele lugar.

É interessante o efeito que lugares mágicos como esses provocam na mente das pessoas. Talvez, até, porque a passagem por eles acabe sendo curta. Se por um acaso se tornassem obrigatórias, acabariam virando uma prisão — como a casa de Stephen Fleming em *Perdas e Danos*.

A magia só existe quando dura pouco, ou é inalcançável.

(1) Quando o ator tem o rosto ou o corpo perfeito para interpretar determinado personagem.

J.R.Duran é fotógrafo, autor, entre outros, de Cadernos Etíopes *(Cosac Naify). No Twitter: @jotaerreduran.*

Eleitos

Vista | Em qualquer solzinho que o inverno deixar sair, os óculos escuros Ralph Lauren fazem bonito.
Os de grau vão bem para ler debaixo das cobertas sem perder o estilo.
Por R$ 790, cada um, na Ótica Ventura.

IMAGENS DIVULGAÇÃO

No disco ele canta e compõe. E Chico Buarque escreve no encarte: "Hoje não subo ao palco sem ele. Ele é o pulso da banda. Pajé"

O discreto charme da bateria

Wilson das Neves, 74, lança disco aqui, é celebrado na Inglaterra, está na Orquestra Imperial, virou documentário. E acha que tudo é sorte

TEXTO **CRISTINA RAMALHO**

O samba não é o único dom do baterista Wilson das Neves, 74, como anuncia uma de suas canções mais famosas (*O Samba é Meu Dom,* parceria com Paulo Cesar Pinheiro e gravada, entre outros, por Fabiana Cozza). Tem a calma ("É a virtude mais sábia, mais limpa e bacana", diz a letra de *Assédio*, de Wilson e Nei Lopes, no seu novo disco, *Pra Gente Fazer Mais Um Samba*), o que fez com que ele esperasse, numa boa, anos até gravar seu primeiro disco solo cantando (já passava dos 60). E tem a discrição: Wilson tocou com mais de 600 artistas, um currículo que vai de Sarah Vaughan, Sean Lennon (o filho de John), Paul Simon a Wilson Simonal, Roberto Carlos e Chico Buarque, com quem está há 15 anos. Não abre a boca para dar um pio sobre seus colegas de ofício. Não conta uma historinha de diva, nada sobre Sarah, ou Elizeth, ou Elza Soares, ou Elis Regina, todas elas que ele acompanhou tantas vezes com sua bateria levíssima.

O homem é um lorde.

"Nunca tive problema com ninguém, nunca pergunto nada da vida de ninguém", ele me diz, doçura ao telefone, enquanto tento explicar que minha profissão, não tão nobre, é perguntar da vida dos outros. Wilson solta um "pois é" e segue agradecido ao que a vida lhe deu. Agora, por exemplo: está lançando o terceiro CD, só com músicas de sua autoria, cantando do seu jeito. Está tocando, feliz, com uma geração bem mais jovem, filhos de amigos músicos, na Orquestra Imperial. "Eles me convidaram para substituir o Seu Jorge, que foi filmar lá nos Estados Unidos. Eu gosto, canto ali minhas músicas, o astral é ótimo, e tem sido uma vitrine. Viajamos para Chicago, Londres, rodamos Espanha, Portugal. Eu aprendo muito com eles", fala o sambista, adorado pela moçada da orquestra.

O lado internacional não pára em turnês: lá na Inglaterra o DJ e produtor Joe Davis, dono da gravadora Far Out, acaba de lançar *Que Beleza*, único disco do seu grupo Ipanemas, que ele havia fundado em 1964. A versão inglesa, *The Return of the Ipanemas*, tem acréscimo de músicos jovens. Por aqui em breve vai ter documentário sobre sua vida, *O samba é meu dom*, de Cristiano Abud.

Tocou com mais de 600 artistas, de Sarah Vaughan, Sean Lennon e Paul Simon a Simonal, Roberto Carlos, Chico Buarque. Não abre a boca para dar um pio sobre os colegas de ofício. O homem é um lorde

"Nunca planejei cantar. Aconteceu que me convidaram para fazer um CD (*O Som Sagrado de Wilson das Neves,* de 1997), ia ser só instrumental, mas mostrei minhas músicas, pedi para tocá-las e falaram: canta você mesmo. Aí comecei", ele conta, naquele estilo deixa-a- vida-me-levar, traduzido no seu eterno bordão: "Ô sorte". Na verdade, o destino favorável só sorriu de volta ao trabalho duro (e impecável): ele toca desde os 18 anos. Samba, jovem guarda, tropicália, jazz e breve passagem clássica, na Orquestra Sinfônica Municipal do Rio. Tocou também em orquestras de TV, como da Globo e da Tupi.

E se houve momento de falta de sorte, como a perda de um filho de 20 anos, Wilson não se permitiu perder o ritmo. É um sujeito fiel às suas paixões: casado há 45 anos, tem netos e bisneto, mora na Ilha do Governador, sai todo ano na sua amada Império Serrano. "Sou um otimista", diz ele. Chico Buarque escreveu no encarte do novo CD que Wilson é o termômetro do camarim, conta piadas, é um pajé. "O pessoal fica tenso na estreia, né? Conto só umas piadas para relaxar", fala Wilson. Vai ver que é por isso que não me contou nada, então. Relaxei. Esse Wilson tem o dom.

FOTOS RAFAEL NEDDERMEYER

Soberana em cena, mesmo em uma cadeira de rodas

Tapa na cara

Lutando contra o Parkinson na vida real, a grande Maria Alice Vergueiro, fast-musa de *Tapa na Pantera*, volta ao teatro e à provocação com *As Três Velhas*

TEXTO **PHYDIA DE ATHAYDE**

O convite não dá margem à resistência. Desde os primeiros momentos dentro do pequeno galpão do Grupo Pândega, nos fundos de uma vila no Centro de São Paulo, o visitante depara-se com dois homens usando anáguas e camisolas brancas. É entrar ou entrar. Ou melhor, já se está dentro.

Em instantes começará o ensaio da peça *As Três Velhas*, de Alejandro Jodorowsky, que estreia dia 20 de agosto no Centro Cultural Banco do Brasil. Quase tudo pronto.

O homem à direita, em pé, olhos no nada e expressão de jogador de futebol durante o hino nacional, aproveita o silêncio para alongar o pescoço. Ergue o ombro, joga a cabeça para um lado, para o outro, feito um atleta. O batom vermelho é que, no caso, não cai tão bem. Tão logo cessa o alongamento, volta a ser o perfeito homem-mulher-bizarro de antes. Este é Pascoal da Conceição terminando de entrar de vez em Graça, a sua personagem octogenária e decadente.

Graça é irmã gêmea de Melissa, que por enquanto não existe porque Luciano Chirolli, apesar da camisola e anágua brancas, ainda não está montado na personagem — na verdade, ele é que seria cavalgado por ela dali alguns minutos. Chirolli faz aquele *brrrllllrrrr* com que atores aquecem a voz, atrás de um biombo. Passa, então, pelos quatro convidados sentados em cadeiras simples e diz "só falta um chegar, tá?".

Sentada numa cadeira de rodas, a mão esquerda um pouco trêmula, vestida de preto e com olhar desligado, está uma velha. É Maria Alice Vergueiro, irreconhecível, já totalmente dentro de Garga, a centenária criada de Graça e Melissa. Com um véu negro sobre a cabeça branca, eis a atriz dos 50 anos de teatro de vanguarda e, não, a vovó maconheira dos poucos minutos de *Tapa na Pantera*, o fenômeno do YouTube que a tornou fast-musa de nossos tempos.

Um mímica do mezanino para o tablado, e alguém se levanta da plateia de 10 lugares e apaga a luz ambiente. Acende-se uma luz verde e... tocam os três sinais, senha mestra do teatro. Começou.

Já nas primeiras falas, "cadela", "puta incestuosa" e "cu nojento". Até o fim da próxima hora, Garga e as marquesas atravessarão uma noite de horrores falados, sonhados e vividos. Percorrerão toda a vastidão do subterrâneo humano. Incesto, estupro, aborto e nudez até o tabu maior, canibalismo. É tudo "uma grande fábula, para adultos", explica e adverte Pascoal.

Neste ensaio, os atores estão a um palmo da diminuta plateia. Não carece HD para ver o suor brotar na testa. Dá para sentir o cheiro de catchup quando Melissa sangra. A performance de Chirolli é especialmente desgastante e, no fim, apesar de exausto, ele está de alma lavada. "A gente deixa tudo lá, por isso é tão bom", aponta para o pequeno palco.

'Vou pedir ao neurologista que me receite algo para a tremedeira interior. Quando vejo minha mão tremer, tremo por dentro'

AS TRÊS VELHAS
20/8 A 30/10, NO CCBB-SP
R. ÁLVARES PENTEADO, 112
(11) 3113-3651

Pascoal e Chirolli, as irmãs, passam o diabo na peça

Maria Alice continua na cadeira de rodas. O joelho vai mal. E ela tem Parkinson. "Vou pedir ao neurologista que me receite algo para a tremedeira interior. Quando vejo minha mão tremer, tremo por dentro", diz. Mas está feliz, e muito, por voltar à cena. "Eu tinha que voltar à linha de frente. A Marta Góes *(dramaturga)* me disse para passar as minhas limitações para a personagem. Aí, eu transcendo." Sem dúvida, ela está prestes a dar mais um tapa.

ELEITOS

O livro *Wesley Duke Lee* (Pinakotheke) traz textos dos artistas Antonio Dias, Nelson Leirner, Carlos Fajardo

Lá na frente dos outros

Exposição no Rio e livro revelam a obra de Wesley Duke Lee. Uma hor artista que está com 80 anos, só viveu do seu jeito e, claro, nem todo n

Ele tinha esse ar meio dândi, meio galã de cinema antigo. Tinha também a alma inquieta, romântica, transbordante de vida. Era de escrever cartas declarando seu amor para a namorada, Lydia, de vários pontos do mundo, sonhando com o casamento, que de fato aconteceu. Fez gravuras eróticas de Lydia, e quando as galerias de então se recusaram a expor aquela paixão toda, ele expôs num bar, com direito a striptease, e inventou em 1963 o happening nas artes. Seu amor se estendia aos amigos: gostava de fazer arte em turma e convenceu alguns (como Nelson Leirner, Carlos Fajardo) a comprar lotes num morro em Campos do Jordão, juntou os lotes, gastou um dinheirão para construir um castelo e criou, ali, o seu Castelo dos Morros Uivantes. Wesley Duke Lee era um homem à moda antiga, no que esse clichê tem de melhor. Sonhador. Meio doidinho. Usava um bigode à Errol Flynn. E como todo inteligente demais para ficar quieto, era uma criatura muito lá na frente das outras.

A partir de quarta, 21, uma exposição na galeria carioca Pinakotheke Cultural apresenta os vários pontapés iniciais que o paulistano Wesley Duke Lee deu na arte brasileira. Deu também uns chutes nos padrões da época, na arte política, na banalidade. Serão expostas 60 obras, produção das décadas de 60 a 90. Coisa rara de se ver nessas proporções, já que sua última exposição aconteceu há 18 anos. Wesley não vai aprontar mais: com quase 80 anos e sofrendo do mal de Alzheimer, ele anda desaparecido dos ateliês. Tanto que essa mostra no Rio, ideia e curadoria de Max Perlingeiro, tornou-se também uma ação entre amigos. "Todos que conviveram com ele quiseram ceder obras dele, fotos, documentos", diz Max no release de apresentação. Quem visitar a galeria, em Botafogo, verá obras nunca exibidas, instalações, cartas, dispostas em quatro ambientes e em ordem cronológica, uma espécie de ocupação cultural de um artista que nem todos os artistas souberam entender. Também será exibida, em vídeo, uma longa entrevista de Wesley à TV Cultura, em 1991, em que ele aparece do jeito que gostava: de braços abertos.

As gerações que não ouviram falar dele

Save dire que ce de lá...Nao, de 1964, quando ele estava no auge

'Detestava a burrice de quem não vê, procurou aproximar as pessoas. Sempre blasé com o mercado', define o artista Antonio Dias. 'Um mestre'

vão descobrir telas vivas, coloridas, cheias de humor. Adorava Duchamp, histórias em quadrinhos, criou instalações com luz e som quando quase ninguém falava nisso. Wesley, que ficou um tempo no Japão, estudou na Itália, foi brilhante aluno na Parson's (das melhores escolas de design do mundo, em Nova York), vivia em sintonia com a arte internacional. "Ele soube ler e mandar mensagens sobre o seu tempo, detestava a burrice de quem não vê, procurou aproximar pessoas. Sempre blasé com o mercado", define o artista Antonio Dias. "Um mestre".

Wesley fez estudos com LSD, assistido por um psiquiatra. Inventou um movimento chamado realismo mágico, com os amigos Otto Stupakoff (um dos maiores fotógrafos brasileiros) e Maria Cecilia Gismondi. Foi um dos criadores do Grupo Rex, com Geraldo de Barros, Nelson Leirner, Frederico Nasser, Carlos Fajardo e José Resende, das coisas mais importantes da arte contemporânea por aqui. "A crítica nos malhava e o público era totalmente alheio aos novos movimentos. Foi então que tivemos a ideia de reunir um grupo em nosso próprio espaço. Muitos se recusaram a participar do Grupo Rex por uma suposta queda nas vendas, e ainda, muitos outros foram chamados, mas não aceitaram o convite", conta Nelson Leirner.

O grupo lançou um jornal, *Rex Time*, cujo primeiro editorial era assinado pelo jornalista Thomaz Souto Corrêa. Aliás, Thomaz escreve no livro *Wesley Duke Lee*, também editado pela Pinakotheke, e que traz textos de Leirner, Carlos Vergara, Antonio Dias, Maria Cecilia Gismondi e

Mais à esquerda, *O Velocípede de Ouro* (1962); ao lado, a importante *A Zona Oiahi-ô* (1964); à direita, *O Filiarcado* (1999)

WESLEY DUKE LEE
21/7 A 2/10
PINAKOTHEKE CULTURAL
RUA SÃO CLEMENTE 300,
BOTAFOGO
(21) 2537-7566

s

menagem a esse nundo entendeu

cronologia por Cacilda Teixeira da Costa, autora da biografia de Wesley. Ela descreve como ele, com seu temperamento poético e pouco diplomático, foi deixado de escanteio algumas vezes, apesar do punhado de exposições e prêmios.

Wesley trabalhou muito em publicidade e detestava política, o que lhe valeu o desprezo dos engajados. Até foi preso uma vez, mas só porque Sergio Mendes lhe mandou de Nova York um bilhete contando do nascimento do filho e os "hômi" viram nisso uma mensagem cifrada. Outros homens também não o compreenderam. Uma espécie de metáfora da sua vida é sua instalação *The Helicóptero*, que ele fez em 1969, quando estava no auge e foi convidado para a inauguração do Museu de Arte Moderna de Tóquio. A obra tinha desenho, escultura, colagem, apetrechos mecânicos e eletrônicos, uma alegoria com alma de Tropicália, segundo o crítico Paulo Herkenhoff. "É o vôo virado para dentro. É você quem voa, não o helicóptero", dizia Wesley. Dali mandou a obra para uma exposição nos Estados Unidos, que não aconteceu. A obra foi devolvida ao Brasil, mas a alfândega a reteve. Ficaria presa e semi destruída até 1980. Em 92, Guto Lacaz a restaurou parcialmente para a *Retrospectiva Wesley Duke Lee*, no MASP.

Fato é que Wesley era vanguarda demais para voar do mesmo jeito que os outros. Exemplos estão neste próprio caderno: ele ilustrou o livro *Paranoia*, de Roberto Piva, em 1963 *(veja na pág.19)*, e filmou, em 1984, performances inusitadas da atriz Maria Alice Vergueiro *(pág 15)*. **CRISTINA RAMALHO**

De moto e jeitão dândi numa temporada em Tóquio, 1965: a foto é do arquivo da sua primeira mulher, Lydia Chamis

ELEITOS

Quando a banalidade surpreende

Em *Deixe o Grande Mundo Girar*, Colum McCann — um dos autores em visita à Flip — resgata o extraordinário das vidas mais ordinárias

TEXTO **RONALDO BRESSANE**

FOTOS DIVULGAÇÃO

O irlandês Colum McCann sabe preservar o olhar desassombrado sobre as coisas

Nunca perder a capacidade de se surpreender parece ser uma das maiores qualidades do irlandês Colum McCann, que tomou um baita susto quando, lendo a maior obra-prima escrita por um contemporâneo — *Ulisses*, de James Joyce — , encontrou seu próprio avô, a quem ele havia visto somente uma vez. Nunca perder a capacidade de se surpreender é uma das lições de *Deixe o Grande Mundo Girar* (Record, trad. Maria José Rios Peixoto), romance que lhe deu o National Book Award do ano passado. O livro já inicia (leia a abertura abaixo) descrevendo uma das mais impressionantes surpresas que qualquer cidadão poderia ter: o passeio de 45 minutos que o francês Philippe Petit empreendeu, num dia nublado, entre as torres gêmeas do WTC, em 1973 — sobre um cabo de aço, sem rede de proteção. Aquele que é considerado o "crime poético do século" — e um feito que seguramente jamais poderá ser repetido — é uma metáfora poderosa para as narrativas que se entrelaçam em seu romance, todas ambientadas em Nova York. A vontade de fazer, o olhar desassombrado sobre as coisas, a exaltação eloquente dos mínimos gestos, a urgência de viver aqui agora — todas ideias conjugadas a cada página, em uma linguagem direta, calorosa e cheia de compaixão, o que aproxima McCann, 45 anos, da grande escrita norte-americana de um William Styron, mas também o liga a antepassados de sua própria terra, como Dylan Thomas.

Uma linguagem direta, calorosa e cheia de compaixão aproxima McCann da grande escrita norte-americana de um William Styron, mas também o liga a antepassados como Dylan Thomas

A primeira história é contada desde o ponto de vista do irmão mais novo de um franciscano bêbado irlandês, que parte de Dublin a Nova York para salvar os desamparados do mundo. O irmão, ao procurá-lo nos EUA, descobre que ele vive num pardieiro do Bronx que é usado como banheiro pelas prostitutas heroinômanas do pedaço. Ao perceber que o irmão está cada vez mais esquisito, pensa que ele também é um viciado — mas descobre que sua paixão é ainda mais surpreendente. A seguir vem a narrativa de uma judia milionária e seus encontros com mulheres de situação social bem inferior — todas irmanadas na dor pela perda de filhos durante a guerra do Vietnã. Outra história conta os altos e baixos — com destaque para os baixos — da prostituta Tillie (uma das protegidas do

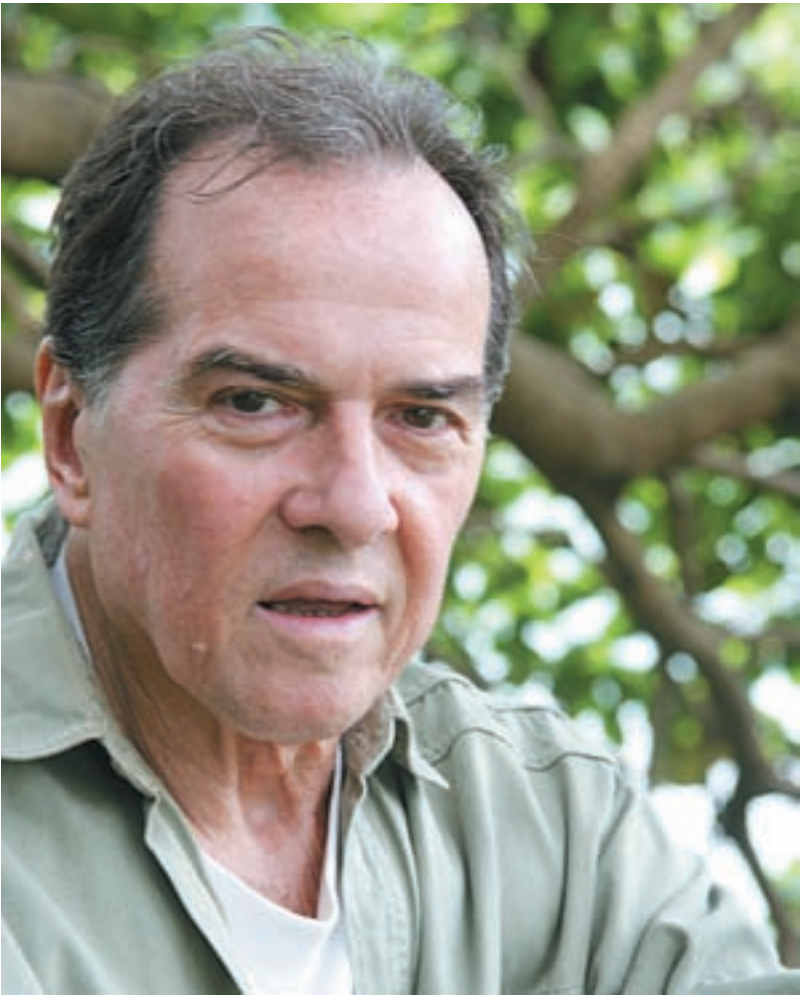
padre irlandês da primeira narrativa), que, aos 38, já é avó: sua filha adolescente, Jazz, vai pelo mesmo caminho que ela. A vida, sem moralismo, mas enérgica e precisa, é o tema de cada linha de McCann, um dos convidados desta Flip. Como o cabo suspenso no ar de Petit, cujo enredo costura o livro todo, a narrativa deve ter uma tensão precisa para não esmorecer nem estourar. O protagonista de recente documentário *Man on Wire*, de James Marsh, assim se prepara para a grande aventura: "O âmago da razão de tudo isso era a beleza. Caminhar era uma delícia divina. Tudo foi reescrito quando ele estava lá em cima no ar. Novas coisas seriam possíveis com a forma humana. Era para além do equilíbrio. Por um momento, ele se sentiu incriado. Outro tipo de despertar." Uma definição exata para esta surpreendente obra-prima.

TRECHO

"Aqueles que o viram silenciaram. Na Church Street. Liberty. Cortland. West Street. Fulton. Vesey. Era um silêncio que escutava a si mesmo, solene e bonito. Alguns pensaram a princípio que devia ser um truque de luz, algo a ver com o clima, algum jogo de sombras. Outros imaginaram que talvez fosse a perfeita pegadinha urbana — fique parado e aponte para cima, até as pessoas se juntarem, inclinarem a cabeça, assentirem, afirmarem, até todos estarem olhando para cima para absolutamente nada, como se esperando pelo final de uma esquete de Lenny Bruce. Porém, quanto mais olhavam, mais certeza tinham. Ele estava de pé exatamente na beirada do edifício, sua forma escura contra a manhã cinzenta. Talvez um lavador de janelas. Ou um operário da construção. Ou alguém que iria se jogar. Lá em cima, a 110 andares de altura, absolutamente parado, um boneco escuro contra o céu nublado."

Morreu, não. Escapou

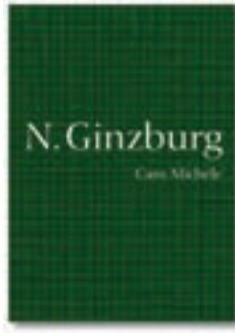
A morte de Roberto Piva marca o fim da revolução psicodélica dos anos 60. Ou seu recomeço

'A geração atual é protegida, cheia de psicólogos, pedagogos, não quebra a cara nunca. Está cada dia mais sem iniciativa. A única doença que pega é a burrice', disparava o escritor contra seus contemporâneos

Roberto Piva deixa poesias alucinatórias, de teor visionário e tom exclamativo

As mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos de fósforo/ invocando as coxas do primeiro amor brilhando como uma/ flor de saliva/ o frio dos lábios verdes deixou uma marca azul-clara debaixo do pálido/ maxilar ainda desesperadamente fechado sobre o seu mágico vazio/ marchas nômades através da vida noturna fazendo desaparecer o perfume/ das velas e dos violinos que brota dos túmulos sob as nuvens de/ chuva." Com essa abertura, "Verão 1961" iniciava *Paranoia*, primeiro livro de Roberto Piva, publicado em 1963 pelo lendário editor Massao Ohno (que, curiosamente, veio a falecer em 11 de junho, duas semanas antes da própria morte de seu mais famoso editado, no último 3 de julho, aos 70 anos). O passamento do poeta paulistano encerra uma era na poesia brasileira, ligada ao dionisíaco, ao êxtase psicodélico, ao "caminho do excesso que leva ao palácio da sabedoria", no dizer de Rimbaud. "Isso tudo é o meu plano de fuga da civilização de vocês", dizia Piva sobre os versos acima, em entrevista feita por Emilio Fraia e Cassiano Elek Machado à revista *Trip* em 2007. "A geração atual é protegida, cheia de psicólogos, pedagogos, não quebra a cara nunca. Está cada dia mais sem iniciativa. A única doença que pega é a burrice!", disparava Piva contra seus contemporânos. E mesmo com um Parkinson avançado e já enfrentando um câncer de próstata, continuava com o bloquinho a postos — pronto para pegar fogo.

Sua poesia alucinatória, de teor visionário e tom exclamativo, plena de imagens antirrealistas, ligada nos beatniks norte-americanos, no romantismo inglês e na corrente maldita francesa, descortinou um novo mundo para escritores brasileiros que fugiam à banalização do realismo viciado na "busca pelo nacional". "Quando me deparei com sua *Antologia Poética* numa tarde de sábado de 1986 na Livraria Capitu da Tijuca, Piva figurou para mim no mesmo patamar que Angeli, Laerte e Glauco", conta o poeta e romancista Joca Reiners Terron. "Se hoje em dia ainda é difícil para um adolescente visualizar poetas sem terno e gravata, imagine naquela época, em que o 'escritor' Sarney era o presidente da República. Tudo mudou em minha cabeça ao ler o Piva, e foi a partir daí que descobri que era possível escrever poesia em português". Com Piva, muito escritor aprendeu — e ainda aprende — ser possível enlouquecer em português. Assim, mesmo morto, todo livro do autor deveria vir com a tarjeta "Cuidado, inflamável". Viva Piva! **R.B.**

Novos em folha

MAQUINADO
Um sujeito perde um dedo na máquina em que trabalha todo dia. Não é a história do presidente Lula, e sim de um pequeno funcionário em ***A Máquina de Joseph Walser***, de **Gonçalo M. Tavares** (Cia das Letras). Mesmo o insólito acontecimento, somado à estranha infidelidade da mulher e da guerra que detona atentados em sua cidade, não tira da rotina o reto Walser, um sujeito cujo amor à civilização mecânica o faz organizar uma coleção de peças. Com seu romance filosófico, moldado entre Kafka e Valéry, em que um humor "travado" surge como acidente, Tavares faz uma parábola do burocrata de todos os tempos.

OBLÍQUA REALIDADE
Quem é Michele? Pode ser um jovem da geração pós-68 que vive num porão em Roma, um burguês que tenta escapar das responsabilidades passeando entre Londres, Leeds, Bruges. Mas pode ser o que dele falam o amigo Osvaldo, o pai à beira da morte, a mãe enfadada, a irmã em TPM, a amiga com quem teria tido um filho — todos protagonistas dos 42 microcapítulos deste charmoso romance da italiana **Natalia Ginzuburg**, ***Caro Michele*** (Cosac Naify, trad. Homero Freitas de Andrade). Como em *Rashômon*, de Akutagawa, o livro é contado através das vozes alheias, em cartas e pequenos diálogos, sugerindo relances de uma realidade que somente nossa sensibilidade pode indicar.

AMPULHETA DE IDÉIAS
Não é o melhor dele — mas, como **Italo Calvino** é um escritor mais interessante do que 90% do que se lê em qualquer época, esteja preparado para iluminações onde menos se espera. De dentro da irregularidade de ***Coleção de Areia*** (Cia. das Letras, trad. Maurício Santana Dias), que, como o título sugere, é um livro amorfo, sem um objetivo claro como o clássico ***Seis Propostas para o Próximo Milênio***, escapam reflexões sobre o começo da escrita, relatos de viagem ao Irã, Japão e México, comentários sobre os relojoeiros e autômatos dos séculos 18 e 19, o perfil de um artista plástico especialista em fazer selos de países imaginários, uma digressão sobre os jardins japoneses, uma análise da iconografia da América na época dos descobrimentos... tudo visto sob a ótica de um escritor que nunca perdia uma chance de se maravilhar.

ELEITOS

Cinema em casa

MARADONA POR KUSTURICA
Bom demais! Drogas, política, futebol, música e até a presença de deus, é assim que o premiado diretor sérvio Emir Kusturica monta o retrato do maior jogador de todos os tempos. Detalhe: o documentário é exatamente o encontro de Kusturica (fã confesso) com o ídolo Maradona. Está lá toda a complexidade e as incongruências de Dom Diego, seus problemas, gols, motivações e opiniões, sempre políticas, e sua presença de vida, tudo embalado por muita música e a radicalidade punk dos Sex Pistols, indispensável para essa dupla.
LUIZ HENRIQUE LIGABUE

ABRAÇOS PARTIDOS
Pedro Almodóvar fez seu *best of* em *Abraços Partidos*, o que decepcionou parte da crítica. Até o clássico *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* (1988) é relembrado entre os signos que integram a marca do diretor espanhol. Almodóvar, sim, fala de sua persona como cineasta de maneira escancarada. Por outro lado, este não deixa de ser um ótimo filme. O roteiro flui entre a melancolia e o bom humor para desvendar, pouco a pouco, a história trágica de Harry Caine/Mateo Blanco (Lluís Homar). É um Almodóvar fácil de apreciar. O que não é nada mal, aliás. D.P.

CADÊ OS MORGAN?
Este é o tipo de filme que não tem erro se você quer uma comédia boba e simpática. Meryl (Sarah Jessica Parker) e Paul Morgan (Hugh Grant) formam um casal prestes a se separar. Como discutir a relação é um porre, eles acabam forçados à tal por conta do testemunho de um assassinato. Espertalhão, o diretor Marc Lawrence (*Miss Simpatica*) aproveita o molde de personagens que marcaram a carreira dos atores principais. Faz um roteiro para que Hugh Grant esbanje sua veia de britânico engraçadinho, e Sarah Jessica Parker incorpore (mais uma vez) a americana complicada. Sensação de vale a pena ver de novo. D.P.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Passeio de Domingo, **do português José Miguel Ribeiro, disputa a categoria curta-metragem**

Cresceu e apareceu

Anima Mundi faz 18 anos e leva 452 filmes a RJ e SP. Com produção em alta, Brasil tem 108 títulos no festival

TEXTO **DANIELA PAIVA**

Energia é indispensável aos frequentadores do 18º Anima Mundi, o festival internacional de animação que começa hoje no Rio de Janeiro, onde fica até 25 de julho, e segue depois para São Paulo (de 28 de julho a 1º de agosto). São 452 filmes na programação, exibida em diversos espaços das duas capitais. A boa notícia é que a maratona pode até cansar, mas pelo menos você não terá de sofrer com tanta legenda. O Brasil é recordista entre os selecionados — 108 títulos nacionais entraram nesta edição.

"É a prova de que o país amadurece no gênero", aponta César Coelho, um dos organizadores do Anima Mundi. Ele revela um histórico que serve como comparativo. A primeira animação com selo nacional de que se tem notícia é de 1910. Até 1992, foram apenas 171 produções brasileiras. Já entre 1993, primeiro ano do Anima Mundi, e 2010, o festival recebeu mais de 2,5 mil inscrições de projetos made in Brasil.Outro detalhe é que, nos últimos cinco anos, o país destacou-se no topo da lista dos escolhidos.

Entre as atividades extras que marcam o Anima Mundi, estão oficinas e workshops que abordam técnicas e costumam ser disputadas por adultos e crianças. Este ano, um dos convidados que devem atrair profissionais e aprendizes é Stephen Hillenburg, pai do personagem Bob Esponja. "Ele tem um trabalho experimental muito interessante. As pessoas vão se surpreender", avalia César Coelho. Nos debates, estarão em pauta a criação de escolas e a relação entre os canais de TV e as produções nacionais.

César sugere três partes imperdíveis da programação: a mostra Portifólio, só de filmes encomendados; a infantil, que, nas palavras dele, está "primorosa", e a competitiva de curtas. "Talvez seja a disputa mais acirrada que já tivemos, porque o nível dos filmes está alto." Prepare a pipoca.

Primeira animação nacional é de 1910. Até 1992, foram 171 produções brasileiras. Já entre 1993, primeiro ano do Anima Mundi, e 2010, o festival recebeu mais de 2,5 mil inscrições de projetos made in Brasil

18º ANIMA MUNDI
RIO DE JANEIRO
DE 16 A 25 DE JULHO
SÃO PAULO
DE 28 DE JULHO A 1º DE AGOSTO
INFORMAÇÕES
WWW.ANIMAMUNDI.COM.BR

THE CAT CAME BACK
Indicado ao Oscar, este desenho do canadense Cordell Barker é do final dos anos 80. Baseia-se numa canção infantil tipo *Atirei o Pau no Gato*

SPAM EGG CLASS
Uma lata de carne animada movimenta uma classe de ovos entediados. A animação norte-americana está na mostra Portifólio

Céu de brigadeiro

O doce mais típico da infância é moda gourmet: está em lojas temáticas e versões com pistache e chocolate francês

TEXTO **NATÁLIA MAZZONI**

Estampa exclusiva da grife carioca Farm nas caixinhas da Brigaderia

FOTOS DIVULGAÇÃO

Marmitas charmosas na Maria Brigadeiro, que faz o doce na hora

Peço licença ao repórter Luiz Henrique Ligabue porque a gastronomia desta semana é papo de mulher. Brigadeiro: o único remédio 100% eficaz contra a TPM. Capaz de fazer mulheres no auge da fúria sorrir por alguns segundos. É o que dura cada bolinha de chocolate maravilhosa em nossas bocas. Ou então é aquela panelada que não dá tempo nem de enrolar e já vai da colher para a boca.

Tipicamente brasileiro, o docinho saiu da receita leite condensado mais chocolate e manteiga faz tempo. Virou grife. Perdeu a cara convencional e agora é feito com os melhores chocolates do mundo. Ganhou até lojas especializadas que apostam em embalagens cheais de charme para agradar qualquer mulher.

A Brigadeiro Doceria & Café é pioneira em São Paulo, surgiu em 2005. O lugar cresceu mas continua com o mesmo encanto. Uma casinha que parece de bonecas, com móveis antigos e tartarugas passeando pelo jardim. Também serve almoço com pratos leves como sopas, lanchinhos e risotos. Foi a primeira que inovou nas receitas, misturando pistaches e morangos. Bia, dona do lugar, já fazia brigadeiros há 20 anos.

Já a loja Maria Brigadeiro aposta na versão moderna. Se antes o docinho tinha a cara de festa de criança, aqui virou papo de gente fina. São 40 sabores de brigadeiros, divididos em clássicos, vintages, castanhas, etílicos, exóticos e brasileiros. Na receita, blends de sete tipos de chocolate, incluindo o da marca francesa Valrhona.

O pâtissier Fabrice Lenud dá a receita com fava de baunilha e gema. A chef Heloisa Bacellar vai no clássico: leite condensado, chocolate em pó e manteiga. Botar no microondas. Um jeito rápido para os dias de TPM

Juliana Motter, a proprietária, fez sua primeira panela de doce aos 6 anos. Insatisfeita com a qualidade dos brigadeiros que comia nas festinhas decidiu criar o seu. Anos depois, se formou em jornalismo mas largou o posto de editora em uma revista para virar a Maria Brigadeiro, apelido que ganhou na infância.

O ateliê, como ela gosta de chamar, atende com hora marcada. Lá os clientes podem experimentar os sabores e acompanhar o processo de produção. Tudo feito na hora. "O brigadeiro gourmet precisa ser feito e consumido no mesmo dia. Depois disso já começa a perder qualidade". Se você chegar sem marcar hora, e tiver paciência, pode esperar pelo doce. Enquanto isso, pode também escolher sua embalagem para embrulhar uma marmita graciosa, recheada dos doces. Se preferir, leva uma panelinha com a versão para comer de colher.

Quem apostou também no charme das embalagens é Taciana Kalili, dona da Brigaderia. A parceria com a grife FARM rende estampas exclusivas para embalar os docinhos. É só entrar na linda loja dessa mineira que trabalhava com estamparias para se sentir dentro de uma verdadeira caixa de doces. As paredes são forradas com as estampas e os brigadeiros, fresquinhos, feitos só com chocolates importados e na madrugada do mesmo dia.

O pâtissier Fabrice Lenud, da Douce France, diz que brigadeiro já virou mesmo um doce gourmet e passa a receita para fazer bonito. "Leite, chocolate francês, glicose de milho, fava de baunilha, açúcar e gema". Outra chef famosa, Heloísa Bacellar, em seu recém lançado livro *Chocolate todo dia: 119 receitas para todo mundo se derreter*, vai no clássico: leite condensado, chocolate em pó e manteiga. Dá até para colocar tudo no microondas. Um jeito bem mais rápido para os dias de TPM.

BRIGADEIRO DOCERIA & CAFÉ
RUA PADRE CARVALHO, 91, SP. TEL.: (11) 3813-6656
MARIA BRIGADEIRO
RUA CAPOTE VALENTE, 68, SP. TEL.: (11) 3085-3687
BRIGADERIA
SHOPPING MARKET PLACE, SP. TEL.: (11) 5181-3901

ECONOMIA DE PALAVRAS

Paulo Lima Soraggi

Lulândia é falta de educação

O futuro verde e amarelo está cristalizado numa bola agridoce. Aparece com mel e fel. Os nostradamus comemoram um PIB superior a 7% para este ano. Já os rasputins proclamam que essa toada não é sustentável, podendo gravitar pouco acima dos 4% a partir de 2011. Para que as taxas de crescimento sejam mantidas, as mães dinás intuem as pajelanças de almanaque. E apontam a solução de todos os nossos problemas: a educação.

A ficha mais espinhenta cai: educação pública básica, no Brasil, é pneu careca — ninguém liga muito, mas todo mundo sabe que pode nos deixar na mão. A verdade é que o ensino fundamental nunca ganhou o respeito necessário dos governos que montam na história brasileira. Nossos presidentes sempre o trataram como móvel antigo: é só passar um paninho para dar um trato. Só que agora o crescimento da economia depende da educação, uma cristaleira com pés recheados de cupins.

Analistas consideram positivos os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) relativos a 2009. Para eles, houve avanço volumoso nas taxas de aprovação e nas notas médias de Português e Matemática dos estudantes nas primeiras séries do ensino fundamental. Mas o desleixo que se acumulou no passado deixa os índices de nossos alunos ainda muito distantes dos verificados em países desenvolvidos.

Até que dá pra dar um sorrisinho de ponta de lábio. As primeiras séries do ensino fundamental atingiram as metas de qualidade estipuladas pelo MEC para o ano passado, apesar de tal desempenho ser pior do que o verificado em 1995.

Quando o assunto é o ensino médio, o astral desce de *bungee jump*. Numa escala de 0 a 10, o Ideb da rapaziada aumentou 0,1 ponto em relação a 2007. Justificativa do MEC: é a geração que ingressou na sala de aula no final da década de 90, quando aumentou o número de crianças na escola. Tal fato teria produzido uma quantidade maior de alunos sem conhecimentos básicos, daí a origem do atual desempenho horroroso.

O tempo fecha ao pensarmos que é do ensino médio que saem aqueles que vão continuar sua formação para atingir o mercado de trabalho. Colégios classe A continuarão a fornecer playboys e patricinhas que tendem a ser bons profissionais.

Só que essa estufa não dará conta do número de vagas que surgirão para sustentar o desenvolvimento. Resta-nos confiar no ensino médio público e nos candidatos que prometem milhares de escolas técnicas. Mas aí voltamos ao Ideb da rapaziada e percebemos que o país não formaria mão de obra qualificada para o "espetáculo do crescimento". O Brasil já padece pela falta de profissionais na exploração do petróleo e do gás natural, nos setores automobilístico, ferroviário, moveleiro e da construção civil. Já vivemos a crise da falta de engenheiros.

Assim, o futuro mostra dois desenhos levemente antagônicos: o da economia caindo no abismo; o do crescimento levando um tombinho. Políticas educacionais decentes precisam ser desenvolvidas agora para que fiquemos só no trupicão.

Recente seminário do Movimento Todos pela Educação divulgou o aumento da massa de alunos no ensino médio, resultado do crescimento de matrículas de estudantes que concluíram o ensino fundamental na idade certa. O preocupante é que a quantidade de jovens fora da escola continua a mesma. Desses sem-caderno, 40% afirmam que abandonaram a sala de aula por falta de interesse. Durante o seminário, o Ministério da Educação revelou outra situação monstruosa: metade dos estudantes que ingressam no ensino médio não se forma.

Temos aí os candidatos a Presidente da República Federativa da Falta de Educação. Serra e Dilma registraram programas de governo requentados. Apresentaram material reaproveitado de outras ocasiões. Alegaram que o registro dos papéis é frescura formal e que logo mostrariam suas propostas atualizadas.

Como Marina Silva é uma das bonitinhas candidaturas simbólicas, a pasta da Educação ficará na mão de tucanos ou de petistas. Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Paulo Lima Soraggi é escritor, músico e graduado em letras.

A verdade é que o ensino fundamental nunca ganhou o respeito necessário dos governos que montam na história brasileira. Nossos presidentes sempre o trataram como móvel antigo: é só passar um paninho para dar um trato. Só que agora o crescimento da economia depende da educação, uma cristaleira com pés recheados de cupins

Luís Colombini

A Síndrome de Pacalô

Em 1950, depois que o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo para o Uruguai no Maracanã, Nelson Rodrigues cunhou a expressão "complexo de vira-lata" para designar o ânimo e o espírito nacionais. "Por complexo de vira-lata, eu entendo a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, frente ao resto do mundo", escreveu o dramaturgo. Assim, brasileiros seriam eternos perdedores — condenados e conformados com sua condição inferior. Esse sentimento só começaria a ser superado a partir de 1958, depois da conquista do primeiro campeonato mundial de futebol.

Sessenta anos depois da derrota para o Uruguai, o Brasil foi eliminado da Copa de 2010 pela Holanda. Em três horas e meia — compreendidas entre a hora anterior, os noventa minutos de jogo e a hora posterior ao apito final da partida contra os holandeses —, o país mostrou que a expressão criada por Nelson Rodrigues perdeu a validade. Os brasileiros não têm mais nada de vira-latas. O antigo complexo de inferioridade foi substituído por uma novíssima e complexa síndrome, também derivada do reino animal, que pode ser chamada de "Síndrome de Pacalô", resultante da união de pavão, camaleão e lobisomem. Explica-se.

Na hora anterior ao jogo, repórteres de todas as emissoras de TV ouviam a opinião do "povo" sobre o resultado do jogo. Nelson Rodrigues também dizia que toda unanimidade é burra. Nesse caso, talvez fosse mais esperança do que burrice, mas o fato é que todos os entrevistados disseram a mesma coisa, usando sempre o mesmo pronome:

— Nós vamos vencer.

— Nós vamos ganhar de goleada.

— Ninguém segura "nóis". Hexa! "Nóis" é hexa!

— Nós vamos fazer limonada da laranja mecânica. (sic)

"Nós". Torcedores e a seleção eram uma coisa só, uma unidade coesa, indistinguível e inseparável, os 190 milhões em ação — os mesmos que ganharam de 3 a 0 a partida anterior e que, numa enquete de jornal, conferiram um índice de quase 70% de aprovação a Dunga, o técnico que, com sua campanha vitoriosa, nos enchia de orgulho. Eis o lado pavão da síndrome.

Mas aí a Holanda empatou, os brasileiros deixaram de se pavonear e o lado camaleão, aquele que sabe que pode ser qualquer coisa, começou a ganhar força. O silêncio era tamanho que dava para ouvir os pensamentos da vizinhança: vamos amarelar como em 1998? Pretejar como em 1994? Azular como em 1950? Como reagir a esse empate? Faremos outro? Eles vão virar? Na dúvida, os brasileiros ficaram imóveis em suas poltronas, brancos de medo, e assistiram, roxos de ódio, aos holandeses marcarem o segundo gol e o juiz encerrar o jogo.

Mas, minutos antes, os brasileiros já sabiam que a seleção era incapaz de reagir e estava fora da Copa. Nesse momento, como que por encanto, o "nós" deixou de existir. Não havia mais nenhum "nós" em lugar nenhum — apenas "eles", e "eles" tinham nome: Julio César, que falhou em um gol. Kaká e Luís Fabiano, que jogaram nada. Dunga, esse "imbecil" que não convocou Ronaldinho Gaúcho, Neymar e Ganso.

Mas culpar mordomo é pouco para tanta frustração. E é aqui que aflora o lado lobisomem da síndrome, aquele que quer sangue, rasgar a jugular e trucidar o inimigo. Uma frase de um comentarista da ESPN Brasil é emblemática:

— Detesto essa coisa de ficar procurando culpado. Acho lamentável. Mas, nesse jogo, se existe um culpado é o Felipe Melo, que perdeu a cabeça mais uma vez, pisou num jogador e foi expulso num momento crucial. Ele ferrou a gente.

O dia da derrota ainda nem havia terminado e Dunga assumia a responsabilidade e pedia demissão. Mas, ao voltar para casa, em Porto Alegre, foi recebido com manifestações de apoio. Embalado pela recepção calorosa, chegou a dizer que, se a galera pedia, podiam dizer ao povo que ficava. Os dirigentes da CBF, no entanto, indiferentes aos clamores gaúchos, demitiram Dunga e a comissão técnica por telefone.

Não há mais vira-latas entre torcedores brasileiros. Talvez o Pacalô tenha vindo para ficar. Pavões, já estamos pensando em faturar 2014. Camaleões, amaremos e odiaremos o próximo técnico. Lobisomens, vamos chamá-lo de imbecil e demiti-lo se não formos campeões mundiais.

Luís Colombini é jornalista e editor.

Não há mais vira-latas entre torcedores brasileiros. Talvez o Pacalô tenha vindo para ficar. Pavões, já estamos pensando em faturar 2014. Camaleões, amaremos e odiaremos o próximo técnico. Lobisomens, vamos chamá-lo de imbecil e demiti-lo se não formos campeões mundiais

PRELIMINARES

FOTO ERNESTO RODRIGUES/AE

Retorno vazio e vazado

Que feio. Não bastasse a torcida, ausente como de costume, o time do São Paulo também não deu as caras em sua volta ao Brasileirão. Perdeu de 2 x 1 para o Avaí, do novo técnico Antônio Lopes, mas com o time montado por Silas. Este, na mesma noite, era vaiado pelo empate do Grêmio com o Vitória, no Olímpico.

Alegria que dura pouco

Para aplacar a nostalgia palmeirense, Felipão apresentou-se na quinta-feira tomando suco Parmalat. Mas a alegria é fugaz. Depois de perder Diego Souza, a torcida já tem outra decepção novinha em folha: Cleiton Xavier foi para o Metalist (não é uma banda de heavy metal), da Ucrânia. Sai sem ter ganhado nenhum título.

Robinho de papinho

"Não tem perna"??? Com este argumento, Robinho pediu para ficar fora do clássico contra o Palmeiras. Curioso que estivesse fora de forma, já que, segundo o próprio, encontrava-se na plenitude durante a Copa... Fez quatro jogos, folgou uma semana e ficou sem perna??? O santista mais astuto vê aí seu fim de linha na Vila.

Olho na janela

Até a abertura da janela de transferência, serão disputados mais 12 pontos no Brasileirão, com jogos às quartas, quintas e domingos. É a hora do time que tem craque acumular gordura porque pode perder peças. E do jogador que deseja carreira internacional mostrar serviço.

Ao Milan o que é do Milan

"Flamengo? Nunca deu sinal de vida. Não levo em consideração hipóteses absurdas. Ronaldinho jogará a próxima temporada no Milan", esclarece o vice do clube italiano. Mais um balde de água fria no Flamengo. Que, apesar de tanta confusão, venceu o Botafogo.

E o abacaxi vai para...

O técnico da seleção deveria ser escolhido em eleição direta. Como isso é apenas sonho, **Outlook** adotou os critérios dos headhunters. Deu Felipão

TEXTO **GABRIEL PENNA**

No mundo corporativo, o cargo de treinador da seleção brasileira seria equivalente ao de um diretor de unidade de negócios de uma grande empresa nacional. Ambos recebem altos salários, têm uma equipe multidisciplinar sob seu comando, autonomia para gerir e tomar decisões e obrigação de se reportar ao presidente e apresentar resultados. Trata-se de alguém preparado e confiável, cuja escolha deve ser cuidadosa e até contar com a ajuda de um profissional especializado. "Num processo desse nível, o currículo é só a porta de entrada. São feitas até dez entrevistas, com headhunter, presidente, conselho, sempre baseadas nas competências técnicas e gerenciais exigidas pela função", explica o consultor de Recursos Humanos Felipe Westin, ex-diretor de grandes companhias. Dunga, como vimos, não passou por nada disso e deu no que deu. Mas em 2014 não cabe erro. Para dar uma mãozinha aos caciques da CBF, já avaliamos cinco candidatos. O resto é com eles.

PROCESSO DE SELEÇÃO

Escolhemos os cinco mais fortes candidatos a treinador da seleção brasileira e avaliamos as suas competências para o cargo. Veja as notas:

Péssimo - 0 | **Ruim** - 1 | **Regular** - 2 | **Bom** - 3 | **Muito Bom** - 4 | **Excelente** - 5

	FELIPÃO	LEONARDO	LUXA	MANO	MURICY
EXPERIÊNCIA A CBF já experimentou a falta dela e não parece disposta a arriscar novamente. A pressão sobre o cargo vai aumentar, o que exige um profissional calejado e, principalmente, vencedor, pois não se cogita menos do que o título em 2014	**5** Em 28 anos de carreira, treinou duas importantes seleções, grandes clubes no Brasil e lá fora, e acumulou títulos	**1** Fez um ano de "estágio" de treinador no poderoso Milan, sem muito sucesso	**5** Após 27 anos de estrada, é recordista de campeonatos brasileiros: ganhou cinco, com quatro clubes diferentes. Treinou ainda a seleção e o Real Madrid	**3** Com 13 anos de carreira, comandou dois gigantes do futebol brasileiro, levantou uma Copa do Brasil, mas ainda lhe faltam títulos de ponta	**4** Em 17 anos, venceu cinco estaduais e foi tricampeão brasileiro com o São Paulo
CONHECIMENTO TÉCNICO Renovação é a palavra de ordem do presidente. O técnico terá de conhecer a nova safra de jogadores brasileiros, saber identificar talentos e, com treinamentos esporádicos, forjar uma equipe a partir de um grupo sem entrosamento	**3** Não é o seu forte, mas tem rodagem e um instinto que o ajuda a encaixar as peças	**2** Ainda não foi testado o suficiente para ser considerado um destaque	**5** Reconhecido como um dos mais competentes, não estão aqui os defeitos que jogam contra ele	**4** Sabe montar times competitivos, mas falta jogo de cintura para mexer na estrutura	**5** Notório conhecedor do ofício, também não deixa a desejar no quesito técnico
FOCO EM RESULTADO O objetivo é formar um novo time para ganhar a Copa de 2014. Para isso, serão necessários visão estratégica, planejamento consistente e personalidade para suportar os revezes no caminho e manter-se na rota	**2** Já há algum tempo não entrega o que promete. Vide o inglês Chelsea e o Bunyodkor, do Uzbequistão	**0** No Milan, nada conquistou. Seria como um novo Dunga	**3** É o maior campeão brasileiro, mas como Felipão, anda devendo nos últimos anos	**3** Mano teve todo tempo do mundo e jogadores que pediu para conquistar a Libertadores. Não conseguiu	**4** Tricampeão brasileiro, não apresenta a mesma eficiência fora do São Paulo
LIDERANÇA Envolve principalmente a capacidade de comunicação. De um lado, para motivar e ganhar a confiança da equipe, coordenar os assistentes e alinhar o trabalho com seus superiores. Do outro, para representar publicamente a seleção e manter um bom diálogo com imprensa e torcedores	**5** Reconhecido como um bom líder, meio paizão, sabe motivar e conquistar a confiança dos jogadores	**3** De jogador tornou-se executivo e então técnico. É admirado e respeitado por dirigentes e jogadores do Milan	**2** Tem o respeito dos jogadores pelo que conquistou, mas chama muito a atenção para si e costuma ser áspero quando questionado	**4** É um líder de bastidor. Equilibrado e seguro, transmite confiança aos atletas	**4** Tem o respeito dos jogadores pelo que conquistou, mas chama muito a atenção para si e costuma ser áspero quando questionado
COMUNICAÇÃO Técnico da seleção é praticamente um cargo público. Dar entrevistas, escutar reclamações, tudo em rede nacional, fazem parte do ofício. Ele tem que representar publicamente a seleção e manter um bom diálogo com imprensa	**3** Um dos primeiros a trabalhar com assessoria de imprensa, consegue preservar bem sua imagem. Nas coletivas, é tosco, mas mais educado que o Dunga	**5** Elegante, sorridente e educado, daria um ótimo Relações Públicas. Sem falar que arrancava suspiros no San Siro	**2** Horas de media trainning, das quais costuma se gabar, não foram suficientes para que aprendesse a ser educado nas entrevistas	**4** Twitteiro e blogueiro, fala bem com diferentes públicos. Nas coletivas, transmite confiança e austeridade	**2** Fala o que dá na telha. Logo, costuma se indispor com jornalistas. Está tentando melhorar, mas tem pavio curto. Dunga mostrou que não ajuda
IDENTIDADE É fundamental ter interesse e admiração pela seleção, entender sua importância para o país e comportar-se à altura deste símbolo nacional. A familiaridade com as idiossincrasias da CBF também pode ajudar bastante no dia a dia	**5** Tem forte identificação com a seleção. Em dois no comando do time, conquistou o apoio da população, a confiança de dirigentes e a Copa de 2002, última do Brasil	**4** Atuou na seleção por 11 anos como jogador, foi tetracampeão em 1994 e vice em 1998	**2** Treinou a seleção de 1998 a 2000, disputou Copa América e Olimpíadas. Ainda é próximo do presidente da CBF. Mas é pouco idôneo e vive envolvido em gafes e escândalos	**2** Nunca treinou ou jogou pela seleção. Andrés Sanchez, presidente do Corinthians, é um amigo em comum com Ricardo Teixeira	**0** Nunca treinou e nem jogou pela seleção brasileira
TOTAL	**23**	**15**	**19**	**20**	**19**

FOTO DA SEMANA

FOTO SERGIO PEREZ/REUTERS

Balada infinita. Desde a conquista do título mundial até a chegada do time ao país, a população não parou de comemorar nas ruas. Os *campeones* desembarcaram 12 de julho e, no fim do dia, caíram nos braços de mais de 1 milhão de espanhóis ensandecidos. Uma festa bonita e merecida.

BATE-BOLA

Belarmino Iglesias, espanhol dono do Rubaiyat

FOTO GLADSTONE CAMPOS

O senhor acompanha futebol?
Sou ligadíssimo. Torço para o Corinthians aqui e Real Madrid na Espanha. Na minha cidade *(Lugo, na Galícia)*, para o La Coruña.
O senhor acreditava na vitória da Espanha nessa Copa?
Essa equipe ganhou a Eurocopa e mas começou muito mal, parecia que a história iria se repetir, caindo nas quartas.
Quando o destino começou a mudar?
Com certeza, depois que ganhou com a Alemanha, que foi um grande time e jogou muito bem, limpo o tempo todo. Ao contrário da Holanda, que jogou sujo inclusive contra o Brasil.
Onde o senhor estava na final?
Na Galícia. Depois do jogo, saí para a rua. O que se viu em Madri aconteceu igual em todas as cidades da Espanha. A cervejaria Estrella Galicia estava para perder um grande lote por causa da validade. Com a vitória, acabou o estoque deles *(risos)*.
É verdade que o título suplantou desejos separatistas?
Sim. Não há catalães, não há bascos, somos todos espanhóis. Só o futebol faz isso. Somos campeões no tênis, mas não é igual.
Quem foi o destaque no time?
O portero *(goleiro)*. Quando ele *(Casillas)* achou aquele pezinho para tirar a bola do holandês, ali eles ganharam o jogo.
Em quem o senhor aposta como favorito em 2014?
Tenho 20 anos de Galícia e quase 60 de Brasil. Com a Copa aqui, torcerei pelo Brasil. Mas vamos ver o que dirá o polvo *(risos)*.

MUSEU DO FUTURO

Polvo Paul, octópode, vidente e boleiro

Que Larissa Riquelme que nada. Apesar da concorrência inflada, o suvenir desta Copa, a cravar tentáculos em nossa memória pelos próximos anos, é o polvo Paul. Pudera. O mais ilustre morador do aquário de Oberhausen, na Alemanha, adivinhou o vencedor de oito jogos no Mundial. Convidado a palpitar — escolhendo entre duas caixas acrílicas com comida, com a bandeira dos times em duelo —, o molusco previu o desfecho de todos os jogos da Alemanha (inclusive a derrota para a Sérvia). E, ainda, fez hora extra na final: Espanha em vez de Holanda. O polvo é considerado um animal de inteligência comparável à dos golfinhos, mas ninguém tinha dito que era exímio comentarista de futebol. Seus 100% de acerto são invejáveis. No **Outlook**, Paul entra para a história em respeitosa pelúcia, já que não se empalha um molusco, ensina o taxidermista Fernando Chiavenato: "Só os vertebrados". É a sua chance, Larissa!

FRASE DA SEMANA

"O título acabou sendo ruim para a entidade Flamengo Zico, diretor de futebol do clube em que brilhou, lamenta os efeitos do "quanto mais caótico, melhor" que o Brasileirão de 2009 acabou por consagrar

OPINIÃO

Phydia de Athayde

De volta ao saudoso tédio

As camisetas azuis de Loco Abreu, que o Botafogo fez às pressas depois da Copa, vendem como água. São a saideira dos efeitos da Copa. Sem brilho algum da seleção, El Loco acabou sendo a mais grata surpresa para os brasileiros no Mundial. Enquanto "o melhor reserva do mundo", já que fica no banco por Forlán, só volta ao time depois de alguns dias de folga, ao Botafogo retorna Jobson (após suspensão por doping) e chega Maicosuel. Para torcedores em crise de abstinência e para os jogadores, o Brasileirão, viva!, recomeçou.

Quer dizer, menos para Ronaldo, Dentinho e Jorge Henrique — todos fora de combate mesmo após os 40 dias de recesso. Ainda no Corinthians, o goleiro Felipe não saiu, mas mesmo assim o paraguaio Bobadilha veio para o seu lugar.

Keirrison, aquele que é do Barcelona mas nunca jogou no time, foi repatriado pelo Santos para substituir André, que irá para a Ucrânia. Outro nome badalado que volta às plagas brasileiras é Rafael Sóbis, do Al-Jazira para o Internacional — que vem com novo técnico, Celso Roth.

Finalmente o Brasileirão recomeça. Quer dizer, exceto para meio time do Corinthians — todos fora de combate mesmo após os 40 dias de recesso

A torcida do Fluminense espera Belletti enquanto ainda sonha com Deco, que prometeu deixar o Chelsea e retornar ao Brasil. No São Paulo, a revoada tem sentido inverso. Cicinho vai para a Roma e Dagoberto e Hernanes devem seguir para Atlético de Madrid e Lazio.

Kléber voltou ao Palmeiras e, se a bruxa — ou melhor, a CBF — deixar de rondar o local, Felipão será a estreia mais comemorada pela torcida. Aí, quem sabe os palmeirenses não sintam tanto a falta do Diego Souza, comprado pelo Atlético Mineiro. O clube também trouxe Fábio Costa, que há tempos não atuava no gol do Santos. Ainda em Minas, Cuca é o novo técnico do Cruzeiro, que trouxe Robert do Palmeiras.

E no Flamengo, ai ai ai... Além de ver Adriano emagrecer 3 quilos em 5 dias na Itália, o time perdeu Vágner Love e a dignidade que ainda restava, vide o descontentamento de Zico. E, incurável, agora acalenta o sonho de ter Ronaldinho Gaúcho.

Enfim. Altos e baixos, perdas e ganhos. Tudo volta ao seu lugar.

“Amo o sexo. É uma beleza. A única possibilidade humana de parar de pensar”

Domingos Oliveira

TEXTO **DANIELA PAIVA**
FOTOS **JOÃO LAET**

Face a face com dona Morte, não seria difícil imaginar Domingos Oliveira interpelando-a com algo assim: “Você está de sacanagem comigo?” Aos 73 anos, o ator, diretor, cineasta, roteirista, dramaturgo, escritor — que ainda se mete a cantor e poeta—, decidiu que esse negócio de morte é para os outros. Não serve para ele. Pois ele está bem vivo, com um livro recém-lançado, *Domingos Oliveira — Minha Vida no Teatro*, que reúne nove peças encenadas nos últimos dez anos, e uma minissérie prestes a estrear, *Anjos do Sexo*, roteiro seu baseado na peça *Todo Mundo Tem Problemas Sexuais*, na Band. O mesmo texto virou filme, homônimo, em 2008, e finalmente deve entrar em cartaz este ano. Também está na TV. Comanda o programa *Coisas Pelas Quais Vale a Pena Viver*, exibido às quartas-feiras pelo Canal Brasil. E isso é só um pequeno pedaço dos seus projetos para os próximos 20 anos, como você lerá nas próximas páginas do **Outlook**.

Tudo bem que a briga com a morte é por uma boa causa — sua arte futura, essa coisa que o faz escrever sem parar e querer voltar a atuar correndo mesmo quando a densidade dos personagens cansa, como na remontagem recente de *Do Fundo do Lado Escuro*, em que Domingos faz o exaustivo papel de sua avó. Mas, para entender a intensa vida real de Domingos Oliveira, voltemos ao passado.

Domingos faz parte da história do cinema, do teatro e da televisão brasileiras, é fato. Foram 23 peças escritas, 56 dirigidas, dois livros, seis traduções, 13 longas, quase 50 telefilmes como diretor ou roteirista. Sem contar as cenas inesquecíveis, como quando o ator Pedro Cardoso entrou vestido de piroca em *Todo Mundo Tem Problemas Sexuais*. Tudo sério, muito sério, mas engraçadíssimo. Domingos ganhou prêmios, muitos deles. Sem querer, deu uma rasteira no Cinema Novo em 1966 com *Todas as Mulheres do Mundo* — sucesso de público, ainda levou quase todas as estatuetas do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Pra não falar de amores... Tantos! Quatro casamentos, um deles revolucionário para a época, com Leila Diniz mocinha, aos 17 anos. O que perdura até hoje é com a atriz e roteirista Priscilla Rozenbaum. No meio do caminho, veio Maria Mariana, a única filha, artista (claro!), que lhe deu quatro netos. E o coração sossegou? Que nada! A paixão é como a morte, está ali sempre à espreita, aguardando uma oportunidade. Ela, sim, é bem-vinda, companheira nas questões que permearam filmes e peças como *Amores* (1998) e *Separações* (2002). Já a morte, não. Fique longe, bem longe!

VIDA

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Momento terno em família: Maria Mariana (esq.), Domingos e Priscilla Rozenbaum (dir.)

Um de seus últimos filmes, *Juventude* (2008), aborda a velhice. Vamos falar dela?
Sim, é o grande tema. Estou preocupado.

Toma remédios?
Sim, tem umas coisinhas me incomodando. Com a velhice é impossível não ter *(que tomar remédio)*. Os anos passam e ela vai destruindo o corpo. Eu, por exemplo, não estou conseguindo ler. Meus olhos focam por cinco minutos, depois saem do foco. Estou bem de saúde, não posso me queixar, mas o tempo passa muito rápido. Eu não acredito na idade que tenho. Não acredito.

Perceber essa passagem do tempo te angustia?
Claro. A morte é unânime, estéril, difícil de encarar como realidade. Na minha idade, tenho de levá-la em consideração seriamente. Por dentro não sinto nada disso. Me sinto jovem, começando a entender um pouquinho das coisas. Quando me olho no espelho, levo um susto. Vejo meu pai.

Parou de fumar?
Não, eu fumo. Aos 73 anos, tudo faz mal. Não sinto dores no peito, só fumo. Bebo pouco porque não fico mais bêbado. Tomo quatro, cinco copos de uísque, e *(a bebida)* não mexe em nada na minha consciência. Então, não bebo mais. Quando dou entrevistas, tomo um, dois copinhos porque não adianta nada. Só faz cansar um pouco. Mas vou te contar: nos últimos quatro anos eu não fui ao médico. Parei. Não faço exames. Só quando estou com pneumonia ou algo dói. Porque aos 73 anos, se você procurar, acha. Vou ficar preocupado e morrer antes da hora. Gostaria de morrer entre um passo e outro.

Já pensou no que quer escrito na lápide?
Não quero nem saber da lápide. Sou contra a morte. Acho um desaforo, uma ignomínia da natureza, uma sacanagem de Deus. Impossível de aceitar.

Acredita em Deus?
Infelizmente essa sensação nunca chegou até mim. Nunca me foi dada a possibilidade de crer. Tem gente que acredita, tem gente que não acredita. É uma questão genética, eu acho. Deus é a ideia mais poética, fértil, que o homem jamais pensou. Eu sei da existência dele, mas ele não sabe da minha. De uns anos pra cá, resolvi carregar a seguinte posição: eu não sei, não morri nunca. Pode ser. Se houver qualquer coisa do outro lado, ótimo. Mas acho altamente improvável.

E o sexo aos 73 anos?
Vai bem. Eu amo o sexo. É uma beleza. A única possibilidade humana de parar de pensar. A pornografia é o sexo sem sentimentos, a mentira, a invenção da sociedade de consumo. Não há nada que traga mais emoção do que o sexo. É uma coisa que mobiliza as pessoas profundamente. É uma bênção, assim como a juventude. Toda a defesa da velhice, da idade madura, é pura demagogia. É claro que você perde mais do que ganha. Estou mais inteligente, lúcido, agudo, delirante. Você ganha o estar face a face com a morte. E isso é extremamente estimulante.

Estimulante?
É, a vida se transforma numa coisa preciosa. Estou aproveitando essa entrevista ao máximo, e sou assim em todos os momentos da minha vida.

Mas e o sexo?
Ficou muito pior. Não tem pílula que resolva isso. A juventude é incomparável. Mas nem tudo é sexo. Ele é quase, quase tudo, mas não é tudo. O que mais gosto de fazer atualmente é cantar. Adoro. Me atirei, e hoje estou bastante afinado. Corro o risco até de acabar cantando bem. *(Desde 96)* Tem os Cabarés Filosóficos, que misturam músicas, mulheres bonitas e um pouco de humor, e também faço shows com músicas minhas pelo menos uma vez por mês a cada seis meses.

Vamos falar um pouco de família. Que tipo de avô você é? *(Sua única filha, Maria Mariana, deu a Domingos quatro netos.)*
Quando as crianças nasceram, combinei comigo mesmo que não me envolveria muito. Isso demorou 12 horas porque já estava completamente apaixonado. Eles são uns amores. Moram em Macaé *(RJ)*. A gente se vê pouco, a cada 15 dias. Telefono, mas prefiro manter a relação à distância para não morrer de saudade.

Como era a sua relação com Maria Mariana na adolescência? *(A filha de Domingos escreveu* Confissões de Adolescente*, que virou peça de teatro e série de televisão, baseado em seus diários.)*
Quando ela fez 15 anos, dei uma cama de casal para ela. Pensei: "Coitada da menina. Vai ter de sair de noite para ver o que a vida oferece?". Falávamos de sexo com toda a liberdade, mas nunca foi necessário falar muito sobre isso. Éramos muito amigos. E Mariana é inteligente, intelectual. Ensinei os livros, as músicas. Foi uma relação íntima e profunda.

Você está casado há 28 anos com Priscilla Rozenbaum, roteirista e atriz. Trabalhou muito com ela no teatro, no cinema. Como é isso?
É muito bom, assim como trabalhar com a filha. Você precisa conhecer as pessoas, principalmente no teatro. Quanto mais você conhece, maior a profundidade, o rendimento artístico. Mas ela cansou de trabalhar comigo. Agora, só com um papel muito bom.

Você costuma discutir a relação tanto quanto seus personagens?
Não. Discuti muito quando bem jovem. Depois, não. Sou um homem que sempre quis ser solteiro, e a minha vida inteira fui casado. Para você ver a grande diferença entre a vontade e o desejo. Acho o casamento um inferno. É uma relação extremamente conflituosa. Tira muito a liberdade, não pode ver

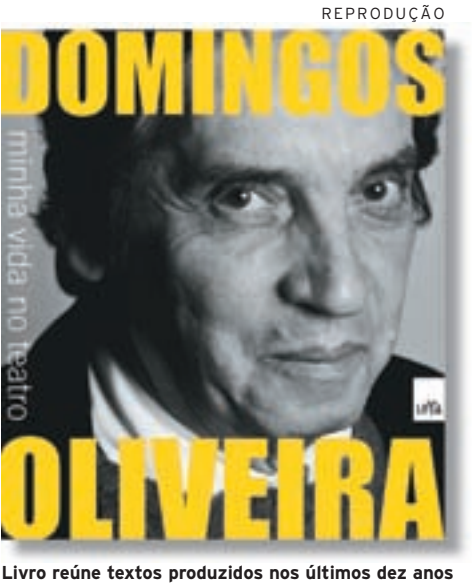
Leila Diniz foi uma de suas musas. Aqui, com Paulo José no filme *Edu Coração de Ouro*

Por dentro, não sinto nada disso. Me sinto jovem, começando a entender um pouquinho das coisas. Quando me olho no espelho, levo um susto. Vejo meu pai

VIDA

REPRODUÇÃO

Livro reúne textos produzidos nos últimos dez anos

Trepada boa a gente se apaixona. Impossível não se apaixonar. O amor é o efeito colateral do sexo. E aí reside o problema

outras pessoas. Mas cansei de discutir. As bobaginhas eu já sei, como que amar duas mulheres ao mesmo tempo é muito difícil. O amor é uma coisa séria. Eu amo muito.

Sempre foi fiel?
Sempre infiel, o que é uma grande dificuldade. O sentimento de culpa... Meu eu mais profundo almeja uma fidelidade, mas é praticamente impossível ser fiel. É impossível também não ser. É um eterno conflito. O casamento não é para fazer ninguém feliz. Ele dá outras coisas, companhia, entendimento, cumplicidade. Paz, não. Ela é um atributo da solidão. No amor, não há paz.

E como conseguiu ficar tanto tempo com a Priscilla?
Quisemos nos separar todo tempo. Até hoje. Mas a gente se gosta muito. Parece que foi ontem, juro. Não tenho essa noção do tempo. Para ela deve ser mais cansativo. Viver comigo não deve ser fácil. Ficamos um ano separados, e eu trato disso com fidelidade em *Separações (2002)*, que é meu melhor filme. Atualmente está muito difícil para mim ser infiel. Mesmo que as pessoas não queiram ter ciúmes, elas têm. Mulher quer casar, homem quer trepar, tem o pau na cabeça e foi feito para isso. Essa redução cai na boca de qualquer pessoa como se houvesse uma vida de pesquisa sobre isso... No meu caso, tem *(risos)*.

Você se apaixona muito?
Não com tanta facilidade, mas me apaixono bastante. Paixão é transcendência. Todas as pessoas são interessantes. Se você não achar uma interessante, a culpa é sua. E trepada boa, a gente se apaixona. Impossível não se apaixonar. O amor é o efeito colateral do sexo. E aí reside o problema. Porque teoricamente todo mundo te dá liberdade, mas na prática não vai. O amor pede apenas uma coisa: a plenitude.

Você foi casado com Leila Diniz *(atriz, quando ela tinha 17 anos)*. O que você guarda de mais precioso dessa relação?
Nunca falei muito sobre isso porque, quando ela morreu, estabeleci a minha posição contra a morte. Acho uma coisa absurda ela ter esse direito *(Leila morreu em um acidente de avião em 1972)*. Tive uma relação excelente com ela, de grande paixão, antes de ser Leila Diniz. Mas já estava tudo dentro. Ela era uma revolucionária, mulher deliciosa, alegre. Uma pena que tenha morrido. Até hoje não me conformo.

E por que se separaram?
Por causa da infidelidade. Eu era galinha demais. Sofri muito — e sofri mais quando me separei da Priscilla. Ser galinha não é uma coisa controlável porque não é premeditado. Me dou bem com as mulheres, gosto das mulheres. Tenho muitas amigas. Já estou teu amigo. Para mim, é fácil.

E ser Domingos Oliveira ajuda na hora de angariar recursos, patrocínio?
Não. Para mim, é quase impossível conseguir patrocínio. Tenho um roteiro que considero o melhor que escrevi até hoje, chama-se *Inseparáveis*, e é a continuação de *Separações*. Já entrei em três ou quatro concorrências *(e nada)*. Tem um lado *(do cineasta veterano)* em que você é muito celebrado nos lugares que você vai, bem tratado. Mas o preconceito contra o velho é evidente, muito violento.

***Todo Mundo Tem Problemas Sexuais (2008)* não entrou em cartaz nos cinemas. Por quê?**
Por uma série de circunstâncias, como dificuldades financeiras. Conseguimos agora fazer o transfer *(de digital)* para 35 milímetros. Acho que vai surpreender porque já fiz muitas versões experimentais em comunidades pobres, de gente mais simples, e era um gargalheiro geral. O filme é um estudo sobre a relação do cinema com o teatro. Começa com todos os atores entrando em um teatro que construí dentro do Teatro Dulcina *(RJ)*, que estava destruído, e os contos todos são narrados entre o teatro e a realidade. Acho que quebro um pouco a cara. A peça era muito melhor.

Em geral, o livro é melhor do que o filme. A peça é melhor do que o filme?
Não. O filme é melhor porque passa pelo crivo da peça. Já se conhece bem aquela história. O que resta é realizar com propriedade. *Separações (baseado em peça homônima)* sem dúvida é melhor, assim como *Amores (1998, peça homônima)*, *Feminices (2004, baseado na peça Confissões das Mulheres de 40)*, *Carreiras (2005, baseado na peça* Profissão Âncora*)*.

Então o teatro é mais difícil.
Dificílimo. O cinema perto do teatro parece pílula. No cinema, quando o filme está chato, você pode sempre cortar para a paisagem, pular no tempo. É a vida sem as partes chatas. Existem muitas armas. No teatro, é só homem, e mais nada. Mais que isso: é só o que o homem fala e faz. Adoro essa visão do homem: o homem é aquilo que ele faz e o que ele diz.

E o teatro no Rio de Janeiro?
Aqui acabou o público. Os stand-ups até conseguem, mas fora isso está muito difícil. A crítica é de baixíssima qualidade. Apesar de que o teatro foi muito generoso comigo. Tive um sucesso a cada quatro fracassos, o que é uma maravilha. Não tenho nada, apartamento, carro. Nunca quis ter. Tenho algum dinheiro no banco que é o suficiente para viver se parar de ganhar. Não estou à venda.

Quais são os maiores problemas?
Estruturais. É um absurdo como a realização de teatro e cinema é toda baseada em *(leis de)* renúncia fiscal. Os incentivos têm dois defeitos. Um é que inflaciona o mercado. O teatro ficou muito mais caro do que era, e o cinema, dez vezes mais. Cria uma concorrência desleal. Estreio uma peça ao lado de um cara que tem patrocínio de R$ 3 milhões. E o que é muito mais sério: prejudicou muito o cinema de arte, autoral.

Em São Paulo seria mais fácil?
São Paulo é uma maravilha. Tinha vontade de morar em São Paulo, de ser paulista. É muito melhor do que o Rio para trabalhar. O movimento é imenso, interessante. Estou doido para ver o Antunes *(Filho, diretor de teatro)*, que tem um brilho que se equivale a São

FOTO ARQUIVO PESSOAL

Com Priscilla Rozenbaum, sua mulher há 28 anos. Rompimento inspirou o filme *Separações* (2002)

Paulo. Uma peça séria faz sucesso em São Paulo. No Rio, ela é um fracasso.

E o que acontece com o cinema?
Não interessa mais se a plateia gosta ou não. O dinheiro da bilheteria não tem a menor importância. 95% dos filmes brasileiros não se pagam *(com bilheteria)*. O filme pode ser de qualquer coisa. Se sair o patrocínio, está bom. Você mama na boca. Para mim não, que sou artista e não entro nessa.

E essas bilheterias da Globo Filmes, de *Se Eu Fosse Você 2 (6 milhões de espectadores)*?
Não gosto de falar dos filmes da Globo Filmes porque adoro o Daniel Filho. Ele criou a televisão moderna brasileira. Foi meu colega de colégio e o vi estrear na TV Globo. E agora criou o cinema mainstream, para não dizer comercial. Os autores, que fazem arte pela necessidade interna de fazê-lo — ou fazem ou morrem —, não se interessam por esse tipo de cinema.

E o 3D?
O 3D tomou conta de tudo, que é uma mágica besta, igual à dos anos 50. E o efeito é pequeno mesmo, não é espetacular. As pessoas esquecem que o filme é em 3D depois de 20 minutos que ele começou. Não quero falar disso não. É um assunto amargo, político. É preciso que entrem produtores inteligentes no mercado, e que o dinheiro do governo seja usado para infraestrutura. A arte é uma utilidade pública. Atualmente, você nem manda o roteiro para os editais. Só interessam quem são os atores, quais as condições que você tem de dinheiro.

Tem uma fórmula, uma equação correta?
Seria que o governo encaminhasse o dinheiro através de um colegiado de artistas. Falta uma noção do governo da importância da arte. Que gente forte e viril feito o Juca *(Ferreira, ministro da Cultura)* e mesmo o *(presidente)* Lula entendam a importância social da arte. A arte é uma coisa de autoajuda. Ela é a maior das professoras. Não sei o que é a guerra, mas se eu vi um pouco dela foi por filmes como *Guerra ao Terror*, que ganhou o Oscar e é ótimo. Provocativamente, preconizo o Ministério da Arte.

O da Cultura não é suficiente?
A cultura refere-se ao passado de modo geral, ao que foi sagrado pelo tempo e pela maioria. A arte é diferente, ela é locomotiva. Ela puxa a cultura.

Nesse Ministério da Arte, quem poderia julgar o que é bom ou não?
Eu. Eu e qualquer pessoa comprometida, de formação humanista. Esse negócio de dizer que a arte é subjetiva é uma mentira deslavada, uma indecência. Qualquer criança sabe dizer o que é belo ou não é. A mentalidade é dar ao povo o que ele quer, e a missão do artista é dar o que ele precisa. O que vai melhorar a vida dele.

Quem seria o ministro?
Bota o Aderbal *(Freire, diretor de teatro)* que está bom. O Antunes em uma semana resolvia tudo. Mas bota um artista. Para entender da arte, os artistas entendem.

FOTO ARQUIVO PESSOAL

Com Pedro Cardoso, durante as filmagens de *Todo Mundo Tem Problemas Sexuais*

O Gilberto Gil não foi bom?
Querida, política é uma coisa complicada. O Lula diminuiu os problemas do país e por isso merece um respeito enorme, mas eu preciso saber que ideias tem a Dilma *(Rousseff, candidata à presidência)* sobre a arte — provavelmente nenhuma. Não voto em ninguém antes de a pessoa aparecer na minha frente dizendo o que acha da arte e o que vai fazer por ela. Sou um soldado da arte.

Mas você votou no Lula nas últimas eleições? Os projetos do governo ligados à arte te deixaram satisfeito?
Votei. Foram muito modestos. E é muito errado manter essas leis sem conhecimento de causa.

E a TV, onde fica nessa conta?
A melhor definição foi dada por *(Federico)* Fellini: é um eletrodoméstico. Não tem nenhum compromisso com a cultura. Trabalhei 20 anos, aprendi muito, fiz coisas ótimas. Alguns dos meus melhores trabalhos foram feitos na televisão. Mas é um horror. Vejo filmes e *House (série norte-americana sobre um médico mal-humorado)*. O último capítulo é sensacional. Você viu? Eles levam a sério. Não é uma obra-prima, mas é ótimo... *(Ele começa contar o episódio.)*

Acompanha os blockbusters?
Alguns são bons, mas estão cada vez piores. Insuportáveis. Gosto muito de *Titanic*. Adoro. É um filme importante. Prova que 800 pessoas mortas valem um grande amor. Os bons cineastas americanos são muito bons até hoje. Apesar de James Cameron *(*Titanic*)* ter feito *Avatar*, que é uma vergonha, chatíssimo. *(Ele pede um minuto, e ouço ao fundo: 'Priscilla, dá um uísque para mim'. Logo em seguida, pede um momentinho para tomar um remédio.)* Gosto de tudo, desde que seja profundo e humano.

Não diminuiu o ritmo mesmo aos 73 anos, não é?
É o meu ritmo. Na última lista que fiz de coisas que quero fazer, teria de ter mais uns 20 anos de vida útil, mas tenho a impressão de que não vai dar. Minha mulher se queixa muito, mas meu método é a obsessão. Tenho seis roteiros prontos para cinema. Também estou escrevendo uma comédia, incentivado por esse último filme do Woody Allen, que eu adorei — *Tudo Pode Dar Certo*. É uma maravilha. Terminei aos prantos.

> **"Não voto em ninguém antes de a pessoa aparecer na minha frente dizendo o que acha da arte e o que vai fazer por ela. Sou um soldado da arte**

O Woody Allen diz que pretende não atuar mais nos próprios filmes. Pensa o mesmo?
Tenho a impressão de que não. Estava em cena agora fazendo um papel pesado, o da minha avó *(na remontagem de* Do Fundo do Lado Escuro*)*. Às vezes o esforço físico era grande. O teatro gasta, né? Eu ficava muito cansado. Mas eu saí de cena e, mesmo assim, estou cansado. Pretendo voltar assim que puder. A experiência do ator é das mais profundas de toda a arte. Não é brincadeira em matéria de transcendência.

***Todas as Mulheres do Mundo* foi um sucesso em 1966. Você foi chamado de alienado pelo Cinema Novo por causa da leveza. Algum ressentimento?**
Nenhum. Gostava muito deles. Glauber *(Rocha)* em *Deus e o Diabo na Terra do Sol (1963)* é uma maravilha, *Terra em Transe (1967)* também. Era um gênio. Mas eram um pouco bestas. Achavam esquisito um cara romântico. Sou politizado, mas política, que é o que mais sai nos jornais, não é a coisa mais importante do mundo.

MAKING OF

Dois dedos de uísque e um desejo: "Hoje sonhei em fazer a entrevista que nunca fiz", disse Domingos Oliveira. Este bate-papo ocorreu na segunda-feira à noite, por telefone. De um lado, o ator, cineasta, diretor, escritor, roteirista (ufa!) bebericava seu drinque e lutava contra a bateria fraca do equipamento, que provocou inúmeras interrupções. Do outro, eu, uma surda confessa, buscava decifrar as dobraduras na voz grave do artista. Para a minha sorte, como ele fala! Algumas histórias ficaram de fora, como quando ele tomou um ácido nos anos 70 durante um voo para Brasília ("Nunca vi tanta beleza, as nuvens, os castelos!"). Conversar com Domingos é, sem dúvida, uma agradável viagem. É como se você estivesse numa cena de *road movie*, com o melhor amigo sentado no banco do passageiro.

FOTO TASSO MARCELO/AE

Além de tudo, um poeta

Queira o Deus dos amores e dos atores
Que seja belo o dia da minha amada
da namorada da minha vida
Confirmada pela avalanche dos anos
desenganos eu outros feitos
Tempos de flores,
juntos passados no mesmo leito
Enfrentando paixões ou ameaças variadas
De mãos dadas diante de dragões ou fadas
de peito aberto, sempre perto
sem perder nunca o caminho certo

Trecho de poema inédito de Domingos Oliveira, escrito para Priscilla Rozenbaum (foto do quadro), no Dia dos Namorados, em 2004